

COLEÇÃO APLAUSO TEATRO BRASIL

QUATRO **TEXTOS** E UM ROTEIRO

COSMOGONIA-EXPERIMENTO Nº1

SOBRE **VENTOS** NAS **FRONTEIRAS**

TRANSEX

KASPAR **OU** **TRISTE** HISTÓRIADO

PEQUENO REIDO INFINITO

ARRANCADO **DE** SUA **CASCADEN** OZ

O **VENTO** NAS **JANELAS**

O TEATRO DE

RODOLFO GARCÍA VÁZQUEZ

Imprensa Oficial

Quatro Textos e um Roteiro

Cosmogonia – Experimento n° 1

Sobre Ventos nas Fronteiras

Transex

**Kaspar ou a Triste História do
Pequeno Rei do Infinito Arrancado
de sua Casca de Noz**

O Vento nas Janelas

Quatro Textos e um Roteiro

Cosmogonia – Experimento nº 1

Sobre Ventos nas Fronteiras

Transex

**Kaspar ou a Triste História do
Pequeno Rei do Infinito Arrancado
de sua Casca de Noz**

O Vento nas Janelas

Rodolfo García Vázquez

| imprensaoficial

São Paulo, 2010

GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO

Governador Alberto Goldman

imprensa**oficial** Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Diretor-presidente Hubert Alquéres

Coleção Aplauso
Coordenador-Geral Rubens Ewald Filho

No Passado Está a História do Futuro

A Imprensa Oficial muito tem contribuído com a sociedade no papel que lhe cabe: a democratização de conhecimento por meio da leitura.

A Coleção Aplauso, lançada em 2004, é um exemplo bem-sucedido desse intento. Os temas nela abordados, como biografias de atores, diretores e dramaturgos, são garantia de que um fragmento da memória cultural do país será preservado. Por meio de conversas informais com jornalistas, a história dos artistas é transcrita em primeira pessoa, o que confere grande fluidez ao texto, conquistando mais e mais leitores.

Assim, muitas dessas figuras que tiveram importância fundamental para as artes cênicas brasileiras têm sido resgatadas do esquecimento. Mesmo o nome daqueles que já partiram são frequentemente evocados pela voz de seus companheiros de palco ou de seus biógrafos. Ou seja, nessas histórias que se cruzam, verdadeiros mitos são redescobertos e imortalizados.

E não só o público tem reconhecido a importância e a qualidade da Aplauso. Em 2008, a Coleção foi laureada com o mais importante prêmio da área editorial do Brasil: o Jabuti. Concedido pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), a edição especial sobre Raul Cortez ganhou na categoria biografia.

Mas o que começou modestamente tomou vulto e novos temas passaram a integrar a Coleção ao longo desses anos. Hoje, a Aplauso inclui inúmeros outros temas correlatos como a história das pioneiras TVs brasileiras, companhias de dança, roteiros de filmes, peças de teatro e uma parte dedicada à música, com biografias de compositores, cantores, maestros, etc.

Para o final deste ano de 2010, está previsto o lançamento de 80 títulos, que se juntarão aos 220 já lançados até aqui. Destes, a maioria foi disponibilizada em acervo digital que pode ser acessado pela internet gratuitamente. Sem dúvida, essa ação constitui grande passo para difusão da nossa cultura entre estudantes, pesquisadores e leitores simplesmente interessados nas histórias.

Com tudo isso, a Coleção Aplauso passa a fazer parte ela própria de uma história na qual personagens ficcionais se misturam à daqueles que os criaram, e que por sua vez compõe algumas páginas de outra muito maior: a história do Brasil.

Boa leitura.

Alberto Goldman

Governador do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso

O que lembro, tenho.
Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, visa resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas de cinema, teatro e televisão. Foram selecionados escritores com largo currículo em jornalismo cultural para esse trabalho em que a história cênica e audiovisual brasileiras vem sendo reconstituída de maneira singular. Em entrevistas e encontros sucessivos estreita-se o contato entre biógrafos e biografados. Arquivos de documentos e imagens são pesquisados, e o universo que se constitui a partir do cotidiano e do fazer dessas personalidades permite reconstruir sua trajetória.

A decisão sobre o depoimento de cada um na primeira pessoa mantém o aspecto de tradição oral dos relatos, tornando o texto coloquial, como se o biografado falasse diretamente ao leitor.

Um aspecto importante da *Coleção* é que os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que também caracterizam o artista e seu ofício. Biógrafo e biografado se colocaram em reflexões que se estenderam sobre a formação intelectual e ideológica do artista, contextualizada na história brasileira.

São inúmeros os artistas a apontar o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida, deixando transparecer a firmeza do pensamento crítico ou denunciando preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando nosso país. Muitos mostraram a importância para a sua formação terem atuado tanto no teatro quanto no cinema e na televisão, adquirindo, linguagens diferenciadas – analisando-as com suas particularidades.

Muitos títulos exploram o universo íntimo e psicológico do artista, revelando as circunstâncias que o conduziram à arte, como se abrigasse em si mesmo desde sempre, a complexidade dos personagens.

São livros que, além de atrair o grande público, interessarão igualmente aos estudiosos das artes cênicas, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o processo de criação que concerne ao teatro, ao cinema e à televisão. Foram abordadas a construção dos personagens, a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns deles. Também foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferença entre esses veículos e a expressão de suas linguagens.

Se algum fator específico conduziu ao sucesso da *Coleção Aplauso* – e merece ser destacado –,

é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

À Imprensa Oficial e sua equipe coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica e contar com a disposição e o empenho dos artistas, diretores, dramaturgos e roteiristas. Com a *Coleção* em curso, configurada e com identidade consolidada, constatamos que os sortilégios que envolvem palco, cenas, coxias, sets de filmagem, textos, imagens e palavras conjugados, e todos esses seres especiais – que neste universo transitam, transmutam e vivem – também nos tomaram e sensibilizaram.

É esse material cultural e de reflexão que pode ser agora compartilhado com os leitores de todo o Brasil.

Hubert Alquéres

Diretor-presidente

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Do Cosmo ao Quarto

Se a permanência da dramaturgia reside na persistência, no homem, do desejo de contar histórias, em muitos casos esse desejo vem acompanhado da necessidade de expressar, por meio da palavra de ficção, aquilo que testemunhamos do mundo que nos cerca. Podemos dizer que isso define, em primeira instância, a dramaturgia de Rodolfo García Vázquez. Em seus textos evidencia-se um interesse não apenas de constituir a fábula, mas também de dizer algo sobre o homem, que aparece neles desmembrado em múltiplas dimensões. As peças que constituem este repertório, cada uma tem sua gênese, uma razão que o motivou a escrever.

11

A par esse interesse pela natureza humana e pelo homem em sociedade, os textos de Rodolfo Vázquez têm ainda um constituinte peculiar: estão contaminados por resíduos da realidade que cerca o autor. Suas personagens correspondem muitas vezes a pessoas reais com as quais Rodolfo convive e suas fábulas dramáticas reproduzem episódios vividos ou relatados por elas. Pensando no texto-espetáculo – quando a peça sai do papel e constitui a escrita cênica –, essas interferências ganham materialidade com a eventual presença física dessas pessoas

na área de jogo, fazendo as vezes delas mesmas ou parafraseando a si próprias.

A existência d'Os Satyros no miolo da Praça Roosevelt tem sido um fator de vivência não apenas para a dramaturgia de Rodolfo, mas para toda a produção do grupo, uma vez que o ambiente do entorno, a princípio hostil, foi sendo conquistado por essa trupe destemida, insuflada pela vontade de envolver e sensibilizar os habitantes do local.

12 A contaminação mútua – entre Os Satyros e a praça – também se revela na presença constante de temas vinculados ao homoerotismo, ao travestismo, à transexualidade: são tanto ecos do entorno como evidências da orientação sexual e afetiva de seus diretores-dramaturgos.

Outra dominante do teatro de Rodolfo é conter já no papel muito do grotesco que emergirá na cena sob a batuta de sua direção. Suas peças sempre contemplam os bastidores, o *bas fond*, o interior escuro, as margens, que são tema e cenário das tramas e dramas humanos que retrata. Essa dominância também aparece na escolha dos outros autores que Rodolfo opta para suas direções n'Os Satyros – Valle-Inclán, Sade, Büchner, Nelson Rodrigues... – tornando o grotesco, tanto em sua dimensão cômica quanto em sua faceta sinistra, uma característica estilística das

obras do grupo. Na dramaturgia de Rodolfo, o estranhamento provocado pelas figuras grotescas que ele dispõe em cena como personagens é um dos elementos que permitem, por contraste, a averiguação das desumanidades que contaminam a nossa civilização, em todos os níveis.

Na coletânea que ora apresentamos, podemos traçar um caminho que cumpre um trajeto do mais elevado ao mais simples, do nível mais transcendente – onde convivem a filosofia e a religião –, ao asfalto, onde transita o Homem Comum. Os exemplos da dramaturgia de Rodolfo aqui selecionados permitem abarcar os principais delineamentos de seu teatro, no âmbito mais amplo de suas realizações cênicas.

13

Cosmogonia – Experimento nº 1 (2004) abre a coletânea. Para testemunhar os instantes derradeiros de um homem em coma, Vázquez constrói uma fantasia que reúne o doente, os enfermeiros que o assistem e figuras míticas como as Moiras e a Musa Calíope, *a de bela voz*. O que vemos em cena é a tripla dimensão de um homem agônico, na condição clínica de sua enfermidade. É um homem de quem ouvimos fragmentos de seu psiquismo alerta, pela descrição do que pensa, percebe e registra, mas é também um Homem universal que vislumbramos ali, ecoando a busca de sentidos para a existência.

As rubricas sugerem uma ambientação etérea, lugar abstrato e transcende – no espetáculo dirigido por Vázquez, a cenografia constituída por panos, balões de gás, luzes azuladas e penumbrosas, aliada a uma sonoplastia envolvente, dava conta desse propósito. As rubricas são literárias, na medida em que têm qualidade narrativa, e não apenas instruções para a cena.

14

Somos levados a entender a peça como a descrição de uma epifania, o momento da morte como uma reintegração do homem ao Cosmo, condição que aparece explicitada na cena do encontro entre o agonizante e Calíope, musa da epopeia, a mais velha e sábia entre as nove irmãs. As Moiras (que na indicação do autor deverão ser conduzidas pela mesma atriz que encarna Calíope) regem o tempo do espetáculo. São 49 minutos de agonia, antes do suspiro final.

A intenção filosófica, transcendente, da peça é reforçada por uma dominante lírica, com as personagens lembrando suas origens e tomando do acervo mítico os conteúdos que se prestam à situação terminal da personagem. Assim fala-se do tempo, da memória, do amor, da gênese e do fim.

A segunda peça da coletânea aponta para uma direção totalmente oposta a *Cosmogonia*, mas

é também uma fabulação que brinca com referências fora do teatro. Não mais os relatos míticos, mas o cinema. *Sobre Ventos na Fronteira* adere ao roteiro de *Casablanca* em seus traços essenciais: a fábula, as personagens e a ambientação bebem nessa fonte, mas escapam dela na sua configuração final. A começar pelo fato de que as personagens se reúnem em um lugar indefinido – não é Casablanca, mas preserva a característica de ser um lugar de passagem, um posto avançado de transição entre um lugar de onde se quer fugir e outro para onde se deseja ir, no sentido figurado entre a opressão e a liberdade. As personagens que estão em cena remetem, até por seus nomes, aos protagonistas de *Casablanca*: Rick, Lázaro, Elisa e Sam são francamente clonados, no nome pelo menos, de seus antecedentes fílmicos Rick, Lazlo, Ilsa e Sam, aquele que toca o clássico *As Time Goes By*, moldura sonora para o romance entre Humphrey Bogart e Ingrid Bergman.

Como no filme, há uma disputa por salvo-condutos e o reencontro entre ex-amantes no Bar do Rick; há ainda a figura de um policial corrupto e de um facínora, papel que, no cinema, pertencia ao sinistro Peter Lorre. Mas na peça de Rodolfo Vázquez as coincidências terminam por aqui. Há um deslocamento proposital no jogo de xadrez

representado pelas personagens, com a introdução de um par de forasteiros, assumindo o lugar do casal ansioso por obter os salvo-condutos, de uma prostituta, Ivete, e da irmã de Samul, Valdivia, figura um tanto ambígua, que funciona como uma comentadora muda e funesta das desgraças que acometem os protagonistas. Mas, sobretudo, há uma mudança radical na índole das personagens. Não há nobreza nessa Elisa, nem em Lázaro, ou em Rick, e mesmo o casal de forasteiros entrega a dignidade em troca do tão desejado documento. É como se fosse uma continuação de *Casablanca*, passado algum tempo, com suas personagens, agora, decadentes, desonradas e vis.

16

Rodolfo Vázquez escreveu *Sobre Ventos na Fronteira* em colaboração com o elenco, oferecendo-lhe um roteiro de cenas que foram preenchidas com as improvisações dos atores e, depois, formatadas por ele na versão final. O resultado é uma peça que, beirando o pastiche, transforma-se num drama constituído por personagens mesquinhas em disputa feroz pela sobrevivência.

Se *Sobre Ventos na Fronteira* remete a um melodrama extraído do clássico do cinema, na via contrária, *Transex* é uma fantasia que poderia perfeitamente ser transposta para as telas como uma tragicomédia delirante e surpreendente.

Delirante porém verdadeira, sendo essa uma de suas surpresas: a história da peça é levada ao palco extraída diretamente do relato de uma figura de carne e osso, habitante do entorno da Praça Roosevelt. Para contar essa fábula de uma travesti apaixonada por um anjo, Rodolfo Vázquez reproduz o ambiente coquete das travestis, com sua exuberância e linguajar próprios, deixando vislumbrar, no entanto, o lado sombrio que as aparências escondem.

Por meio de assuntos aparentemente banais, como cirurgias plásticas e ataques de ciúmeira, o autor oferece um desenho de traço preciso dessa população à *margem*. As personagens de *Trans-sex* são seres cuja humanidade emerge de suas buscas por identidade e, nesse viés, a definição do gênero é um dos motivos que congregam a todos na peça, com exceção da personagem porteiro – mas que, ainda assim, também não é aquilo que pretende ser. Apesar dessa incidência, a sexualidade não é o principal tema; esse lugar fica destinado ao amor. Os cinco mandamentos preconizados pela personagem René apontam para o amor cortês, no que ele pressupõe de devotamento, abnegação e impossibilidade; a entrega de Teresa à fantasia do anjo flamejante, por sua vez, é promessa romântica, também impossível, de libertação dessa *quase uma mulher*,

ainda uma larva aprisionada no casulo à espera de ser borboleta.

O autor realiza um bela confluência desses elementos no desfecho inesperado, no qual, por meio de um *deus ex machina* sanguinário, sela o destino da personagem. Como em *Cosmogonia*, aqui também a peça se encerra com uma epifania.

18

A virtude de *Transex* está não apenas no fato de que algumas de suas personagens centrais estejam referidas a pessoas que existem na vida real, mas também porque realiza esse gesto tão caro aos Satyros de abrir o palco – melhor diria estendê-lo – para as imediações da Praça Roosevelt, promovendo a fusão dessas duas existências. A fábula e em especial a personagem Teresa reaparecerão, depois, em *A Vida na Praça Roosevelt*, de Dea Loher, e terá em Ivam Cabral, nos dois casos, o seu comovente intérprete.

Em *Kaspar ou a Triste História do Pequeno Rei do Infinito Arrancado de sua Casca de Noz*, o motivo da inadequação e do ser humano marginalizado é, novamente, a própria essência da personagem e ganha uma evidência maior na medida em que ao protagonista se opõe, como pano de fundo, a sociedade *ajustada* – que não aparece em *Transex*.

A ideia de escrever a peça veio quando, em passeio pela Alemanha, Rodolfo visitou o túmulo de Kaspar Hauser na pequena cidade de Ansbach, na região da Baviera, e deu-se conta de que ali estava uma boa história, perfeitamente ajustada à exploração dos temas que lhe interessava discutir, em especial questões concernentes aos processos de inserção do homem na sociedade. Mais uma vez, a peça foi escrita para o conjunto dos atores e atrizes d'Os Satyros e isso explica, em parte, o número generoso de personagens que formam o elenco (ampliado depois da primeira versão da peça, que esteve a cargo de apenas seis atores).

19

Rodolfo conta a saga de Kaspar em 36 cenas, todas tituladas (procedimento que também aparece em outras peças), fornecendo uma chave para os recortes que faz da história. Sem fugir da matriz real, o Kaspar desta ficção cumpre sua trajetória de aculturação e aniquilamento, mas as escolhas de Rodolfo destacam e agudizam os momentos críticos desse processo civilizatório, construindo uma exposição que nos faz questionar, com o protagonista, o sentido de viver em sociedade. Para atualizar na mente do espectador o episódio do século XIX, o autor lança mão de situações e personagens assimiladas à atualidade, como a presença de um skatista e

uma cena de festa, na qual se assistem a vídeos pornô e pela qual passeiam *gogo boys* e *gogo girls*. A festa remete ainda a outros trabalhos d'Os Satyros, já que é introduzida por um texto do Marquês de Sade, que fala pela boca de uma *drag queen*.

Acompanhamos o percurso de Kaspar até seu assassinato, e, para não restar dúvidas sobre o sentido da história, Rodolfo entrega à figura do Narrador – aquele que, ao longo da peça, comenta e complementa as ações apresentadas – o desfecho, em tom de fábula, de *Era uma vez...*

20 A última parte desta Antologia não é uma peça de teatro, mas um roteiro de teledrama. *O Vento nas Janelas* foi um dos episódios escritos por um conjunto de novos dramaturgos especialmente para o programa *Direções*, da TV Cultura de São Paulo. Aqui o roteirista confunde-se necessariamente com o diretor. Rodolfo escreve para a cena, como faz com suas peças, mas a televisão é um veículo mais exigente que o teatro. O roteiro acaba por ser, na verdade, uma memória da cena e não seu ponto de partida. Não se pode negar, no entanto, que há neste *O Vento nas Janelas* uma coerência com as peças do autor: a presença do narrador – que está em quase todas elas, mesmo que, em alguns casos, mimetizando

uma personagem; a contaminação de personagens do mundo real marginalizado, habitantes do entorno da Praça Roosevelt, com profusão de travestis, transexuais, prostitutas e cafetões. Podemos também reconhecer como a linguagem do cinema está próxima do modo como Rodolfo constrói suas peças: a segmentação da história por cortes, a titulação das cenas, a linguagem econômica, metonímica às vezes, com a qual conduz o evoluir das histórias.

Tematicamente, temos mais um retrato sem adornos do homem solitário e infeliz no centro da paisagem urbana, a quase impossibilidade de comunicação efetiva – e afetiva – entre as pessoas. Neste episódio cruzam-se várias personagens, num ambiente árido de concreto e rostos indiferentes: o Homem da Pasta, sua mulher e o avô, o travesti Veruska e seu cafetão, o Homem Tatuado e – em contraste com tudo isso – a inocência da menina Muriel. O destino cruza a vida das personagens, sem que isso altere o que parece ser uma rotina enfadonha – *um ritual obrigatório de infelicidade*, como diz a mãe. Sobram culpa, remordimentos, apatia. Só o vento na janela anima as cortinas e sugere desenlaces. São pessoas comuns com suas vidinhas comuns na desolação urbana. Em alguns momentos, lembra Nelson Rodrigues.

A versão produzida do episódio ressalta os aspectos angustiantes de solidão e pulsão de morte pela cenografia que lembra o filme *Dogville*, de Lars von Trier, e pelo ritmo lento, marcado pelo tique-taque de um relógio e pela sonoplastia minimalista de Ivam Cabral. No final do teledrama, uma grua termina por revelar os bastidores do ambiente cenográfico. O uso da metalinguagem é outra presença forte nas peças de Rodolfo e indica uma opção pela teatralidade à mostra, pelo desejo de contar a história sem os truques da ilusão.

22

A dramaturgia de Rodolfo García Vázquez é uma dramaturgia cristalina, direta, no que tem de objetividade, de intenção revelada. Nenhum psicologismo gratuito, nada de firulas estilísticas. Ele põe em primeiro plano aquilo que quer dizer, e o faz não apenas na escolha da trama, na criação de personagens, mas também na atenção que dá ao que cerca a ficção. Rodolfo é um artista integrado ao seu espaço – no sentido mais amplo, que abarca os dois teatros d’Os Satyros e a Praça Roosevelt – e sobretudo a seus parceiros. Quem acompanha suas encenações não se surpreende ao ler as peças desta antologia. Lendo, elas falam ao ouvido pelas vozes de Ivam, Silvanah, Cléo, Gusik, Phedra, Soraya, Nora... (e muitos outros), pelo tanto que essa dramaturgia

está impregnada por aqueles que a levaram ao palco. Uma dramaturgia viva, portanto.

Silvana Garcia

Nota – Os bastidores das montagens de quase todas essas peças podem ser visitados no livro de Alberto Gvzik sobre Os Satyros (*Um Palco Visceral*, Imprensa Oficial).

Cosmogonia – Experimento n° 1



Cosmogonia – Experimento nº 1

Peça teatral em ato único e 10 quadros, de Rodolfo García Vázquez, baseada em temas da Teogonia, de Hesíodo.

Cosmogonia – Experimento nº 1 teve duas montagens. A primeira, que estreou, em dezembro de 2004, no Espaço dos Satyros, em Curitiba/PR, contou com a seguinte ficha técnica:

Elenco: Elder Gattely, Pagu Leal

Direção, cenário e iluminação: Rodolfo García Vázquez

Trilha sonora: Ivam Cabral

Assistente de direção e figurinos: Silvanah Santos

27

Direção de produção: Dimi Cabral

Assistente de produção: Gisa Gutervil

Operador de som: Karina Renck

Operador de luz: Eduardo Amaral

Realização: Cia. de Teatro Os Satyros

Em abril de 2005, *Cosmogonia – Experimento nº 1* estreava no Espaço dos Satyros de São Paulo/SP. A ficha técnica era a seguinte:

Elenco: Ivam Cabral, Cléo De Páris, Eduardo Castanho e Eduardo Metring

Direção, cenário e iluminação: Rodolfo García Vázquez

Trilha sonora: Ivam Cabral

Figurinos: Silvanah Santos
Operador de Luz: Emerson Fernandes
Operação de som: Rafael Soares
Programação visual: Larte Késsimos e Zed
Produção: Cia. de Teatro Os Satyros

Cosmogonia – Experimento nº 1 se apresentou em vários festivais de teatro no Brasil – Curitiba/PR e Recife/PE, entre outros –, além de excursionar por diversas cidades do interior do Estado de São Paulo. Recebeu, em 2005, cinco indicações ao Troféu Gralha Azul, 26ª Edição, em Curitiba/PR: melhor espetáculo, direção, texto e cenário (Rodolfo García Vázquez) e atriz (Pagu Leal).

28

Fortuna Crítica:

O espetáculo já é em si emocionante.

Roberta Oliveira,

O Globo, 22 de março de 2005

O espetáculo ganha quase tudo o que tem de melhor quando decide pela síntese nas soluções encontradas. Cenografia e figurinos são econômicos e sem imposição dão conta de comprometer a plateia ao universo da peça. A direção de Rodolfo García Vázquez conduz serenamente o andamento das cenas, e só encontra limite em certa imposição que refe-

rencia o desempenho dos atores, quase sempre redundando a dramaticidade já anunciada. Filhos legítimos de sua época, os Satyros batizam o trabalho como experimento, expressão que a montagem traduz muito bem, e que avança seus sentidos para além da indumentária que a plateia usa. O texto de Hesíodo é alquimizado sob um tratamento cênico que procura equilibrar, e equilibra com sucesso, o rigor do procedimento científico à respiração desmedida da coisa poética – que o espetáculo, enfim, acaba por fazer prevalecer.

Kil Abreu,

Diário do Fringe, 22 de março de 2005

29

Nessa encenação os recursos sonoros e cenográficos, ainda que muito bonitos, não chamam atenção para si, mas convergem de forma harmoniosa para que essa encenação intimista provoque no espectador uma profunda reflexão sobre as eternas perguntas sem resposta sobre a existência.

Beth Néspoli,

O Estado de S. Paulo, 24 de março de 2005

No terreno das experimentações, vale destacar Cosmogonia em cartaz no Espaço dos Satyros em Curitiba. Traz como diferencial um figurino para o público que entra numa UTI (é uma discussão

metafísica), coisa que eu pessoalmente creio nunca ter visto.

Maria Lúcia Candeias,

Gazeta Mercantil, 24 de março de 2005

Cosmogonia, partindo de um texto difícil de Rodolfo Vázquez, triunfa pela engenhosidade do cenário.

Sérgio Sálvia Coelho,

Folha de S. Paulo, 28 de março de 2005

O experimento número um impressiona pelo trabalho teatral, que tem a participação do público vestido de médico e mergulha em várias dimensões da vida.

30

Diário de Pernambuco, março de 2005

A longa jornada dos dez dias do Fringe, mostra paralela do Festival de Teatro de Curitiba, encerrado ontem, reafirma o experimento de linguagem entre os espetáculos destacados pela cobertura da Folha. O tempo é da delicadeza, a considerar o despojamento da cena e a poética do texto. Os melhores espetáculos foram Por Elise, do grupo Espanca!, de Belo Horizonte; Suíte 1, da Cia. Brasileira de Teatro; e Cosmogonia, do grupo Os Satyros, ambos de Curitiba – o último tem outro núcleo em São Paulo.

Valmir Santos,

Folha de S. Paulo, 28 de março de 2005

Na montagem de Curitiba, protagonizada por Elder Gatelly e Pagu Leal, a agonia da morte era temperada pela sensualidade. Ivam Cabral e Cléo De Páris, agora encarregados dos personagens, revigoram a peça ao fazer o caminho inverso. O erotismo é uma consequência para reforçar a densidade do texto e fazer o espectador compreender que o universo é infinito. Afinal, ele começa e termina para cada um em dois momentos bem específicos: o nascimento e a morte.

Dirceu Alves Jr.,

IstoÉ Gente, 18 de abril de 2005

Um trabalho delicado e inteligente sobre a efemeridade da vida e da arte.

Erika Riedel,

O Estado de S. Paulo, 8 de abril de 2005

É teatro pânico – Expressionismo, Simbolismo, vanguarda, tudo junto. Sem repetir fórmulas, Os Satyros apresentam uma significativa trajetória estética e, com o novo espetáculo, além de renovar suas pesquisas, cumprem com vigor o prometido no programa da peça, o que, convenhamos, não é pouco.

Alexandre Mate,

Bravo!, maio de 2005

Os cenários e figurinos brancos impressionam, na mesma medida que o texto, denso e poético, e a comovente e sensual atuação da dupla (Ivam Cabral e Cléo De Páris).

Mônica Santos,

Veja S. Paulo, 4 de maio de 2005

Delicadeza e criatividade marcam Cosmogonia, peça interativa que acerta no tom e na forma de envolver o público.

Mariangela Alves de Lima,

O Estado de S. Paulo, 23 de julho de 2005

Cosmogonia – Experimento nº 1

Dramatis Personae:

Homem em Coma

Moiras e Belavoz, vividas pela mesma atriz

Enfermeiro 1

Enfermeiro 2

Cena 1 – Entrada

(Enfermeiros prestando assistência ao Homem em Coma)

Enfermeiro – O paciente está entubado, com ventilação mecânica, sendo administrado nitroprussiato. As enzimas estão normalizando. O paciente evoluía com edema agudo de pulmão e foi administrado furozemida.

Enfermeiro 2 – Sem palavras,
O mundo lhe faz mais sentido do que nunca.
O mundo o chama de volta.
Mas suas vísceras ainda querem ficar vivas.

Enfermeiro 1 – Saturação está diminuindo. Paciente hipotenso. Paciente com pouca diurese.

Enfermeiro 2 – Vocês vão poder assistir a este corpo sendo explodido em fragmentos e depois refazendo o corpo em dez mil aspectos infames, que vocês nunca esquecerão.

Enfermeiro 1 – O paciente entrou com um infarto supra ST. Acometeu parede lateral do ventrículo esquerdo.

Enfermeiro 2 – O rosto vazio,
Olhos fechados,
Respiração ofegante,
É o final de quem já respirou
Um milhão de anos,
Através de seus antepassados,
E aprendeu muito
Mas ainda não sabe quem é.

34

Enfermeiro 1 – Pelo cateterismo, o paciente tinha obliteração na artéria descendente posterior de 80%. Paciente com insuficiência cardíaca e má perfusão.

Enfermeiro 2 – Ele ainda não abandonou o seu corpo,
Seus nervos ainda percebem.
Seus ouvidos ouvem.
Ele ainda está pulsando entre nós.

Cena 2 – Invocação e pedido

(Atores entram no palco e fazem a invocação e o pedido)

Atores – Pelas Musas começemos a cantar. Elas um dia a Hesíodo ensinaram belo canto, e agora

a nós... Pelas Musas começemos, elas que dizem o presente, o futuro e o passado. Filhas da Memória, nove noites teve uniões com ela o sábio Zeus. E Memória pariu, então, nove moças. Nove musas: Glória, Alegria, Festa, Dançarina, Alegra-coro, Amorosa, Hinária, Celeste e Bela-Voz. Musas, deusas da Arte, protetoras dos Artistas, que fazem existir o belo a partir do que não existe, dai-nos a sabedoria para conduzir todos aqui presentes a uma experiência da Verdade-Revelação, pelo uso perfeito do Corpo, do Espírito e da Palavra! Trazei a luz! Trazei a Realidade dos entes diante de nós!

(Coreografia xamânica)

Cena 3 – Coma

(Homem deitado em coma. Som de máquinas de hospital, batida do coração)

Moiras – Nós, que há séculos fazemos a partilha da vida a cada ser, nós afirmamos: na partilha, àquela mulher grávida cabem mais dois anos de vida. E àquele homem velho que tosse no quarto ao lado cabem mais vinte e dois anos. E ao bebê que acaba de nascer na maternidade cabem apenas mais duas horas de vida. E àquele jovem discreto que passou debaixo da tua janela há pouco, mais doze anos. E na partilha dos deuses, que parece tão absurda aos homens, mas que segue o Logos divino, você, que está

aí, respirando com dificuldade, sentindo dores, confuso, pensando em sobressaltos, você ainda tem 49 minutos... 49 minutos... 49 minutos... Você agora sabe. Você tem 49 minutos. A parte que te cabe nessa divisão divina é de 49 minutos do tempo terreno.

36

Homem em Coma – Depois de tudo, depois de tanta luta, esse então é o tempo que te resta... então a pergunta: e se você não tivesse feito nada desde o primeiro grito que deu, no teu primeiro dia, saindo da barriga daquela mulher, qual seria a diferença? Se você nunca tivesse aprendido esse grito? Se você nunca tivesse aberto a boca para berrar a tua presença nesse mundo, o mundo seria outro? E se você nunca tivesse aprendido a escrever, se nunca tivesse aprendido a falar, e a amar, e a odiar, e a chorar... Qual seria a diferença? E se você nunca tivesse saído desta cama, se tivesse sido um vegetal humano, paralítico, desenganado pelos médicos desde o teu primeiro dia, qual seria a diferença? (*Angustiado*) Qual seria a diferença? Qual seria a diferença? Qual seria a diferença? (*Pausa. Com desprezo*) A humanidade? Pequena é nossa força, vãs nossas preocupações, momentânea a nossa vida, incessante nossa luta. Mas elas pairam implacáveis sobre todos igualmente. Elas, as Moiras, vivem em todos nós e tratam com imparcialidade os bons e os maus.

Belavoz – Na vida mortal, nada é isento de sofrimento. E a sabedoria não é acessível ao entendimento humano. Ela pulsa fora dos homens. Ela está no Cosmo... No Cosmo... No Cosmo... No Cosmo... No Cosmo...

Homem em coma – (*Levantando-se*) Entre mim e o Universo, pra que lado corre a vida? Se é que ela ainda existe para mim. Tantos anos passei sem perceber a verdade das estrelas. Estudava, catalogava, memorizava os seus pontos no horizonte e seus nomes. Mas, de fato, eu não sentia a sua pulsação, eu não via nada. E o mundo ficava do tamanho do que eu via, ou seja, o mundo não era nada além das paredes que me cercavam. E, agora, essas paredes tão minhas não me deixam ver mais nada... Não consigo ver nada. Mas ele está vivo, em algum lugar dentro de mim, o Universo está vivo, em algum quarto escondido da minha memória.

37

Belavoz – Olha para o alto e reconhece. Estrelas... Lua... Céu... Infinito... Tudo isso está em você. Basta olhar dentro de você mesmo, ele te habita, o Universo.

Homem em Coma – Busquei na ciência a Resposta durante toda a minha vida. O cosmo, tantos mistérios nos bilhões de galáxias, estrelas, planetas, luas. Tudo tão distante... Tudo visto das

paredes do meu laboratório, dos meus equipamentos, através de tantas e tantas teorias... Mas o tipo de resposta que eu encontrei continua tão frágil, tão humana quanto as respostas que meus antepassados davam há tantos séculos.

Belavoz – A Ciência e o Mito, duas teofanias. Ambos são cantos de exaltação aos Deuses. Hesíodo e Einstein foram homens que buscaram a resposta para a mesma pergunta.

Homem em Coma – E tantos outros... Mas, no meu castelo científico, nunca tentei entender os caminhos da poesia. Talvez ela sempre tivesse sido a resposta. Musa, o que pode a poesia? Musa, o que pode a poesia?

38

Cena 4 – O Canto das Musas

Belavoz – Diremos como no começo Deuses e Terra nasceram, os Rios, o Mar infinito impetuoso de ondas, os Astros brilhantes e o Céu amplo em cima. E os Deuses deles nascidos, doadores de bens, como dividiram a opulência e repartiram as honras e como no começo tiveram o rugoso Olimpo. Diremos isto, nós que temos o palácio olímpico desde o começo. Primeiro nasceu Caos.

(Um turbilhão de sons inunda o espaço. Movimentos no ar. Vento e trovões, gemidos insuportáveis. No caos, tudo existe e nada tem forma própria.)

(Silêncio profundo. Escuridão)

Belavoz – Caos, onde tudo mora sem forma, sem vida. Onde tudo está pronto para deixar de não existir.

Cena 5 – Terra

(Uma pequena luz ilumina o centro do palco. Ator se aproxima com um balão. Brinca com o balão no ar)

Belavoz – Depois também Terra, de amplo seio, morada irresvalável de todos para sempre.

Belavoz – E Terra primeiro pariu, igual a si mesma, Céu constelado, para cercá-la toda ao redor e ser aos deuses venturosos sede irresvalável sempre. E do coito com o Céu, surgiram Oceano de fundos remoinhos e Coiós e Crios e Hipério e Jápeto e Teia e Reia e Têmis e Memória, nossa mãe e Febe e Tétis. E Cronos, filho mais terrível.

39

Cena 6 – Tártaro

Belavoz – Nove noites e dias uma bigorna de bronze cai do céu e só no décimo atinge a terra e, caindo da terra, atinge o Tártaro nevoento. E nove noites e dias uma bigorna de bronze cai da terra e só no décimo atinge o Tártaro.

(Barulho)

Belavoz – Tártaro, nevoento, no fundo do chão de amplas vias, vasto abismo onde não sobrevive sentido de direção, cuja única possibilidade é a queda cega, sem fim e sem rumo. O Tártaro que se basta...

Cena 7 – Eros

40

Belavoz – Ah, Eros, o Amor, deus supremo, princípio que nos rege, filho da penúria e da habilidade. O Amor, o mais belo dos deuses imortais que nasceu do que nos falta, e da capacidade de conquistá-lo, nem que seja por um breve momento. Eros, o pequeno deus que domina a todos, homens e deuses, em seu espírito e sua vontade. Ele nos obriga ao outro, porque só no outro e com o outro podemos criar algo novo.

(Os atores se aproximam e se tocam. Dança da sedução)

Atores – O desejo de acasalar-se domina a Terra. Ama o sagrado Céu penetrar a Terra. A chuva, ao cair de seu leito celeste, fecunda a Terra, e esta para os mortais gera as pastagens dos rebanhos e os alimentos dos homens.

Cena 8 – Lembrança e Esquecimento/ Mnemosyne

*(Homem em Coma entra na casa dos átomos.
Perdido entre eles, perde-se de si mesmo)*

Homem em Coma – Depois de tantos bilhões de anos da origem de tudo, jogado em um pequeno planeta de uma pequena estrela de 4 bilhões de anos, em uma galáxia distante, ainda sou arrogante o suficiente para pensar que entendo alguma coisa da grandiosidade do Cosmo. Eu, tão insignificante, tão pequeno, posso dizer que o que vivo se chama vida de um homem? Sou também o que falhei ser. A minha verdade também é aquilo que nunca consegui. Sou aquilo que nunca vou poder ser. Quantos reis eu fui! Quantos reis eu fui!

41

Belavoz – Filha do Céu e Terra, que casada com Zeus teve como filhas nós, as Musas, a Memória define o que deve ser revelado ou perder-se no Esquecimento. E se você não se revelar um rei ou um grande cientista, mas um homem comum? O que você poderá fazer? Um homem comum, abandonado na escuridão da Noite do Esquecimento, para além da história...

(Belavoz se aproxima do Homem em Coma)

Belavoz – Faltam agora 18 minutos para o teu último respiro. 18 minutos. O que pode um homem pensar em 18 minutos?

Homem em Coma – O que pode um homem pensar em 18 minutos?

(Afastam-se)

Homem em Coma – Memória, te invoco! Memória, grande deusa Mnemosyne, senhora filha do Céu e da Terra, fundadora de todos os seres, eu imploro: não me apague, não me abandone para o Esquecimento.

42

Belavoz – Ela nunca olhou para os homens, mas somente para as forças cósmicas. Você não deve invocar a Deusa que faz os fatos e os seres surgirem diante da luz ou serem abandonados. A deusa-memória do Cosmo está para todos, até mesmo o Céu e a Terra.

Homem em Coma – Algo em mim exige que eu me mantenha e tudo o que fiz e o que fui na luz da Presença. Eu preciso ficar vivo, pelo menos na lembrança daqueles que me amaram. Musa, filha da Memória, imploro então. Que a vossa palavra me mantenha ainda vivo, respirando através de quem menciona meu nome.

Belavoz – De alguma forma, sempre, em algum lugar, você vai estar abandonado ao Esquecimento e, de novo, será trazido à Luz, e depois novamente jogado na Noite do Esquecimento,

e novamente trazido ao Dia e à Verdade. Noite. Dia. Noite. Dia. Esquecimento. Memória. Esquecimento. Verdade. Noite. Luz. Noite. Luz. Infinitamente.

(A luz se acende e apaga sobre o Homem em Coma em uma sucessão sem fim. O Homem em Coma vai se desesperando. Grita)

Cena 9 – Os tempos são tantos quanto os seres
(Ouve-se o tique taque de um relógio)

Moira – Os gritos vieram de todos os nortes e os silêncios caíram sobre os mundos. E você, entre os gritos e os silêncios, vai escoando. São mais 13 minutos.

43

Homem em Coma – Há mais de dois anos eu ouço a tua voz dizendo que o fim já chegou. E sempre penso que este é meu último minuto. E porque penso, deixo de viver o último minuto, que, afinal, ainda não chegou.

Belavoz – Os tempos são tantos quanto os seres... E o que significa um ano? Um minuto? Um segundo?

Homem em Coma – Estou tonto, tonto... De tanto lutar, de tanto esperar, ou de ambas as coisas. Afinal, que vida fiz eu da minha vida? Nada. Tudo desperdício. Tudo aproximações

científicas. Tudo buscando a exatidão, mas em função do irregular e do absurdo. Chegando ao final, eu vejo que meu tudo foi nada.

(Moira aproxima-se do Homem em Coma)

Moira – Somos a Fiandeira, que tece o fio da vida, a Distribuidora de bens e a Inflexível, que corta o fio da vida no tempo adequado. As Moiras. Regemos o que de bem e de mal passa na vida dos seres humanos e dos deuses. E ao dizer o que cada um é, também dizemos o que nunca foi, nem nunca será, nem nunca é. Você chega agora ao final. Dizemos que estes são teus últimos suspiros em forma humana. Dizemos também que você é um homem e, portanto, nunca um deus. Que amou uma mulher e, portanto, não amou a todas. Que teve um filho e, portanto, não se tornou o último de uma linhagem. Enfim, que é um homem, que lutou sempre muito, e sempre vai lutar e, por isso, nunca teve paz.

44

Cena 10 – O Tempo e Heráclito

Moira – 10 minutos... 10 minutos...

Homem em Coma – O tempo... Eu não quero mais ouvir sobre o tempo. Nada.

Moira – Sendo os seres infinitos, os tempos infinitos são e se entrelaçam e se cruzam em tantas

variáveis. O tempo de cada um é absoluto. A tua essência é o teu tempo, porque também em você vive a divindade. Então, por que essa preocupação com o findar das horas? Quem exige o teu tempo é o teu ser.

Homem em Coma – Mas eu não quero mais mexer, eu não quero mais sentir o ar entrando e saindo de dentro de mim e me obrigando a viver. Nunca senti paz, desde o primeiro momento. Eis uma palavra que até hoje nunca fez sentido para mim, nem se apresentou diante de mim. Sempre esse turbilhão me atravessando e eu vivendo afogado. Até nos momentos mais felizes, sempre a nuvem da incerteza rondando a minha existência. Até mesmo quando eu beijava os beijos mais doces e belos, ou olhava a beleza do sol e das estrelas, sempre a presença do Terror em volta do meu corpo. Agora, aqui, o que posso fazer? Eu sinto o cansaço antecipado da minha morte. Eu desisto. Eu desisto.

45

Belavoz – Mesmo que tua alma implorasse pelo fim, tudo ainda seria difícil. Ouve! Porque a Vida é Conflito e Necessidade, e todos os seres são filhos da diferença e do conflito. Só no conflito um homem pode surgir, e existir, e morrer. E até mesmo para morrer você vai precisar lutar.

Cena 11 – A Fonte Sagrada do Hades

Belavoz – À esquerda da Morada de Hades, você vai encontrar uma fonte e ao lado dela existe um cipreste branco. Não beba dessa água. Mais à frente, você vai encontrar outra, do Lago da Memória, da qual brota água fresca, e frente à qual se postam guardiões. Diga então o que você precisa.

Homem em Coma – Estou ressecado pela sede e estou morrendo. Dá-me rápido da fresca água que brota do Lago da Memória.

46

Belavoz – E eles vão te perguntar: Quem é você? De onde é que você vem?

Homem em Coma – Sou filho da Terra e do Céu estrelado. Mas minha raça é do Céu. Isto todos sabem.

Belavoz – E então vão te dar de beber da fonte sagrada, e depois disso você vai ter soberania sobre todos os outros heróis.

(Homem em Coma se aproxima do momento da Morte. Mas esmorece)

Homem em Coma – Mas me vem o medo dos pensamentos que me invadem. Eu vagueio, e com

tédio vou de um lado para o outro. Ando através da escuridão com desconfiança. Eu tenho medo, eu suo. Tenho medo de não ter amado a vida. Tenho medo porque não entendo a origem e o fim... Mas eu preciso ficar vazio, oco, completamente oco...

Belavoz – Ah, homem, ouve. Está reconhecendo?

Homem em Coma – Vazio... vaazio... vaa...

Belavoz – Ah, ele, de nobre origem. Ele vive agora o momento. É chegado agora aquilo que se denomina morte. É chegada a ocasião de buscar o Caminho.

(O coração do Homem em Coma para de bater)

47

Homem em Coma – Já existi como menino e menina, como peixe e pássaro, e peixe do mar sem voz. Agora, é o momento, de homem passo a ser deus.

(Belavoz dá de beber ao Homem em Coma)

Belavoz – Tudo é sagrado: os ventos, as nuvens, as estrelas, os homens e os seus desejos, a dor e o medo, o teatro e a vida, a solidão e o amor. Tua vida também foi sagrada. Agora a paz, nos braços daquele que sempre esperou pela tua volta, o Cosmo.

FIM

Sobre Ventos na Fronteira



Sobre Ventos na Fronteira

Peça teatral em ato único e 26 quadros, de Rodolfo García Vázquez, a partir de roteiro elaborado em processo colaborativo com o elenco de estreia do espetáculo.

Sobre Ventos na Fronteira estreou no Espaço dos Satyros, em Curitiba, em 22 de outubro de 2004, com a seguinte ficha técnica:

Elenco: Silvanah Santos, Helio Barbosa, Mateus Zuccolotto, Arno Pruner, Carlos Vilas Boas, Gisa Gutervil, Rozana Percival, Tarciso Fialho, Karina Renck e Maurício Précoma

Direção e iluminação: Rodolfo García Vázquez

Trilha Sonora: Ivam Cabral

Figurinos: Silvanah Santos

Direção de produção: Dimi Cabral

Assistente de produção: Gisa Gutervil

Realização: Cia. de Teatro Os Satyros

Sobre Ventos na Fronteira concorreu à 25ª edição do Troféu Gralha Azul, em Curitiba/PR, em 4 categorias: melhor espetáculo, ator (Mateus Zuccolotto), ator revelação (Tarciso Fialho) e atriz revelação (Gisa Gutervil, que levou o prêmio).

Sobre Ventos na Fronteira

Dramatis Personae:

Rick, dono do bar, ex-amante de Elisa

Lázaro, sócio de Rick, ex-marido de Elisa

Elisa, aquela que volta

Piotr, forasteiro

Sofia, sua Mulher

Geraldo, um punguista

Wagen, o delegado

Samul, empregado do bar

Ivete, a prostituta, sua amante

Valdívia, a irmã de Samul, portadora de deficiência mental

52

Cena 1 – Rarefeito

(Delegacia de polícia. Geraldo e Wagen sentados)

Wagen – Tá aqui o salvo-conduto, como sempre, mas com uma pequena diferença...

Geraldo – Mas a minha porcentagem é a de sempre?

Wagen – A porcentagem sim, 20% como sempre, mas o valor de venda é outro. Você sabe, não é? Os ventos mudaram.

Geraldo – Como assim?

Wagen – A fonte secou. O Coronel Weygand foi

exonerado e o seu substituto é linha dura. Ele não vai mais desviar os salvo-condutos pra gente.

Geraldo – Quer dizer então que o nosso negócio corre perigo?

Wagen – Pelo menos por alguns meses... Até a gente conseguir derrubar o salafrário. *(Passando o salvo-conduto para Geraldo)* Presta atenção: este é o último. Consiga o melhor preço que puder. Está valendo mais do que um punhado de diamantes, principalmente pros desesperados pra fugir daqui. Essa grana vai ter que livrar a nossa cara por um bom tempo.

53

Geraldo *(Olhando o salvo-conduto com ar de cobiça)* – O último...

Cena 2 – Desespero

(Samul joga com Piotr e Sofia, os forasteiros desesperados. Eles querem atravessar a fronteira. Piotr e Sofia jogam várias vezes e perdem seguidamente)

Samul – Samul ganha de novo! Querem mais uma?

Piotr – Acabaram todas nossas moedas.

Samul – Então, até logo...

Piotr – Não, espere um pouco... A gente tem ainda algum dinheiro no quarto.

Samul – Eu espero por vocês. Talvez da próxima tenham mais sorte.

(Piotr e Sofia se afastam da mesa de jogo)

Sofia *(Sussurrando)* – E agora?

Piotr – Não sei.

Sofia – Você perdeu o pouco que a gente tinha! E agora o que é que a gente faz?

54 Piotr – Não sei. Cala a boca! Me deixa pensar.

Sofia – Que pensar o quê! Você não pensa! Viu a merda que você fez?

Piotr – Cala a boca, não atrapalha, eu vou dar um jeito! Eu vou falar com ele de novo.

Sofia – Falar o quê?

(Piotr se aproxima do balcão do bar onde está Samul. Este olha desconfiado. Sofia se aproxima em seguida)

Piotr – O senhor tem um minutinho?

Samul – Pode falar.

Piotr (*Pausa*) – A gente tá jogando porque precisa sair daqui. Disseram que podemos comprar um salvo-conduto e sair deste lugar.

Sofia – A gente não pode mais ficar aqui.

Samul – Nem vocês nem ninguém aguenta ficar neste lugar.

Piotr – Então como é que a gente pode conseguir?

Samul – Não tem como! Vocês vão ter que ficar.

Sofia – Mas isso não...

55

Piotr – Tem que haver um jeito! Com quem eu falo?

Samul – Vocês não têm dinheiro.

Piotr – Eu sei disso, mas com quem eu poderia falar?

Samul – Não tem ninguém... A não ser...

(*Geraldo se aproxima*)

Geraldo – Me dá um copo de vinho, Samul.

Samul – Mas olha quem chega. Em boa hora. Ele, sim, pode ajudar vocês.

Sofia – O senhor pode nos ajudar?

Piotr (*Sussurrando para ela*) – Cala a boca! Quem fala aqui sou eu! (**Para Geraldo**) O senhor teria alguma sugestão? Como é que a gente consegue um salvo-conduto?

Geraldo – Mas vocês não têm dinheiro.

Piotr – Não. Mas a gente faz qualquer coisa para sair daqui.

Sofia – Qualquer coisa.

56

Geraldo – Qualquer coisa pra mim não é nada. O meu negócio é dinheiro vivo.

Samul – Difícil... (*Pausa, refletindo*) A não ser...

Sofia – A não ser o quê?

Samul – Vocês podem falar com o chefe de polícia. O nome dele é Wagen.

Piotr – Chefe de polícia?

Sofia – Por que o chefe de polícia?

Samul – Porque ele é o único por aqui que ainda pode conseguir um salvo-conduto.

Piotr – Mas ele é de confiança?

Samul – Se vocês não acreditam, podem perguntar para o meu chefe, o Rick. Mas sem dinheiro? Hum... Nesse mundo não se pode fazer nada sem dinheiro. Mas pra quem acredita em milagres...

Sofia – A gente não vai conseguir, Piotr.

Piotr – Cala a boca, Sofia, vamos logo atrás dele.

Samul – De qualquer maneira voltem pra jogar.

Cena 3 – Lembranças

(Lázaro e Rick no bar)

57

Lázaro – Traz outra garrafa, Samul!

Samul – Seu Lázaro, o estoque de vinho está no fim.

Lázaro – Isso não é da sua conta. Não se meta com coisa onde não é chamado. Bota um pouco de água no barril.

Samul – Mas já fizemos isso na semana passada. Os clientes podem desconfiar.

Lázaro – Eles que se danem. Eles têm que beber o que tem aí.

Samul – Mas é que pra amanhã o nosso estoque vai estar zerado.

Lázaro – E a minha paciência com você também.

Rick – Samul! Cuide do seu serviço, porque Lázaro e eu cuidamos da bodega.

(Samul, sem graça, retoma suas tarefas)

Lázaro – Bebe um copo comigo.

Rick – Não.

58 Lázaro – Só um copo. É dos bons. Vinho das Caldas. *(Bebe um gole)* Das melhores safras.

Rick – Não. Você sabe que eu não bebo desde que ela...

(Clima em suspenso. Rick e Lázaro se olham e depois olham pra Samul. Samul sai)

Lázaro – Por Deus! Por que falar nisso de novo!?

Rick – Eu nem queria falar nisso. Me parece que você é quem sempre insiste.

Lázaro – Eu? Pra que eu vou insistir em falar de uma desgraçada que só destruiu com a minha vida? Ela acabou comigo.

Rick – Você vê, Lázaro! Parece que a imagem dessa maldita vive muito mais em você e no seu copo do que em mim e em minha sobriedade.

Lázaro – Mas era minha mulher! Era com ela que dividia a minha cama.

Rick – Não importa como as coisas começam, importa como terminam. E no final ela dividia a cama comigo também.

Lázaro – Você acha que isso foi o final?

Rick – Claro que não. No final eu e você estamos encostados nesse balcão, e eu tenho que dividir um maldito copo contigo.

59

Lázaro – No final ela conseguiu se dar bem e atravessar a fronteira. Vai, bebe e esquece.

(Os dois riem)

Rick – Já disse que não quero beber!

Wagen *(Aproximando-se, depois de acompanhar o final do diálogo)* – Então bebo eu.

Lázaro – Mas agora, pra variar, bem que você podia pagar.

(Lázaro ri. Wagen tem um sobressalto)

Wagen – Isso é o que eu chamo de política de boa vizinhança.

Rick – Não existe nenhuma maldita pocilga no mundo onde a polícia pague por um copo.

Wagen – Exatamente, Rick. Porque se a polícia tiver que pagar, o lugar deixa de existir.

Lázaro – Fácil, não é mesmo? Viva a lei e viva a ordem! Viva a nossa polícia, que nos protege dela mesmo.

(Risos. Rick serve os dois. Brindam)

60 Wagen – Pois é! Parece que o comboio já deve estar chegando.

Rick – Já estou começando a sentir o cheiro de desespero dessa gente.

Lázaro – Todos loucos pra atravessar a fronteira.

Wagen – E você, Lázaro, louco pra ganhar dinheiro enquanto eles enchem a cara esperando a melhor oportunidade. Com licença, tenho que voltar pra chefatura.

Lázaro – Essa gente estúpida... Fazer o que do outro lado?

Rick – Tem gente que ainda acredita no paraíso, Lázaro.

Lázaro – Ela, por exemplo... E acabou se dando bem.

Cena 4 – Negociação

(Piotr e Wagen estão sentados à mesa da taberna)

Piotr – Com licença, é o Sr. Wagen?

Wagen – Depende. O que é que você quer?

Piotr – Fiquei sabendo que é o senhor quem pode fornecer os salvo-condutos para sair daqui.

Wagen – E daí?

Piotr – Eu pensei que...

Wagen – Na sua situação, pensar não ajuda muito... Quem te contou isto talvez também tenha te dito que um salvo-conduto custa muito dinheiro.

Piotr – Eu sei que custa caro... Acontece que eu tenho muitas posses, tenho dinheiro, sim... De herança. Mas fui assaltado. Quando a gente tava chegando aqui. Depois tentei ganhar algum no jogo, mas também perdi o pouco que tinha.

Wagen (*Rindo*) – Você caiu no velho golpe do Samuel? Que tolice... Até as pedras do deserto conhecem esse velho truque! E como se chama este tolo?

Piotr – Me desculpe, senhor, eu esqueci de me apresentar... Eu sou Piotr, sou búlgaro. E eu preciso muito sair daqui.

Wagen – Até agora não ouvi nenhuma novidade. Portanto, não me faça perder tempo.

Piotr – Eu e minha mulher queremos atravessar a fronteira.

62 Wagen – Mulher? Você ainda não tinha me dito que tem uma mulher.

Piotr – Tenho, senhor. Por isso preciso de dois salvo-condutos.

Wagen – Ah, então, assim fica muito mais caro!

Piotr – Mais caro? Mas eu não tenho dinheiro algum. Será que não existe nenhuma outra forma de pagamento? Talvez eu possa pagar depois, ou fazer algum trabalho, quem sabe existe outra forma de pagamento.

Wagen – Existe... Existem muitas formas de pagamento... Resta saber se você está disposto a pagar o preço.

Piotr – Pois o senhor diga.

Wagen – Mande sua mulher falar comigo, ela é a pessoa mais indicada para tratar desse assunto.

Piotr – Mas por que minha mulher?

Wagen – Porque as mulheres são muito mais sensíveis aos negócios.

Piotr – Mas o senhor não pode resolver isso comigo?

Wagen – Até poderia... Mas nesse momento não seria o caso... O negócio poderá ser muito melhor resolvido com a sua mulher. E dependendo do talento dela, podemos até fazer um bom negócio... É a minha única proposta.

63

Piotr (*Constrangido, depois de longa pausa*) – Tudo bem, eu vou ver o que faço. Obrigado!

Cena 5 – Confiança

(*Geraldo e Rick num canto do bar*)

Geraldo – Pensando nos negócios?

Rick – É... Nessa maldita espelunca você sempre tem que manter os olhos abertos. Você nunca sabe quando um punguistazinho sujo e ordinário pode se aproximar...

Geraldo – Não seja cínico, Rick. Até mesmo um punhuista sujo pode surpreendê-lo.

Rick – O que é que você quer agora?

Geraldo – Desta vez estou aqui, não pra tirar algo do seu bolso... Mas para colocar.

Rick – Sem rodeios, o que você quer?

Geraldo – Sei que você já se estabeleceu aqui e nunca mais vai querer sair daqui. Por isso, também sei que o que tenho não vai sair daqui.

Rick – E o que você tem?

64 Geraldo (*Mostra o salvo-conduto*) – Este é um valioso documento para sair deste inferno. Vendendo posso fazer o que eu quiser. E assim levar uma boa soma em dinheiro!

Rick – E onde é que eu entro nisso?

Geraldo – Fique com ele por algum tempo até eu arrumar um comprador.

Rick – E por que você confia em mim?

Geraldo – Desculpe, Rick, mas você nunca fez nada por dinheiro. Não vai ser agora que vai mudar. Além disso, eu sou a pessoa que você mais despreza nesse lugar.

Rick – Até quando você usa sua inteligência, você é desprezível, Geraldo. Mas eu fico com isso, eu guardo.

(Geraldo entrega o salvo-conduto nas mãos de Rick e sai)

Cena 6 – Informações

(Samul, Ivete e Valdívía no bar fechado)

Ivete – Samul, enche um copo de vinho pra mim!

Samul – O estoque tá acabando, Ivete!

Ivete – Por que demorou tanto pra fechar a espelunca?

Samul – Esse escroto me atrapalhou.

(Valdívía tenta pegar o copo de Ivete)

Ivete – Porque essa retardada da sua irmã tá aqui ainda? Não presta pra nada... Ahhh... Buh!
(Assustando Valdívía. Para ela, fazendo-a beber muito do copo até engasgar) Vai ficar bêbada, bêbada, bêbada... Imbecil! Assim pode ser que ela pare de me encher o saco.

(Valdívía sai)

Samul – Não precisa gritar com ela. Vai, Valdívía, vai buscar mais vinho pra gente.

(Ivete vai até Samul. Valdívía traz mais vinho, Ivete toma e cospe em Valdívía. Ela sai.)

Ivete – Essa sua irmã só serve para atrapalhar. Mas logo a gente vai ficar livre dela, dela e de todo mundo nessa bosta de lugar. *(Chamando Samul)* Vem aqui! *(Agarra-o)* Tem alguma novidade do salvo-conduto? Hein? Cachorro!

Samul – Tenho, tenho, tenho...

Ivete *(Violenta)* – Então me conta logo, vai!

Samul – Fecha essa boca podre, minha vadia.

66

Ivete – Não tá querendo me contar, é? Por que não quer me contar? Tá escondendo alguma coisa? Filho da puta!

Samul *(Derrubando Ivete no chão, os dois começam a se bulinar)* – Ah... Ivete, você é tão safada, tão ordinária!

Ivete – E não é disso que você gosta?

Samul – É. Eu sei de uma coisa que você vai adorar...

Ivete – Então conta pra sua putinha o que é.

Samul – É sobre o salvo-conduto.

Ivete – Onde é que tá o maldito do salvo-conduto?

Samul – Tá com o meu chefe. Tá com o Rick, seu namoradinho chifrudo.

Ivete – Tá com o tonto do Rick? (*Levantando-se*)
Mas como assim? E o Geraldo? Mentiroso!

Samul – Aquele ladrãozinho barato do Geraldo pediu pro Rick guardar pra ele. Eu vi tudo. Ele colocou no bolso do paletó. Ficou feliz agora?

Ivete – Cala a boca! Vem aqui! (*Beijam-se*) Nem acredito que a gente vai conseguir sair daqui logo.

Samul – Como é que a gente vai fazer?

67

Ivete – Deixa comigo. Quando você menos esperar, a gente vai estar longe daqui, do outro lado da fronteira.

Samul – E eu vou rir muito dos dois babacas.

Cena 7 – Condições

(Wagen e Sofia estão em pé na delegacia)

Sofia – Senhor Wagen?

Wagen – Pois não?

Sofia – O meu marido, o Piotr, me disse que o senhor queria falar comigo.

Wagen – Sofia?

Sofia – Isso mesmo.

Wagen – Ah, sim... Vocês estão numa situação complicada, não é? Ele me contou!

Sofia – Pra falar a verdade, o senhor é nossa última esperança.

Wagen – Mas fugir daqui não é nada fácil, nada fácil.

Sofia – Eu sei, eu sei muito bem. Mas a gente faz o que for preciso. É só o senhor dizer.

68

Wagen – Bem, eu posso arranjar os salvo-condutos. Mas isso não vai sair de graça. Aqui tudo tem um preço.

Sofia – Mas a gente perdeu todo o nosso dinheiro.

Wagen – O dinheiro manda neste lugar mas, em algumas ocasiões especiais, o preço pode ser pago de outra forma.

Sofia – Como assim?

Wagen – Por exemplo, o que vale o dinheiro? Alguém se esforça para construir uma cadeira. Essa cadeira tem um valor, vale dinheiro.

Sofia – Cadeira?

Wagen – Tudo na vida vale alguma coisa: uma moeda, vinte moedas, um milhão de moedas. Esse salvo-conduto vale muito. E como você pode pagar por ele? Com aquilo que você tem de mais precioso. *(Se aproxima de Sofia e passa a mão no ombro dela)*

Sofia – Eu acho que o senhor está me entendendo mal...

Wagen – Eu acho que estou entendendo a situação melhor do que você. *(Beija o ombro dela)* Você pode conseguir o seu salvo-conduto se aparecer amanhã à noite no meu quarto.

69

Sofia *(Constrangida)* – Eu não sei se deveria...

Wagen – Mas quem disse que faria qualquer coisa pra sair daqui foi você.

Sofia – Eu sei... Mas...

Wagen – A circunstância traça destinos. Eu sou um admirador da beleza feminina. E você tem um corpo lindo. Eu tenho salvo-condutos. E você está desesperada pra sair daqui. Tudo se encaixa perfeitamente. Então?

Sofia (*Depois de uma longa pausa*) – A que horas?

Wagen – Às nove horas, amanhã!

Sofia – E o senhor entrega os dois salvo-condutos em seguida?

Wagen – Ninguém aqui falou em dois.

Sofia – Mas eu só saio daqui com meu marido.

Wagen – Então ele que venha buscar o dele.

Sofia – Como assim?

70 Wagen – Uma das coisas mais excitantes de possuir uma mulher casada é poder ver os olhos vazios do marido enquanto ela sente prazer com outro homem.

Sofia – Mas ele nunca vai aceitar uma coisa dessas.

Wagen – E ele aceita ficar por aqui? Na minha opinião, meia hora de humilhação nunca pode valer mais do que a liberdade do outro lado da fronteira. Entende? Eu adoraria receber uma mulher que vem de braços dados com o marido... Recebê-la das mãos dele... E ter o marido por testemunha do prazer que ela vai me dar. E sabe o que é melhor de tudo isso? É olhar para o lado e ver o maridinho ali, sentado, olhos esbugalhados, iluminado pela luz do abajur.

Sofia – Eu não sei... Eu tenho certeza que ele não vai aceitar a ideia.

Wagen – Maridos também podem ser surpreendentes. Amanhã à noite, nove horas, eu vou ficar esperando por vocês aqui, na delegacia.

Cena 8 – Decisão

(Sofia volta para o quarto onde está o marido)

Piotr – Como foi com o chefe de polícia?

Sofia – Ele me disse que vai me vender os salvo-condutos.

Piotr – Como se nós não temos dinheiro, estúpida?

71

Sofia – Nosso problema, agora, não é mais esse.

Piotr – Não é esse? Então, fala de uma vez.

Sofia – Calma, Piotr, calma. A gente precisa sair daqui, não precisa? Se a gente não tem dinheiro, tem que encontrar outra solução.

Piotr – Eu sei disso, o que vocês fizeram, o que aconteceu lá?

Sofia – Não aconteceu nada, Piotr.

Piotr – Não minta para mim que eu te quebro a cara!

Sofia – Não aconteceu nada... Ainda. Mas isso depende de você.

Piotr – Como assim?

Sofia – Aquele porco nojento me pediu para ir lá no quarto dele, amanhã à noite, na delegacia.

Piotr – O quê? Transar com você? Esse filho da puta tá querendo me foder? E você parece que está gostando, vagabunda.

Sofia (*Irônica*) – Não, pelo amor de Deus, Piotr. Eu vou ter que transar com ele para conseguir um salvo-conduto. Para você conseguir o seu, você vai ter que fazer a sua parte.

72

Piotr – Que parte?

Sofia – Assistir!

Piotr – Canalha! Canalha!

Sofia – Ele disse que só com essa condição você pode ganhar o seu. Mas eu já disse que não vou aceitar o jogo dele se você não escapar comigo também.

Piotr – O que é que ele pensa? Onde é que ele quer chegar.

Sofia – Eu disse que você não ia aceitar. A gente dá um jeito. Vamos levantar esse dinheiro de outra maneira.

Piotr – Espera. Eu preciso pensar. Vou dar uma volta. Vou pensar.

Cena 9 – A chegada

(Elisa entra observando distraidamente o ambiente. Samul está no balcão. Quando vê Elisa, fica surpreso)

Elisa – Oi Samul. Quanto tempo, hein?

Samul – Quem é a senhora?

73

Elisa – Samul, não está me reconhecendo? Sete anos não são suficientes pra destruir uma mulher...

Samul – Elisa.

Elisa – Como vão as coisas por aqui, Samul?

Samul – Quase do mesmo jeito de antes.

Elisa – Eu também sou quase a mesma.

Samul – Você sempre foi a surpresa. Agora vai ter uma grande surpresa.

Elisa – Ótimo, é tudo o que eu preciso na vida.

Samul – Eu posso imaginar. Mas, se você quiser fazer um favor a si mesma, abra mão das surpresas e suma daqui.

Elisa – O que você quer dizer com isso, hein, Samul?

Samul – Ontem à noite eu ouvi o vento uivar nessas areias. Ontem eu não sabia, mas agora tenho certeza. Sua chegada não traz boas novidades.

Elisa – Onde é que estão todos?

Samul – Faça um favor a si mesma e suma daqui. Você traz azar.

74

(Elisa fica tensa por um momento e depois retoma)

Elisa – Toca aquela canção pelos velhos e bons tempos.

Samul – Os velhos tempos só são bons porque passaram, Elisa.

Elisa – Vamos, Samul! Toca! Você sabe o que eu quero ouvir.

(Samul começa a tocar. Elisa aos poucos se envolve com a música e começa a dançar)

Cena 10 – Encontro
(*Lázaro entra*)

Lázaro – Já não disse para nunca mais tocar essa música. (*Eles se veem. Samul sai*)

Elisa – Lázaro...

Lázaro (*Visivelmente constrangido*) – Você?! Aqui de novo?! De onde é que você está vindo?

Elisa – Acho que não interessa muito de onde eu venho. O que interessa é que eu voltei pra minha casa.

Lázaro – Sua casa? (*Ri*) Nenhuma casa espera por um dono que foge dela.

75

Elisa – Você acha mesmo isso, Lázaro?

Lázaro – Acho.

Elisa – Eu não estou falando de uma casa qualquer. Estou falando de nós, dessa cidade.

Lázaro – Elisa! Nessa cidade, ninguém se lembra mais que um dia você existiu. Todos os que te conheceram atravessaram a fronteira. E os que estão aqui, acabaram de chegar. Você não é ninguém aqui, agora. E ninguém está disponível para te aguentar mais.

Elisa (*Insinuante*) – Será, Lázaro!? Será mesmo? (*Gargalhadas*) Acho que não! Você se lembra como me suportava quando eu dançava e cantava para você? E como me suportava quando eu dormia no seu ombro. Ou será que você se esqueceu de tudo? Se bem me lembro, você nunca me disse não, nunca. Acho que também não vai ser desta vez...

76

Lázaro – Aí é que você se engana. Vai ser dessa vez, sim. E se bem me lembro nunca te disse não, como também sempre te dei o que você queria, mas me parece, se bem me lembro, que para você não era o suficiente. Você precisou de mais, precisou de outro homem. Mas parece que isso também não foi o bastante. Tanto é que você fugiu. Agora me responde, Elisa. Dois homens não era o que você queria? Não era o bastante? Afinal Elisa, o que é que você queria? O que é que você quer?

(*Rick entra*)

Rick – Se bem me lembro Lázaro, nós dois éramos o que ela queria. Só que ao mesmo tempo e sem que a gente ficasse sabendo.

(*Elisa surpresa*)

Elisa – Rick! Você continua por aqui?

Rick – Pra você, tudo seria mais fácil se um de nós não estivesse mais por aqui, não é?

Lázaro – Você se esqueceu de uma coisa, Elisa. A humilhação pode unir dois homens.

Elisa – Também senti saudades de você, Rick. Muita saudade.

Lázaro (*Para Rick*) – Ela está de passagem.

Rick – Se bem me lembro a senhorita galho em galho sempre esteve de passagem. Inclusive entre nós. Que ventos te arrastaram para cá, Elisa?

Elisa – O mesmo que me levou... A mesma voz que me chamou. E aqui estou eu. Não sei se de passagem... Ou se não. Tudo vai depender dos acontecimentos. Confesso que ver os dois juntos é um jogo muito interessante.

77

Rick – Que curioso, Lázaro! Vento... Voz... Me parece que aquele cara mudou de nome.

Lázaro – Veio sozinha?

Elisa – Por que essa pergunta?

Lázaro – Então ele te abandonou, afinal...

Elisa – Quem sabe o que aconteceu?

Rick – Provavelmente, nem ele sabe tudo o que aconteceu. Mas afinal, você veio sozinha?

Elisa – Se é tão importante assim saber... Estou só.

Lázaro – Pode apostar que está!

Rick – E como é estar só, Elisa?

Lázaro – É, Elisa, pra você que não se satisfazia nem com dois homens, deve ser difícil ficar sozinha, não?

Rick – Só dois, Elisa? Ou teve outros no caminho?

78

Lázaro – Ele te deixou por uma mais nova?

Rick – Você deve ter arrancado até a última moeda do cara!

Lázaro – Não arrancou?

Rick – É claro que arrancou! Você se lembra de como ficaram os nossos bolsos quando você fugiu? Elisa, com quem você aprendeu a roubar?

Lázaro – Ou você veio devolver o que levou, Elisa?

Rick – O que você acha de desaparecer por mais sete anos?

Lázaro – Ou prefere quatorze?

Elisa – Se vocês preferem assim... Eu vou embora.
(Silêncio colossal)

Lázaro – Você sabia, Elisa, que as pessoas por aqui dizem que você dá azar? É, Elisa, acho que nós três damos azar.

Rick – Por que você voltou, Elisa?

Lázaro – Por mim, Elisa?

Rick – Por ele, Elisa? Por quem você voltou?

Lázaro – É, Elisa, por mim ou por ele?

79

Rick – Ou talvez seja melhor perguntar: pra que você voltou?

Lázaro – Tem certeza que quer ficar, Elisa?

Rick – O que é que você está tramando dessa vez?

Lázaro – Porque você voltou, Elisa?

Rick – Apenas uma vez na vida, arrisque ser honesta e responda: por que você voltou?

Lázaro – Por que você voltou?

Rick – Por que você voltou?

Elisa – Chega! Chega, vocês dois! Voltei porque eu não tenho para onde ir.

Cena 11 – Desespero II

Piotr – Senhor Rick , tem um minuto?

Rick – É a primeira vez em alguns anos que alguém me pede algo que não seja dinheiro.

Piotr – Meu nome é Piotr e eu queria... Eu nem sei como dizer... O seu funcionário, Samul, me disse que o senhor podia me esclarecer...

80

Rick – Vá em frente, pode falar.

Piotr – Eu e a minha mulher estamos precisando de salvo-conduto. Nós temos que ir embora... Mas não temos dinheiro pra isso. E falamos com o Senhor Wagen. Mas não sei se devia... Ele fez uma proposta.

Rick – Qual proposta?

Piotr – Ele disse que... se a minha mulher... se ela fosse... O senhor entende, não?

Rick – Eu conheço muito bem o Wagen...

Piotr – Mas ele vai cumprir o trato? O que o senhor acha?

Rick – O que ele pediu em troca?

Piotr – Além de tudo eu ainda preciso assistir. Em troca, ele nos dá os dois salvo-condutos. Ou pelo menos, está dizendo que nos dá.

Rick – E ela concorda?

Piotr – Ela acha que pode dar certo. Mas eu não sei... Essa situação. Eu não confio muito.

Rick – Nele ou nela?

Piotr – Nele. (*Mais irritado*) Nele claro.

Rick – Desculpe, era só a título de informação. Mas se ela concorda, qual é o problema?

Piotr – O problema não é ela, com ela eu me ajunto... Mas e o meu orgulho? O que é que eu faço com o meu orgulho, o senhor pode dizer?

Rick – Infelizmente, nesse assunto, eu não sei se posso te aconselhar bem... Faz muito tempo que perdi o meu.

Piotr – O senhor trocaria seu orgulho pela liberdade da fronteira?

Rick – Não se trata do que eu faria, trata-se do que você vai fazer. É uma aposta. E, pelo que vejo, vocês não estão apostando tão alto assim. Quanto ao Wagen, ele é um policial, correto?

Piotr – Correto!

Rick – Fique de olhos abertos, porque nessa cidade, não se deve confiar em policiais. E se por acaso você perder o seu orgulho por aqui, você ainda pode recuperar em outro lugar. Ou, na pior das hipóteses, você pode ficar por aqui mesmo, e não existe melhor lugar no mundo pra quem perdeu o seu orgulho. Mas sinto não poder ser mais claro, eu não tenho mulher.

82

Piotr – Obrigado, senhor Rick.

Cena 12 – O bolso

(Rick está bebendo sozinho, chega Ivete e o abraça por trás)

Ivete – E o meu beijo?

Rick – Faça como tudo é feito aqui, adie pra amanhã.

Ivete – Pede pra tua amante atual mudar de perfume. É de vagabunda barata.

Rick – Não acho o perfume tão ruim assim, a combinação é que não me agrada muito.

Ivete – Que combinação?

Rick – O dela e o teu.

Ivete – Se você não gosta do meu, então me dá algum dinheiro pra que eu possa comprar um melhorzinho.

Rick – Quem diria, Ivete! Quando te conheci, você só precisava dar uma voltinha no salão pra conseguir o que quisesse...

Ivete – Se você pensa que vai me agredir, está muito enganado. Foi no salão que você se apaixonou por mim, você e muitos outros homens... Como vocês são ingênuos. Ou você se esquece assim tão fácil das coisas boas da sua vida?

83

(Entra Samul, agitado)

Samul *(Fingindo estar constrangido diante de Ivete)* – Desculpe, dona Ivete... Seu Rick, eu não sabia que estava atrapalhando...

Rick – A gente já estava acabando, Samul.

Samul – Seu Rick, tá acontecendo um tumulto na porta. O senhor precisa vir correndo.

Rick – Mas o Lázaro não pode ver isso?

Samul – Eu não vi seu Lázaro.

Rick (*Saindo*) – Então, vamos.

Samul (*Para Ivete*) – Acho que o problema vai ser resolvido logo. Em alguns minutos, ele vai estar de volta, dona Ivete. (*Sai*)

(*Ivete revira as coisas de Rick. Encontra o salvo-conduto no bolso do paletó e sai*)

Cena 13 – Perdidos

(*Rick sentado na mesa do bar. Chega Geraldo.*)

84

Geraldo – Rick, agora não preciso mais de problemas. Vim pegar o salvo-conduto. Consegui o comprador! E que vai me pagar muito bem.

Rick – Lembra-se quando você disse que eu era a única pessoa em quem você poderia confiar?

Geraldo – Claro!

Rick – Pois então você estava enganado, o velho Rick foi passado pra trás.

Geraldo – Como assim, Rick!?

Rick – Parece que existe outra *mão-leve* por aqui além de você. Surrupiam o salvo-conduto!

Geraldo – Pare com isso, Rick... *(Partindo para cima de Rick)* Você não está querendo sair daqui, não é? Onde está o salvo-conduto!? Onde?

Rick – Geraldo, é melhor você ser mais cuidadoso ou ainda vai perder a vida atacando gente errada. Seu salvo-conduto sumiu, desapareceu, evaporou! Alguém me roubou. Mas se você for levar em conta que ladrão que rouba ladrão...

Geraldo – É ladrão morto! Vou ter que me acertar agora com o Wagen! Como? O que é que eu vou dizer pra ele?

Rick – Tenho certeza que vocês vão encontrar uma solução para o problema. Afinal, vocês sabem muito bem como lidar com esse tipo de situação. Cada um da sua maneira...

85

Geraldo – Maldito seja, Rick. Seu verme!!! *(Sai)*

Cena 14 – Ameaça

(Sentado na delegacia. Wagen lendo um livro. Geraldo lívido, pálido, quase entrando em desespero)

Wagen – Sabe aquele casal de búlgaros que tem andado por aí?

Geraldo – Sei.

Wagen – Amanhã vou comer a mulherzinha dele... E ele ainda vai ter que assistir.

Geraldo – Você e tuas histórias de sempre.

Wagen – Minha especialidade...

Geraldo – E por falar em salvo-conduto, Wagen... Tenho uma história meio esquisita pra te contar.

Wagen – Não venha com historinhas dessa vez que eu já te conheço... Desembucha.

Geraldo – Dessa vez é verdade.

86 Wagen – Fala.

Geraldo – O salvo-conduto foi roubado.

Wagen – Roubado? Como roubado? Como assim? Você tá louco?

Geraldo – Juro, é a mais pura verdade.

Wagen – Se você estiver me enganando, você sabe muito bem do que eu sou capaz quando alguém tenta me passar a perna.

Geraldo – Mas eu tô falando a verdade. Entreguei para uma pessoa de confiança, mas ela foi roubada.

Wagen – Confiança? E desde quando existem pessoas de confiança nesse lugar?

Geraldo – Era o Rick.

Wagen – Ouve bem, Geraldo. Se você estiver pensando em me enganar, você vai sair prejudicado. Você sabe muito bem o que eu faço com quem tenta me aplicar um golpe.

Geraldo – Calma, Wagen, calma! Quando é que eu te deixei na mão? Eu vou conseguir recuperar o salvo-conduto.

Wagen – Eu acho bom mesmo... E logo... Ou então vou ter que tomar uma atitude que acho que você não vai gostar muito.

87

Cena 15 – Convite para o jantar

(No bar, Lázaro faz as últimas contas. Elisa chega com uma garrafa. Lázaro faz menção de sair)

Elisa – Lázaro, você tem certeza que vai sair? Olha o que eu trouxe pra nós. *(Mostra a garrafa.)* Você gostava tanto desse vinho. Vem. Bebe comigo. *(Ele hesita mas acaba ficando.)* Ah, Lázaro! Você e o Rick juntos no bar! *(Ela serve e eles brindam casualmente.)* A vida dá tantas voltas, hein?

Lázaro – Nada melhor do que o tempo pra colocar as coisas nos seus devidos lugares.

Elisa – Nesses sete anos, aprendi a ver a vida com outros olhos, sabia? Também comecei a ver a nossa relação de outro jeito. Nós dois... Quanta coisa. Você se lembra da primeira vez que nos vimos? Era verão, fazia muito calor e eu tinha ido buscar água no poço. Quando te vi, escorreguei e me molhei toda. *(Ela derrama vinho sobre seu peito propositadamente.)* E foi assim que tudo começou. Você não sente saudade?

Lázaro – A escolha foi tua.

88

Elisa – Não, Lázaro. Foi o destino que me fez tomar o caminho errado. Mas, agora, eu consegui enxergar o erro. Quanta saudade! *(Eles se pegam sexualmente com ferocidade. Ela interrompe)* Você está feliz aqui, Lázaro?

Lázaro – O que você quer dizer com isso?

Elisa – Você não acha que a gente podia ser feliz sozinhos?

Lázaro – Podia ser?

Elisa – Lázaro, me ouve! Eu voltei... Porque pensei muito... Revi o nosso passado... Eu voltei porque escolhi você.

Lázaro – E daí?

Elisa – Presta atenção, Lázaro! Eu quero você de novo, eu sempre te quis. Só você.

Lázaro – E eu nunca te esqueci, Elisa. Nunca. Todas as noites, durante estes sete anos, eu me lembrei de você... Mas também toda noite me vinha aquela pergunta horrível: por que você fugiu? Por que você tinha que me enganar?

Elisa – Ficar repetindo mágoas não ajuda em nada, Lázaro. (*Aproxima-se dele e o beija*) O que importa é que estou aqui, agora, e estou dizendo que te amo muito. Eu quero você.

89

Lázaro – Não faz isso comigo, Elisa. Eu jurei que nunca mais ia olhar na tua cara.

Elisa – E eu jurei que um dia ia ter você de volta.

Lázaro – Mesmo que fosse verdade, Elisa, a gente sempre vai ter que conviver com um fantasma entre nós dois.

Elisa – Mas como você mesmo disse: ele é apenas um fantasma. E eu não tenho medo de fantasmas.

Lázaro – Mas não tem lugar pra três aqui, mesmo que seja um fantasma.

Elisa – Você merece muito mais do que a metade desse lugar. Você pode ter tudo isso só pra você. E eu vou ser toda sua, só pra você.

Lázaro – Mas como? Como?

Elisa – Agora olha pra mim e diz: Elisa, vem jantar com a gente amanhã, pra lembrar dos velhos tempos.

Lázaro – Elisa, vem jantar com a gente amanhã, pra lembrar dos velhos tempos.

Elisa – Às nove horas.

90

Lázaro – Às nove horas.

Elisa – E eu aceito o teu convite. E digo que no jantar, amanhã, eu, você e o Rick vamos beber e lembrar do passado. Ele vai confiar em nós. Ele vai rir também. Então, eu vou chamar o Rick para dançar. Quando eu enterrar as mãos no cabelo dele é o sinal pra você se aproximar e cravar um punhal nas costas dele. Lázaro, ele vai tombar. O fantasma vai sumir da nossa vida. E tudo aqui vai ser seu... Só seu e meu.

Lázaro – É assim que tudo termina?

Elisa – Não, Lázaro... É assim que tudo começa.

Cena 16 – Cena de amor

(Ivete chega esbaforida)

Ivete – Samul, a pinga tá limpa?

Samul – Tá.

Ivete – Estou precisando beber... Me dá uma pinga de verdade.

Samul – Se deu mal, vagabunda?

Ivete – Me dá logo, que eu quero atolar o cu de pinga, porra!!

Samul *(Para Valdívia)* – Pega a pinga, imbecil!
(Para Ivete) Fale, o que você tem?

91

Ivete – Aquele verme do caralho, desgraçado me humilhou...

Samul – O que ele fez agora?

Ivete – Me sacaneou, ele quer que eu morra aqui...

Samul – E o que tem isso? Todo mundo vai morrer aqui. Eu, você e até o verme vai apodrecer nesse lugar.

Ivete – Você é tão diferente dele...

Samul – Eu quero você, porca interesseira. Ele podia não existir.

Ivete – Você acha, Samul? Eu quero tanto você, sabia?

Samul – Eu sei, você é minha vagabunda.

Ivete – Sua vagabunda!!!

(Os dois se agarram)

Cena 17 – Nada de atrasos

92

Piotr – Eu andei pensando no assunto, procurei saber mais sobre esse chefe de polícia e resolvi que até que o que ele tá pedindo não deixa de ser razoável.

Sofia – Razoável?

Piotr – Afinal de contas, quando a gente sair desse buraco, ninguém vai se lembrar do que aconteceu aqui, não é mesmo, Sofia?

Sofia – É verdade, vai tudo pra debaixo do tapete... Como se nunca tivesse acontecido.

Piotr – E depois a liberdade do outro lado da fronteira... Pra sempre.

Sofia – Ele disse que nove horas em ponto a gente precisa chegar lá.

Piotr – Problema seu. Eu nunca me atraso... Você é que precisa começar a se arrumar já.

Sofia – Ele pediu pra você chegar comigo de braço dado e depois sentar numa cadeira, do lado de um abajur. Ele quer que você fique sentado lá, do lado da gente...

Piotr – Mas vê se não enrola muito com ele. Rápido... Rápido... Entendeu?

Sofia – Com o nojo que eu tenho dele, nem precisa se preocupar. A gente sai rapidinho... E, daí... Liberdade.

93

Piotr – Agora vai se arrumar logo... Anda. Só faltava, depois de tudo, a gente perder essa chance por causa dos seus atrasos.

Sofia – Já vou.

Cena 18 – O prato frio da vingança *(Lázaro e Rick no caixa do bar)*

Lázaro – Como está o movimento?

Rick – E eu vou querer saber disso agora depois dessa aparição?

Lázaro – Eu convidei ela pra jantar amanhã.

Rick – Sete anos, Lázaro! Sete anos depois e o demônio volta, e você convida prum jantarzinho?

Lázaro – Um jantar pra nós três, Rick.

Rick – De novo, nós dois fazendo papel de palhaços.

Lázaro – Nós não.

Rick – Você tinha que convidar ela pra jantar? Tinha?

94

Lázaro – Eu pensei que ela não tivesse mais poder nenhum em cima de mim.

Rick – Mas ainda tem. Ainda tem, sempre vai ter.

(Silêncio)

Lázaro – Eu não sei o que fazer.

Rick – Você nunca conseguiu tirar ela da cabeça... Nem eu.

Lázaro – Não quero mais, Rick. Não posso mais. Nem consigo chegar perto dessa maldita.

Rick – Desgraça. A melhor e a pior desgraça que eu conheci.

Lázaro – Continua insinuante... Continua apaixonante... Sempre foi e sempre arrumou um jeito de destruir tudo o que estava por perto. Não quero mais Rick.

Rick – Então por que não escorraçamos ela para fora daqui de uma vez? Não me importa que ela não tenha para onde ir. Ela que se dane. Não me interessa saber como ela vai se virar.

Lázaro – Pois me interessa. Me interessa muito. É a única coisa que me interessa.

Rick – Depois de tanto tempo...

Lázaro – Ela devia deixar de existir.

95

Rick – Se ela vai embora, pode voltar ainda.

Lázaro – E começa tudo de novo, tudo de novo.

Rick – Se ela sumisse pra sempre...

Lázaro – Ninguém ia perceber que ela desapareceu, só nós dois.

Rick – Ela podia mesmo morrer.

Lázaro – No jantar.

Rick – Quando ela estiver dançando comigo.

Lázaro – Ou comigo.

Rick – Quando ela estiver muito feliz.

Rick – Quando ela estiver rindo...

Lázaro – Você apunhala a Elisa pelas costas.

Rick – Ou você apunhala a Elisa pelas costas.

Lázaro – Enquanto ela estiver sorrindo.

Rick – Enquanto ela estiver sorrindo.

Cena 19 – Mentiras

(Samul e Ivete retomam a ação da cena anterior de ambos. Ouve-se um barulho)

96

Ivete – Samul, me dá alguma coisa pra beber.

Samul – Tá. *(Para Valdívía)* Vai lá, Valdívía, busca um vinho pra gente! *(Valdívía sai)* Conseguiu achar?

Ivete – Achar o quê?

Samul – O salvo-conduto, porra. O que é que a gente tá procurando? Ou você acha que eu inventei aquela história pro Rick pra quê?

Ivete – Ah, não... Não achei nada. Aquele verme do caralho, o desgraçado me humilhou.

Samul – O que ele fez agora?

Ivete – Me sacaneou, melhor nem falar disso... Ele quer que eu morra aqui.

Samul – E o que tem isso? Todo mundo vai morrer por aqui. Eu, você e até o verme vai apodrecer nesse lugar mesmo.

Ivete (*Irritada*) – Cadê essa porra desse vinho, Valdívia? Imprestável!

Samul – Já falei pra parar de falar assim com ela, Ivete.

Ivete – Você pensa que a sua irmã tonta entende alguma coisa?

97

Samul – Não interessa. É minha irmã.

Ivete – Que besteira... Ficar brigando por causa dela? Acho que a gente tem mais coisa pra fazer...

(Os dois se agarram)

Ivete – A gente ainda vai acabar com o Rick.

Samul – E com o desgraçado do Lázaro também.

Ivete – Eles pensam que são os donos do mundo. Nada! Eles não são nada.

Samul – Ivete... Nunca existiu uma mulher como você.

Ivete – Você acha mesmo, Samul?

(Ivete e Samul se agarram no balcão do bar. Valdívia por perto. Ouve-se um barulho)

Ivete – Que barulho é esse?

Rick *(Voz ao longe)* – Samul! Samul!

Samul – O que ele quer agora?

Ivete – Ele não pode me ver aqui.

98

(Ivete sai e esquece a bolsa)

Rick – Samul, tem um larapiozinho por aqui, deve ser algum funcionário. Entrou no meu escritório e me roubou.

Samul – Roubou o quê, patrão?

Rick – Dinheiro e... Mais algumas coisas. Era bom você dar uma espiada e ver se tem alguma coisa suspeita. Eu vou procurar lá na frente. *(Sai)*

Samul – Vou tentar encontrar... *(Para si, só)* Coisa suspeita...

(Samul vê a bolsa de Ivete, resolve vasculhar os pertences da amante. Encontra o salvo-conduto)

Samul – Então essa vadia roubou o salvo-conduto, desgraçada! E ainda dinheiro do chefe... Ah, Ivete... Ivete!

(Valdívia ri)

Samul – Cala a boca, Valdívia! *(Ela continua a rir)* Valdívia! Quieta! A sacana tinha razão mesmo: você não entende nada. Essa vadia queria fugir daqui sozinha. Ela me paga, me enganou sempre, acredita em mim, minha irmãzinha... Ninguém engana Samul.

99

Valdivia – Ahahahahaha...

Samul – Isso, eu vou acabar com ela, traidora, vadia, vai se fuder, vai se fuder...

(Samul esconde o salvo-conduto no paletó)

Cena 20 – Convite para jantar II

(No bar. Rick está só. Elisa chega com uma garrafa. Rick faz menção de sair, mas é impedido)

Elisa – Rick, acho que você não vai querer sair agora.

Rick – Pra mim, é mais que suficiente ter que jantar com você amanhã.

Elisa – Você devia ser mais gentil com um antigo amor que veio pra te visitar... Olha o que eu trouxe pra nós. *(Mostra a garrafa)* Você se lembra. Você gostava tanto desse vinho. Vem. Bebe comigo. *(Ele hesita, mas acaba ficando)* Ah, Rick! *(Ela serve e eles brindam casualmente)* A vida dá tantas voltas, hein?

Rick – A maior das voltas foi você aparecer por aqui.

100 Elisa – Isso te deixa triste?

Rick – Acho que irritado é a melhor palavra.

Elisa – No fundo, no fundo, você sempre sonhou que eu voltasse logo. Mas tenho que te dizer uma coisa. Fugi porque não conseguia mais aguentar. Eu não conseguia decidir nada.

Rick – E o seu milionário acabou decidindo por nós.

Elisa – Se eu te disser que nunca te esqueci? Se eu te disser que tive que fugir porque não aguentava tanto amor que eu sentia por você?! Nunca me esqueci da nossa primeira vez.

Rick (*Começando a ceder*) – Antes do teu casamento com o Lázaro.

Elisa – Exatamente, uma semana antes. Você se lembra? Foi tudo por acaso. Eu nunca ia imaginar. De repente, aquela noite, eu e você ficamos sozinhos.

Rick – O Samul tocando.

Elisa – E já não tinha mais ninguém no bar.

Rick – Você falou do casamento.

Elisa – E os teus olhos mergulharam dentro de mim. E eu não consegui me controlar.

101

Rick – Você me beijou.

Elisa – Eu te beijei. Como agora eu tenho vontade de te beijar de novo, Rick. (*Elisa se aproxima e beija Rick*)

Rick – Eu tenho uma promessa.

Elisa – Psiu! Fica quieto. Eu também tenho uma promessa. Mas as promessas foram feitas para serem quebradas.

Rick – Por que você nunca largou dele? Por que você nunca ficou só comigo?

Elisa – Porque só o tempo pode nos dar as lições. Eu precisei do tempo pra entender que te amo. Pena que ainda exista um fantasma entre a gente. Um fantasma que quer a tua morte.

Rick – Fantasma?

Elisa – Você já pensou que a inveja sempre nasce do lado do sucesso?

Rick – O Lázaro?

Elisa – Rick, presta atenção! Ele não quer metade, ele quer tudo.

102 Rick – Não entendo. O que você quer dizer com isso?

Elisa – Ouve, Rick. Você merece muito mais do que a simples metade de tudo isso aqui. Você pode ser dono desse bar inteiro. Você pode ser o meu dono, inteiro, pela primeira vez.

Rick – Mas o que é que você está tramando, Elisa?

Elisa – No nosso jantar amanhã.

Rick – Amanhã?

Elisa – Isso, no jantar amanhã. Nós três vamos nos lembrar do passado. Vamos beber o nosso

vinho e rir muito. O Lázaro vai rir muito também. Então, quando ele estiver desatento, achando que estamos num jantar tranquilo para matar saudades, eu vou te chamar pra dançar, Rick. Você vai ter uma faca, bem afiada, já pronta no bolso. Vamos ficar dançando. O Lázaro com certeza vai se aproximar um pouco e olhar a cena. E quando eu enterrar as mãos nos seus cabelos, é o sinal para você se aproximar e cravar um punhal no peito do seu rival.

Rick (*Repetindo, meio enfeitiçado*) – Cravar um punhal no peito do meu rival...

Elisa – Rick, ele vai tombar. E finalmente a gente vai ficar livre. Pra sempre.

103

Rick – Elisa, é assim que tudo termina?

Elisa – Não, Rick. É assim que tudo começa.

Cena 21 – Brincadeira

(Lázaro começa a jogar pedaços de pão em Valdívía. Ela entra na brincadeira pegando com a boca os pedaços no ar. Ele joga os pedaços cada vez mais perto dele até que ela fica entre suas pernas. Ele dá uma chave de pernas nela.)

Lázaro – Valdívía! Valdívía! Quer mais? Quer? Valdívía redonda. Valdívía idiota. Valdívía gosta

de pirulito. Idiota. Se pelo menos pudesse falar. Agora você vai ser ela. Vai. Agora, você é a desgraçada. (*Agarra Valdívia*) Diz. Eu ainda te amo!

Valdívia – Ahahaha....

Lázaro – Fala, idiota. Eu tô arrependida! Você é o homem da minha vida! Fala!

Valdívia – Ahahahaha...

Lázaro – Fala!

(*Valdívia tenta escapar, grunhindo angustiada*)

104 Lázaro – Vem aqui!

(*Lázaro agarra forte Valdívia, que geme de medo*)

Lázaro – Por que você tinha de fugir? Por que você fugiu? Por quê? Eu tenho cara de babaca? Eu tenho cara de chifrudo?

(*Lázaro começa a arrancar a roupa dela. Ela se agita*)

Lázaro – Cala a boca, imbecil! Cala a boca, traidora!

(*Lázaro enfia o resto do pão na boca de Valdívia, começa a violá-la. Samul entra e percebe a situação, constrangido*)

Samul – Valdívia, vai limpar a cozinha! Anda, vai logo! Para de dar em cima do patrão, idiota! Desculpa, seu Lázaro! Vai limpar a cozinha, Valdívia, vai!

(Valdívia sai)

Lázaro – Ela sempre me provoca, Samul. Você tem que dar um jeito nessa tua irmã, senão dança ela e dança você também.

Samul – Desculpa... Desculpa... Prometo que nunca mais. De vez em quando, a gente precisa dar uma bronca nela senão ela se descontrola.

Cena 22 – O vento

Ivete está sentada. Entra Elisa, senta numa mesa, começa a fumar, depois de um tempo se entreolham umas três vezes. Entra música. Ivete se aproxima dela lentamente. Ivete chama Elisa que está absorta.

Ivete – Elisa! Você é a Elisa, não é?!

(As duas andam de frente uma para outra)

Elisa – Sou eu, sim.

Ivete – Vai embora daqui. Volta para o lugar de onde veio.

Elisa – Por quê?

Ivete – O vento voltou. Está forte demais. E você sabe o que isso significa...

Elisa – Nunca tive medo do vento.

Ivete – Ouve... O vento... O vento veio pra destruir tudo. Não vai sobrar vento, nem ninguém. *(Sai)*

Elisa – Pode vir, vento... Vem... Que vento é esse que me chama de novo? O vento que me levou agora me diz pra ficar... Eu vou ficar.

Cena 23 – Limites

106 *À noite, na delegacia. Wagen esperando. Piotr e Sofia chegam. Troca de olhares. Wagen indica com o olhar o local da transa. Wagen empurra com o pé uma cadeira para Piotr sentar. Sofia e Wagen vão para a cama. Wagen vai despindo-a lentamente enquanto olha para o marido. Começam a transar. O ato vai se tornando animalesco, violento, nojento. Piotr se excita. Geraldo chega sem ser notado. Piotr começa a desenvolver um processo de culpa.*

Geraldo *(Para Piotr)* – Que situação, hein?!

Piotr – O quê? Você também faz parte dessa história toda?

Geraldo – Nada... Mas ele me contou tudo. Esse cara é um lixo... Sempre faz isso... Ele gosta de brincar com o poder... Até em cima de mim ele pensa que pode alguma coisa.

Piotr – É?

Geraldo – Mas ele ainda vai receber o troco dele.

Piotr – Por mim... Contanto que ele me dê o salvo-conduto e eu saia daqui.

Geraldo – Sabia que não tem salvo-conduto nenhum? O último salvo-conduto sumiu. Você está dando sua mulher de graça.

107

Wagen (*Para Sofia*) – Sabe... Até que você podia valer um salvo-conduto mesmo?

Geraldo – E mesmo que ele tivesse um salvo-conduto, nunca que ele ia entregar pra dois ignorantes como vocês.

Sofia (*Para Wagen*) – Como?

Piotr (*Para Geraldo*) – O quê?!

Geraldo – Vocês são só mais um casal de ignorantes, como os outros.

Piotr – O quê? Ignorante?

Wagen (*Lentamente, no ritmo das medidas*) – Foi o que eu disse... Não... tem... salvo-conduto... nenhum.

Geraldo mostra uma faca a Piotr.

Geraldo – Mas ele se esquece que os ignorantes sempre podem ser imprevisíveis.

(Piotr avança contra Wagen. A luz se apaga. Ouvem-se barulhos de espancamento e os gritos de descontrole e euforia dos assassinos misturado ao choro quase infantil e feminino de Wagen)

Cena 24 – Posse

108 *(Ivete volta desesperada para pegar a bolsa. Samul está quieto, parece alcoolizado. Valdívia está no local)*

Ivete – O verme já saiu?

Samul – Já.

Ivete – Foi aqui que eu deixei a minha bolsa?

Samul (*Irônico*) – Bolsa?

Ivete – Pronto, achei.

(Ivete encontra a bolsa, busca, mas não encontra o salvo-conduto)

Samul – Algum problema?

Ivete – Alguém mexeu aqui. *(Ivete acusa Valdívia)*
Sua retardada, você me roubou! Me devolve.
Você me roubou! *(Começa a espancar Valdívia)*
Imbecil! Imbecil! Imbecil! Você tem que aprender a deixar de ser idiota.

Samul – Acho que não foi ela, Ivete. Deve ter sido o mesmo ladrão que roubou o salvo-conduto do Rick.

Ivete *(Para Samul)* – O quê? Que salvo-conduto?

Samul – O mesmo que você ia usar para fugir sozinha daqui e me largar na mão. **(Nervoso)**
Fugir de mim! E eu, otário, ainda te passei a informação de onde ele estava.

Ivete *(Mudando o tom)* – Não ia fugir de você, eu ia te contar.

Samul – Eu não acredito em você. E você vai me pagar, vagabunda! Traidora!

Ivete – Você não tá entendendo, eu tenho um comprador pra ele e o dinheiro ia resolver o problema da gente. Me devolve, Samul.

Samul – Eu não caio mais na tua!

Ivete – Dá o meu salvo-conduto.

Samul – Seu salvo-conduto? Você, sua trapaceira, quer mesmo ir embora sozinha, né? Então vai! Vai! (*Mostra o salvo-conduto*) Mas não com este aqui!

Ivete – Devolve. Ele é meu.

Samul – Não! O salvo-conduto agora é meu e eu faço com ele o que eu quiser.

Ivete – Eu quero ir embora, quero ir embora daqui.

110 Samul – Por que tanto desespero? Uma puta é sempre uma puta, em qualquer lugar. Do lado de cá ou do lado de lá da fronteira... Dá na mesma.

(Ivete avança em Samul)

Ivete – O salvo-conduto é meu.

(Ivete mata Samul. Pega a bolsa e a encontra cheia de pedras que Valdívía colocou antes de Ivete entrar em cena, Ela espanca Samul até a morte com a bolsa. Ou Ivete o mata furando o pescoço com uma de suas imensas unhas. Valdívía tem um ataque de riso, choro e raiva e avança em Ivete, e ela sai desesperada)

Cena 25 – Afinal

(Os três estão no bar. Música de fundo. Bebem vinho. Clima de falsa cordialidade e sedução. Rick se levanta e oferece um brinde)

Elisa – Quem diria que um dia a gente ia sentar juntos pra jantar!

Rick – Depois de sete anos.

Lázaro – Parece conta de mentiroso.

Elisa – E não é o que nós somos? *(Os três riem)*

Rick – Sete anos e teu humor continua igual.

Lázaro – Você é uma grande ordinária, mas eu senti a sua falta, Elisa. *(Todos riem)*

Rick – Nós dois sentimos a sua falta. Quantas noites a gente ficou no balcão do bar, chorando e xingando você, Elisa. *(Risos)*

Lázaro – E como num passe de mágica, você apareceu.

Elisa – Mas não era isso o que vocês queriam? As preces de vocês foram atendidas por Deus.

Rick *(Mudança brusca)* – Elisa, acho que essa história é vagabunda demais pra você meter Deus no meio.

(Silêncio. Os três bebem dos copos)

Elisa – Acabou o vinho.

Lázaro – Pode deixar que eu busco mais.

Elisa – Não, não! Deixa que eu busco.

(Sai para buscar uma garrafa, os dois homens se entreolham. Ela volta)

Lázaro – Elisa, por que você voltou?

Rick – Por que você voltou?

112 Elisa – Não é hora ainda de responder a essa pergunta, meninos!

(Música aumenta. Elisa levanta-se e faz alguns enleios de dança provocando os dois. Com um gesto de falsa cordialidade Rick oferece a primeira dança a Lázaro. Os dois dançam. No meio da dança Elisa enterra as mãos nos cabelos de Lázaro. Rick se aproxima vagarosamente com a mão atrás das costas e a toma para dançar. Depois de um tempo Elisa enterra as mãos nos cabelos de Rick, Lázaro se aproxima também vagarosamente com a mão direita escondida atrás das costas e oferece a última taça de vinho. Elisa bebe e começa a dançar sozinha. Os

dois se aproximam pelas suas costas, enterram as mãos nos cabelos dela e ficam bem colados em seu corpo. Grito. Som de punhal caindo no chão. Ela escorre pelo corpo deles. Rick chora copiosamente. Lázaro com olhar vazio)

Cena 26 – O fim

(Cena em que Valdívía toca uma gaita e anda pela sala onde o corpo de Samul está jogado. Ela sacode o irmão e tenta acordá-lo, mexe em seu corpo. Do bolso da calça, cai um papel. O salvo-conduto. Valdívía fala em sua língua incompreensível e pega o papel e começa a rasgá-lo, rindo. Os pedacinhos ficam espalhados pelo chão. Valdívía começa a tocar gaita novamente)

Fim

Transex



Ivam Cabral e Alberto Guzik

Transex

Peça teatral em ato único de Rodolfo García Vázquez.

Transex estreou no dia 24 de setembro de 2004, no Espaço dos Satyros Um, em São Paulo/SP e contou com a seguinte ficha técnica:

Elenco: Ivam Cabral, Alberto Guzik, Soraya Saíde, Fabiano Machado, Phedra D. Córdoba, Savana Meirelles, Marcela Randolph, Laerte Késsimos e Tatiana Pacor

Direção e iluminação: Rodolfo García Vázquez
Cenário e figurinos: Fabiano Machado

Trilha sonora: Ivam Cabral

Assistente de direção: Rodrigo Arrigoni

Programação visual: Laerte Késsimos

Assessoria de coreografia: Sandra Gomes

Vissagismo: Wander Panhoça

Fotografia: Lenise Pinheiro

Operação de Luz: Emerson Fernandes

Operação de Som: Ronaldo Dias

Costureira: Tereza Stocco

Produção: Cia. de Teatro Os Satyros

O espetáculo *Transex* recebeu o prêmio Shell de melhor figurino (Fabiano Machado)

Fortuna Crítica:

Transex é uma peça para quem não acha que as e os transexuais sejam seres de outro mundo ou para os que querem parar de pensar assim.

Contardo Calligaris,

Folha de S.Paulo, outubro de 2004

O efeito é vigoroso quando a atuação consegue revelar a angústia e a solidão por trás do simulacro, como em boas cenas de Ivam Cabral e no personagem de Alberto Guzik, uma intelectual que se transforma em homem por amor a Botticelli, um desafio que é enfrentado com surpreendente delicadeza.

118

Sérgio Sálvia Coelho,

Folha de S.Paulo, outubro de 2004

Tudo funciona para envolver o espectador nessa viagem às sinuosidades da mente humana.

Afonso Gentil,

Aplauso Brasil, novembro de 2004

Transex nos transporta para além das aparências e nos conduz ao interior desse universo, revelando a humanidade dessas pessoas que a sociedade tende a tratar como aberrações, desde aspectos mais prosaicos de seu dia a dia – como a alegria

caravana que vai embelezar o corpo com um toque extra de silicone...

Beth Néspoli,

O Estado de S.Paulo, novembro de 2004

Transex, linda metáfora de quem possui o corpo de um sexo e a mente de outro.

Revista Época, outubro de 2004

Fugir dos desdenhosos estereótipos cômicos para estabelecer uma vertente artística séria: eis a inovação dos Satyros.

Jefferson Del Rios,

Bravo!, janeiro de 2005

Transex

Dramatis Personae:

Tereza de Ávila

René

Marlene

Márcia

Jussara

Bibi

Porteiro

Homem

e Phedra D. Córdoba

Cena 1

(Tereza está diante da janela de casa)

120

Tereza – A coisa mais importante é não pensar muito e amar mais, por este motivo, façam o que for necessário para amar mais.

(Para o público) Meu nome é Tereza. Quer dizer, meu nome no papel não é esse ainda. O nome que está lá no meu R.G. é outro. Tem nome de homem, um homem que nunca existiu. Um homem que me disseram que eu ia ser, só porque tinha aquilo no meio das pernas. Enquanto todo mundo aprende que vai ser homem ou mulher por causa da anatomia, eu resolvi que ia ser diferente. Quer dizer, nem sei se fui eu que decidi. Parece que alguém ou alguma coisa aqui dentro decidiu por mim. Sou Tereza de Ávila, é assim

que eu gosto de ser chamada. Foi uma homenagem à santa. Quando eu era pequenininha, minha mãe lia os livros dela em voz alta pra mim, quando eu já estava deitada pra dormir. Depois, li muitas vezes o *Caminho da Perfeição* e também *O Castelo Interior*. Acho que ela e eu somos, cada uma do seu jeito, santas. Ela, com aquelas orações, preces e súplicas. Eu, através da minha atividade profissional. Eu e ela somos santas e revolucionárias... Sabia que ela foi a primeira mulher a ser doutora da Igreja Católica? Eu andei muito deprimida, uns tempos atrás. Sou uma profissional do sexo. Pra mim, o que eu faço é sagrado. Eu chego no que existe de mais íntimo de um homem, porque o sexo é uma experiência mística, única. Mas, do lado material, é uma atividade profissional desgastante, muito desgastante. Vocês podem imaginar o que essa troca de fluídos corpóreos faz com a gente? Eu chamo isso de provação, etapas dentro do caminho da minha iluminação. Pra falar a verdade, a prática foi me deixando um bagaço. Parecia que as minhas sensações tinham ido pro freezer. Sabe aquela doença rara que faz as pessoas não sentirem dor? É, existe uma doença que a pessoa para de sentir dor. Você pode arrancar um dedo dela e ela não vai sentir nada. Pois era assim que eu me sentia... Eu me culpava o tempo todo porque tinha aquela vontade profunda de morrer. Pedia

perdão a Deus, todos os dias, mas os pensamentos de morte estavam sempre na minha cabeça. Então, uns dois anos atrás, aconteceu uma coisa fantástica comigo. Numa noite, eu parei na janela e fiquei olhando pro relógio da igreja da Consolação, eram nove e meia, tava chovendo muito, eu não ia conseguir sair pra trabalhar. Me deu uma coisa estranha. Eu achei que tinha que acabar com tudo. Tirei os sapatos, subi no parapeito, e fiquei deixando as gotas da chuva caírem na minha cara. Fazia muito tempo que eu não tomava banho de chuva, porque estragava minha maquiagem. Então me veio a ideia: se eu der um passo pra frente, a minha vida acaba, ou muda, ou sei lá, fico entrevada numa cadeira de rodas se eu der muito azar. Mas, pelo menos, alguma coisa ia acontecer de verdade. Vou fazer isso, vou dar esse passo exatamente na última badalada do relógio da igreja, quando der dez horas. Pra mim, o suicídio era só isso. Um passo e a vida muda. Um passo e eu podia experimentar o outro lado do mundo, de repente descobrir o sentido da vida. Um passo. Se um monte de gente normal se mata por aí, imagine eu que nasci trocada? Então começaram as badaladas. Eu me preparei. Uma, duas, *blém, blém...* Na oitava, eu ouvi alguma coisa. Foi então que eu ouvi... A voz dele... Pela primeira vez. Ele me pediu pra descer e me encontrar com ele na rua. Fui até lá.

(Pausa) Agora eu vou até a janela e fico olhando as estrelas. *(Em segredo)* Ele vem de lá.

(Tereza vai até a janela, para de falar, fica admirando as estrelas. Entra Marlene. Olha a cena misteriosamente)

Marlene *(Repreendendo)* – Tereza! Tereza!

(Tereza não desvia o olhar do infinito. Depois de algum tempo, sai pela porta. Marlene fica estática. Black-out)

Cena 2

(Amanhece. Tereza está arrumando os cabelos ouvindo rádio. Surge Marlene que vem da rua)

123

Marlene *(Impaciente)* – Já pedi para você colocar esse rádio mais baixo.

Tereza – Desculpa, mãe. Esqueci.

Marlene – Fui dormir já eram cinco da manhã. E nada de você aparecer. Tava trabalhando?

Tereza – Eu só consegui me livrar às seis e meia.

Marlene – Quanto você fez ontem? *(Negativa de cabeça de Tereza)* Tereza, você precisa ganhar dinheiro. A conta do telefone tá atrasada, mona, se a gente não pagar até amanhã, com

certeza eles vão cortar. Menina, você tem que aproveitar que ainda tem pau. Eles gostam assim. Se com pau você já tá desse jeito, imagine quando cortar...

Tereza – Ele só me liberou de manhã, como é que eu ia conseguir trabalhar?

Marlene – Quantas vezes eu já te disse pra parar com essa história, filha?

Tereza – E você acha que eu consigo controlar, Marlene? Ele chegou aqui ontem à noite, começou a falar comigo, me seduziu e me levou.

124 Marlene – Veio aqui nada. Eu vi você sair sozinha pra rua. Eu fiquei tentando te chamar e nada. Tereza, presta atenção, eu tava aqui, do teu lado.

Tereza – Marlene, ele me levou.

Marlene – Tá. Tá. E como foi que ele apareceu dessa vez?

Tereza (*Respondendo como se fosse óbvia a resposta*) – Como ele sempre fez! Ele vem sempre igual, Marlene. Pequeno, baixinho assim, bonito, um rosto aceso em labaredas, com uma espada de ouro na mão e... Nu. Nuzinho, só com a espada na mão. (*Pausa*) E aquele pau imenso... Fomos

até o Parque do Ibirapuera. Ele me possuiu lá, Marlene, no meio das árvores...

Marlene (*Autoritária*) – Chega, chega, chega! Quantas vezes eu tenho que te dizer que essa história é loucura tua.

Tereza – Loucura nada, Marlene. Você não acredita porque tem medo. Você tem medo de tudo que foge do seu controle. Há dois anos faço sexo com um ser especial vindo de outra dimensão. E você tem que aceitar isso.

Marlene – Para, filha. Já te disse que essa história de extraterrestre é loucura, mona. Para.

125

Tereza – Ele é o amor da minha vida e você vai ter que se conformar com isso.

Marlene – Menina, ouve bem. No começo era engraçadinho, mas agora não dá mais. Você tem que parar com isso. Enquanto você não fizer a bendita operação e virar mulher de uma vez, vai ficar tendo alucinação direto, mesmo.

Tereza – Enquanto ele tava me possuindo, eu senti uma coisa estranha dentro de mim...

Marlene – Coisa estranha dentro de você, sei... (*Pausa*) Ouça, que eu tenho mais experiência nes-

sa vida do que você. Você ainda é nova e toda essa história da operação anda afetando sua cabeça. É normal. Tenta raciocinar comigo. As pessoas passam do seu lado e não veem o marciano?

Tereza – Ele não é marciano. Ele é um anjo. E não, as pessoas não veem nada.

Marlene – E quando é que ele aparece?

Tereza – Só de noite, quando saio para ganhar dinheiro. Ele aparece de repente.

Marlene – Tá aí. Tá vendo. Eu disse pra você. (*Explicativa e categórica*) Ele só aparece à noite!!!

126

Tereza – Sim, e daí?

Marlene – Tá na cara.

Tereza – Tá na cara o que, Marlene?

Marlene – É o exu. É o exu que tá aparecendo pra você, menina. Ele quer se disfarçar, te seduzir, inventa que é extraterrestre. Extraterrestre nada, é o exu mesmo. O exu faz coisas tenebrosas...

Tereza – Ele não é exu, Marlene. Já falei.

Marlene – Menina, olha pra mim. Vamos tentar pensar com a cabeça e não com o útero... (*Len-*

tamente) Por que um extraterrestre ia vir até o planeta Terra pra foder com um travesti da Praça Roosevelt? Hein? Me fala? Por quê? Pesquisa científica interplanetária? Não tem lógica. Tá na cara que é o exu.

Tereza – Ele é um anjo, Marlene. Eu já falei. *(Pausa)* Ele me disse uma coisa tão esquisita e depois me fez uma pergunta.

Marlene – O quê? O que foi que ele te disse?

Tereza – Ele disse que a coisa mais triste da condição humana era nunca saber quando o fim das coisas chega.

127

Marlene – O quê? Fim do quê?

Tereza – Foi o que eu perguntei. Fim do quê? Ele não respondeu e aí emendou com uma outra pergunta: *Você tem boa memória? Guarda na lembrança esses últimos momentos porque só um bom final pode justificar uma vida.*

Marlene – Credo cruz!

Tereza – Aí ele sumiu.

Marlene – Não falei que era o exu?

(Pausa)

Tereza (*Intrigada*) – O que será que ele quis dizer com isso? (*Levantando uma suspeita terrível*) Será que ele quis dizer... Que ia... Me abandonar?

Marlene (*Inconformada*) – Justo agora que você vai ser operada... Vai virar uma mulher inteira. Uma mulher. Eu entendo o que você anda sentindo... Como não? Eu te conheço melhor do que ninguém. Quando eu te conheci, você ainda era um menininho, lembra? Eu tinha acabado de fazer meus seios e você ainda brincava de colocar a saia da tua mãe e aquele sutiã cheio de jornal amassado pra dar volume. Foi quando eu me apaixonei por você...

128

Tereza – Eu não gosto quando você fala dessa época. Já te pedi pra parar de falar nisso.

Marlene – Muitas vezes, depois da gente transar, eu também via exu, Tereza... Mas, depois, a gente vai voltando ao normal.

Tereza – Não quero falar sobre isso.

Marlene – Por que não? Por que não quer falar sobre isso? Hein? Eu não tenho vergonha nenhuma do nosso amor. Foi lindo. Você foi o melhor homem que passou pela minha vida. E olha que já passei pela mão de muitos, Tereza. Casado, solteiro, divorciado, cego, padre, tudo...

Tereza – A profissão da gente tem pelo menos essa vantagem: quantidade...

Marlene – Além disso, você conhece o mundo pelo avesso, dá pra conhecer o amor pelo avesso. Atrás de cada boa família, existe pelo menos uma história muito podre envolvendo uma de nós.

Tereza – Do jeito que você fala, parece que nós é que somos podres, Marlene.

Marlene – Olha, vou te dar o exemplo da Zulmira.

Tereza – Quem?

Marlene – A Zulmira, a mulher do oitavo andar. Pego o elevador com ela todo dia, e todo dia ela vira a cara pra parede, evita me olhar, como se eu tivesse sarna, lepra, sei lá o quê... Mal sabe ela que já comi umas três vezes aquele filho surfista dela. E o marido também. Ganhei um bom dinheiro com os dois. O pai não sabe do filho. O filho não sabe do pai. E a mãe não sabe dos dois. Mais de duzentos e quarenta e três reais, se for somar tudo. A desgraçada vira a cara pra mim, mas não percebe que é na casa dela que o bicho pega. *(Pausa)* Quer dizer, que o bicho não pega.

Tereza – É aquela do cabelo ruivo?

Marlene – Tingido, como o meu. E ainda me aparece aqui pra reclamar que o banheiro tá vazando.

Tereza – Você não devia dar atenção.

Marlene – Mas ela me irrita. Ela não imagina quem é Marlene. Já tive aos meus pés general se abaixando pra me chupar. Até homem bem casado ficou de quatro pra mim e eu tive que comer. Já vi senador organizando assassinato de presidente enquanto eu tava lá no boquete... Vi de tudo e mais um pouco. E sabe qual é a conclusão a que eu cheguei? Sabe?

130 Tereza – Sei lá. Como é que eu vou saber? Qual foi?

Marlene – Que a minha madrinha tinha razão. Ela dizia: *Querida, se você gosta de usar salto alto, batom e saia, se é disso que você gosta; usa, então! Mas nunca percas a dignidade. Ah, madrinha, madrinha amada...*

Tereza (*Imitando Marlene*) – Phedra D. Córdoba é o nome dela...

Marlene – Phedra D. Córdoba é o nome dela... Ela tinha razão. E no ramo que a gente trabalha, a coisa é pior ainda. O mais importante é a elegância e a discrição.

Tereza (*Imitando Marlene*) – Eu sou uma mulher discreta.

Marlene – Eu sou uma mulher discreta. Isso pra mim é ponto de honra...

Tereza (*Imitando Marlene*) – O mundo que se foda!

Marlene – O mundo que se foda! Se eles querem ser hipócritas, se eles preferem assim, vou ficar eu botando a boca no trombone? Prostituição exige a mais alta discricção. Baixaria fica pra gente rica e famosa quando aparece no jornal... Deu pra entender?

131

(*Silêncio*)

Tereza – Marlene, ele me engravidou!

Marlene – Não acredito! Você tá grávida?

Tereza – Tô.

Marlene – De novo?

Tereza – Já disse que tô. Mas dessa vez você vai ser avó mesmo.

(*Toca a campainha*)

Cena 3

(Marlene vai abrir a porta. Estão por lá Márcia, Bibi e Jussara, travestis)

Marlene – Meninas! Já tá na hora?

Márcia – Oi, Marlene!

Marlene – E a Phedra? Já chegou, mona?

Jussara *(Recriminando Marlene)* – Meu cu!

Bibi – Primeiro *oi*, Marlene.

Jussara – Ainda não, mona.

132

Marlene – Vocês tinham que ter mais respeito. Ela vem de Milão, chiquérrima...

Márcia *(Para Marlene)* – Desaquenda, mona! A gente tá atrasada, Marlene.

Marlene – Perdi a hora. A Tetê ficou aqui me enrolando.

Jussara *(Antipática, de óculos escuros, para Tereza)* – Acordar cedo é uó...

Bibi – Oi Tereza, você aí, mona?

Tereza – Oi, Bibi, oi Ju, oi Marcinha...

Márcia – Oi, Tetê.

Marlene – Queria levar a Tereza comigo... Ela não pode ficar sozinha, não tá se sentindo nada bem.

Márcia – Que aconteceu?

Marlene – Está grávida de novo.

Jussara – Que babado é esse, mona? De novo?

(Tereza e Marlene se entreolham)

Bibi – Vai me dizer que voltou a história do ET?

Tereza – Ele é um anjo. *(Para Marlene, baixo)*
Eu não quero ir.

133

Marlene *(Para Jussara)* – Quanto tempo será que a Phedra vai ficar por aqui, hein, mona?

Jussara – Que uó, Marlene! E eu vou saber?

Marlene – Ela me prometeu que ia ficar com a gente pelo menos uma semana.

Márcia *(Para Marlene)* – Não tô podendo. Desaquenda, Marlene, que num tô a fim de basfond.

Marlene – Tá com medo do quê?

Jussara – Você não sabe?

Bibi – Coitada da bicha.

Jussara – Só porque é linda...

Marlene – Mas o que foi?

Márcia – Ela quase me arrancou o pescoço. A Talitá. Tá louca atrás de mim, querendo me dar um doce... Só porque o pessoal do *site* fez uma pesquisa e descobriu que eu sou a boneca mais requisitada da internet. Puseram uma foto minha linda, eu deitada numa cama de cetim rosa, com o título *A Boneca Virtual Mais Cobiçada do Planeta*. Mona, a Talitá ficou louca, ela tinha certeza que ela era a mais bela. Vem ela e o cafetão dela com papapum atrás de mim. O bofe é do babado... A ficha corrida dele ó... (*Mostrando uma coisa imensa*)

134

Marlene – Que babado é esse, mona!? Quem é o oco dela?

Márcia – Um tal de Tião, rei da farinha e da taba lá da Amaral Gurgel. Bandidão mesmo, o oco só anda de papapum. A Waneska me disse que ele já apagou mais de dez. Tá de babadinho com os alibã.

Jussara – Quase levou uma bala anteontem, a Márcia...

Bibi – Que dó!

Jussara – Só por que é linda, tão querendo acabar com a vida da coitada.

Bibi – Pois é, eu já disse pra ela fazer um ebó.

Jussara – Inveja mata mesmo.

Márcia – Foi um babado só na rua. Se eles aparecem de novo, eu tô fudida, só vai dar tiro pra tudo quanto é lado. O pior é que o Cláudio me deixou lá, levando bordoadada dela, ficou plantado sem dizer nada, aquela maricona desgraçada.

135

Marlene – Você tinha que fazer que nem a Phedra. Arrumou um bofescândalo em Milão, dentista, casou e ficou rica...

Bibi (*Para Márcia*) – Te falei que o Cláudio não é de nada.

Jussara (*Para Marlene*) – Pára de falar na Phedra, mona. Vamos, então, que eu tô louca pra bombar a boca logo. (*Fazendo menção de sair*) Homem não serve pra nada.

Tereza – Detesto quando vocês começam a generalizar.

Jussara – A mona com cara de apaixonada...

(Toca um celular. Márcia, Jussara e Bibi correm para atender, cada uma o seu, dizem Alô. Na verdade, Bibi é quem possui o celular que estava tocando)

Bibi – Isso, sou eu mesma.

(Bibi se afasta para atender ao telefone. As outras duas olham frustradas)

Bibi – Isso... Você viu meu anúncio onde? ...eu sou da pele clara, cabelos castanhos, rosto feminino, 1,78, 76 kg, seios e bumbum grande... Claro... Faço bem gostoso.... Na cama sou liberal total, sou ativa e passiva, na cama eu chupo teu pinto, se você quiser chupar o meu tudo bem, a gente brinca... Ah, tá... Sem problema... A gente só vai fazer o que você estiver a fim de fazer... Tem que ser natural... 21 centímetros, grande, grosso, duro e reto... Devolvo o dinheiro, sim... 100 reais por uma hora e meia, fora o hotel ou motel, ou qualquer lugar da sua preferência... Também... Também faço, só que daí é mais caro... 150... Pode, pode.... Me passa o endereço... **(Ela anota o endereço)** Ok... Ok... Qual é o teu nome? Então, té já, Geraldo. **(Para o público, antes de sair)** Desculpe, gente, mas eu vou ter que sair... Queria muito ficar até o final pra saber a opinião de vocês... É que... Pra falar a verdade, o cara

que escreveu esse texto se inspirou em mim... É... (*Chamando o ator*) Ivam, Ivam... Ivam Cabral, o cara que tá ali acenando... Ele é um ator, só um ator, ele faz o papel que é baseado na minha vida. Na vida real, quem ama um extraterrestre sou eu... E o cara que escreveu esse texto que me desculpe, mas eu não concordo muito com essa coisa de Tereza de Ávila e o final da peça é muito baixo-astral, acho que não tem nada a ver comigo... Então vou aproveitar pra sair de fininho e levantar um acué. Tchau, gente...

Bibi passa pelas meninas.

Bibi – Tchau, meninas.

137

As outras – Té mais, mona.

Pausa.

Márcia – O telefone dela não para. Ela bate uma porta...

Jussara – Também, com a vantagem que ela leva... 21... Mas ela nunca me enganou... Sempre desconfiei que ela tinha uma necona. Põe logo uma roupa, Marlene. Tô doida pra bombar nesse médico novo que mudou aqui pra São Luis.

Marlene – (*Saindo*) Só um minutinho que eu já volto.

Jussara – Diz que o apartamento dele é um luxo.

Márcia – Silicone caro, mas tudo de bom.

Jussara – Eu queria dar uma bombadinha na bunda, deixar ela mais redondinha.

Márcia – Bomba a boca também, mona! Aproveita, fica mais carnuda.

Jussara – Vou ficar com a boca da Brigitte Bardot... E onde é que você vai bombar, Marlene?

Marlene – Sei lá... O bumbum do lado direito tá uó... Preciso dar uma bombadinha aqui. Tá desproporcional.

138

Jussara – Depois não me venha com nhe-nhe-nhem se ficar que nem ficou a bunda da Silvia, parecendo uma tanajura velha. (*Reparando na Tereza*) E a Tereza? Não vai fazer nada, mona? (*Com desprezo*) Com esses peitinhos, não vai dar nem pra pagar a diária, mona.

Marlene – Ela diz que não quer...

Tereza – Só tomo hormônio.

Márcia – Naturalista, é?

Tereza (*Correndo ao encontro de Marlene, no*

banheiro. Baixo, em off) – Mãe, eu não estou me sentindo bem.

Marlene (*Off*) – Toma um chazinho, que você vai ficar melhor, filha. (*Voltando do banheiro com Tereza*) Você bem que podia ir com a gente.

Tereza – Não quero, não quero, não quero... Além do que, tenho que tomar mais cuidado. Estou grávida.

Marlene (*Para si*) – Por que não insisti pra ela se operar antes? (*Em segredo*) Se ele aparecer de novo, não dê bola.

Tereza – Não posso prometer nada.

139

(*Saem Marlene, Márcia e Jussara*)

Cena 4

Tereza (*Sozinha, para o público*) – Eu tenho pavor do tempo... Esse corpo que vocês estão vendo, ele tem data de validade. Quando eu era menininha, sonhava com o dia que eu ia poder ser mulher. Eu era na alma, mas meu corpo não. Eu lia Santa Teresa d'Ávila, naqueles versos em que ela dizia: *Para chegares a ser tudo, não queiras ser coisa alguma... Para chegares ao que és, há de ir por onde não és.* E eu me enxergava

neles, eu sabia que tinha que caminhar por uma estrada longa. No meu aniversário de 15 anos, eu prometi pra mim mesma que quando eu fizesse 21, ia ser uma mulher perfeita. Até lá, eu ia ficar como uma larva presa no casulo, se preparando pra virar borboleta. E fiquei incubada durante seis anos. Então, cheguei nos 21... E a larva... Continuou sendo larva... A borboleta tava escondida, lá no casulo. Fico olhando o calendário, vendo todo mês que passa, mais um mês de março longe de mim, mais um mês de dezembro longe de mim. Eu estou sufocada... *(Começa a chorar)* Eu não posso perder mais tempo. *(Vai até a janela)* Você está aí? Vem falar comigo? Você não pode me abandonar, não agora... Só você conhece a borboleta que existe dentro de mim. Eu estou sufocada... Não consigo mais respirar... Eu não consigo mais...

Cena 5

(Batem à porta com violência. Tereza corre para atender. Aparece o porteiro)

Porteiro – Oi, dona Tereza.

Tereza – Oi, Tarcísio.

Porteiro – A dona Marlene está por aí?

Tereza – Acabou de descer.

Porteiro – Deus nos ajude, vai ser o caos. Não quero nem ver.

Tereza – O que foi, Tarcísio?

Porteiro – A dona Zulmira mandou ver de novo o problema do banheiro.

Tereza – Ainda tá vazando?

Porteiro – Ainda. Tá complicado, né? (*Pausa. Ele visivelmente constrangido*) A senhora nem imagina o que aconteceu agora lá embaixo. Apareceu aí um tal de Tião, com 38 e tudo. Cara muito esquisito, vestido de um jeito estranho. Diz que vai matar a Márcia. Que ela anda botando banca pra cima da mulher dele. Eu não quero é confusão aqui no prédio. Já pensou, dona Tereza?

Tereza – O quê?

Porteiro – Dona Tereza, tá distraída? Não ouviu nada do que eu disse?

Tereza – Não, Tarcísio... Desculpe, eu ando tendo muitos problemas.

Porteiro – Eu entendo. Deve ser muito difícil viver como a senhora vive.

Tereza (*Enxugando lágrimas*) – Você nem imagina o quanto.

Porteiro – Cada um carrega sua cruz...

(*Pausa. Tarcísio olha intensamente para Tereza*)

Porteiro – Se a senhora não se importar, posso lhe dar um conselho?

Tereza – Eu não sei se eu tô disponível pra ouvir algum conselho agora, Tarcísio.

Porteiro – Eu sei que é meio delicado falar assim, mas é muito importante. O que falta na sua vida é Deus, dona Tereza. Dá pra ver. A falta de Deus destrói a vida de uma pessoa.

142

Tereza – Mas quem disse que eu vivo sem Deus, Tarcísio? Eu acredito em Deus, sim.

Porteiro – A senhora até pensa que acredita, mas não acredita. Não no Deus verdadeiro! Não, mesmo! Veja bem. (*Tira do bolso a Bíblia, Tereza olha com desalento. Ele se anima*) A senhora tem um minutinho?

Tereza (*Constrangida, tentando se desvencilhar*) – Pra falar a verdade, eu tô de saída, Tarcísio, eu preciso...

Porteiro (*Interrompendo*) – A senhora sabe qual é o capítulo mais curto da Bíblia?

Tereza – Eu preciso sair agora...

Porteiro – Sabe?

Tereza – Não tenho a mínima ideia...

Porteiro – É o Salmo 117.

Tereza (*Totalmente desinteressada, desistindo de sair*) – Que interessante...

Porteiro – E sabe qual é o capítulo mais comprido da Bíblia?

143

Tereza – Também não.

Porteiro – Chuta...

Tereza (*Depois de pensar um pouco.*) – Sei lá...

Porteiro – Pertinho do Salmo 117.

Tereza – O Salmo 116?

Porteiro – Não.

Tereza – Não sei. (*Contrariada*) Fala logo, Tarcísio!

Porteiro – O Salmo 119.

Tereza – Ah, sei...

Porteiro – E a senhora sabe qual é o capítulo que está no centro da Bíblia?

Tereza – Não, não sei, Tarcísio.

Porteiro – Pensa um pouquinho.

Tereza – Pensar o quê?

Porteiro – O capítulo mais curto da Bíblia é o Salmo 117, o capítulo mais longo da Bíblia é o Salmo 119. E o capítulo que está no centro da Bíblia é...

144

Tereza (*Com cara de que é óbvia a resposta.*) – 118

Porteiro (*Feliz*) – Isso mesmo. Na mosca... (*Elogioso*) Raciocínio rápido, hein, dona Tereza? São 594 capítulos antes do Salmo 118 e 594 capítulos depois do Salmo 118. Somando 594 mais 594 temos 1188.

Tereza – Sei...

Porteiro – O que diz o Salmo 118, no versículo 8, o versículo que está no meio da Bíblia?

Tereza (*Irritada*) – Como é que eu vou saber, Tarcísio?

Porteiro (*Entregando-lhe a Bíblia*) – Veja aqui.

Tereza (*Procurando lentamente.*) – *É melhor refugiar-se no senhor do que confiar no homem. (Começa a chorar silenciosamente.)*

Porteiro (*Sem perceber o choro de Tereza.*) – Dona Tereza... É isso, quando Deus está no centro da nossa vida, tudo se justifica, tá tudo certo. Ele é o nosso refúgio! Este salmo salvou minha vida quando eu tava na bancarrota, dona Tereza, naquela época que minha mulher tava desempregada, meu filho tinha pegado pneumonia, a senhora se lembra? Descobri que não se deve confiar no homem, somente em Deus. Então, a minha vida mudou. (*Observando o choro de Tereza.*) Meu Deus, dona Tereza, o que tá acontecendo?

145

Tereza – Me lembrei da única pessoa em quem eu confiava. Ele também não é desse mundo, Tarcísio!

Porteiro – Sei... E a senhora não confia mais?

Tereza – Acho que eu nunca deveria ter confiado nele...

Porteiro – Entendo. Mas com o Senhor nosso Deus no coração, isso nunca acontece, dona Tereza. Sabia que meu filho era completamente drogado?

Completamente. Maconha, cocaína, cerveja, cola de sapateiro, pinga, de tudo ele experimentou... Eu também bebia tanta cachaça que nem me lembro direito do que ele fazia... Minha família tava acabada, dona Tereza. Minha mulher vivia pelos cantos, chorava todo dia. Batia nela de cinta. Eu era muito doido. Eu não tinha mais nada na minha vida. Eu já não acreditava em nada. Comprei um três oitão. Ia acabar com a minha vida, com a da minha mulher, queria sair pela rua matando todo mundo... Dava tudo na mesma... Sei lá. *(Pausa)* Aí, um dia, aqui na portaria, me apareceu uma mulher. Saia comprida, cabelo preso, óculos. Olhei desconfiado. Não dá pra confiar muito, sabe como é, tem muito trambiqueiro se vestindo de evangélico nos dias de hoje, até na televisão. Ela parada aqui na porta do prédio, pediu pra entrar. Eu disse que não podia se não tivesse um morador certo pra falar. Ela falava com tanta segurança. Fiquei assustado. Ela tinha certeza. Tinha Deus. Então ela me mostrou isso. *É melhor refugiar-se no senhor do que confiar no homem.* E a minha vida, hoje, é outra.

Tereza *(Pensativa)* – *A coisa mais triste da condição humana é nunca saber quando chega o fim. O que será que ele queria dizer com isso?*

Porteiro *(Que estava ouvindo)* – *É dos Levíticos essa frase, não é não? (Tereza olha para ele*

desentendida. Ele, mudando de assunto) Pensa bem, dona Tereza... Não é disso mesmo o que a senhora sente falta? (Aproxima-se dela) Falta do Senhor no coração? (Põe a mão acima do peito de Tereza) O coração tem que carregar a presença de Deus... (Insinuando-se) Dona Tereza... Sempre pensei que precisava mostrar isso pra senhora... Bem no meio da Bíblia.

(Entra Marlene pela porta, esbaforida, com os sapatos na mão)

Tereza – Marlene!

Porteiro – Dona Marlene!

147

Marlene – O cara tá de papapum lá na portaria querendo pegar a Márcia. Vai ser uma carnificina.

Porteiro – Tava aqui explicando uma coisa pra dona Tereza.

Marlene (*Irritada*) – Sei.

Tereza – É.

Marlene (*Com urgência*) – Vai logo, Tarcísio!

Porteiro – Mas... Eu vim aqui pra consertar o vazamento do banheiro que a Dona Zulmira...

Marlene (*Furiosa*) – Que Zulmira o que? Chega de lero-lero, porra. Agora desce que o bofe falou que ia meter bala na coitada ainda hoje. Chispa, chispa!

(*Porteiro sai*)

Marlene (*Jogando-se na cama*) – Ele veio com a história do Salmo 118 pra cima de você, é?

Tereza – Eu disse que tava de saída, mas não adiantou nada.

148 Marlene – Versículo 8... De novo. Conheço bem essa história. Já bateu punheta umas três vezes pegando nas minhas tetas com essa história de salmo. O Tarcísio sempre tem que foder com a Bíblia debaixo do braço... Ah, meu Deus... Quando é que eu vou conseguir botar esse silicone, porra? Faz duas semanas que a gente tá enrolando... Queria ficar bela antes da Phedra chegar...

Tereza – Não sei como vocês aguentam. Eu não faria isso com o meu corpo nunca.

Marlene – E o silicone não é meu? Eu pago e ponho onde ficar melhor. Hoje em dia cada um pode ter o corpo que quiser... Tecnologia, menina. Tão todos os cientistas trabalhando pra quê? Me diga? Pra gente poder usar a tecnologia.

Tereza – Mas vocês não param nunca... Mais bunda, menos bunda, bochecha, lábio, braço, testa, barriga, celulite, ruga, nariz... Mais pra cá, menos pra lá... Dá pra fazer o que quiser. Vocês nunca tão felizes. No fundo, no fundo, vocês se odeiam.

Marlene – Mas pra que é que o homem conseguiu tudo isso? São séculos e séculos de estudos pra gente poder hoje botar silicone onde quiser, entendeu, bicho? A ciência serve pra isso, e você tem que se adaptar ao mundo moderno, ou então vai ficar uma traveca primitiva pra sempre, com chuchu e bigodão. Além do que, você reclama, reclama, mas tá louca pra arrancar esse negócio aí no meio das pernas no cirurgião plástico.

149

Tereza – Mas é diferente. Eu nasci no corpo errado. Fique você sabendo que às vezes, a natureza trai a confiança de Deus. Foi o que aconteceu comigo. Deus me queria mulher, mas a natureza foi sacana comigo. Só vou usar a tecnologia pra corrigir essa traição e fazer o que Deus tinha planejado pra mim. Entende? Eu sou uma mulher. Não quero mudar o meu corpo pra ser algo que eu nunca fui.

Marlene – Sei, sei... Toda noite agradeço a lemanjá poder viver no século XXI... Quem vai dizer que meu nome de batismo é...? Bom, deixa pra lá.

Cena 6

(Batem à porta. Marlene e Tereza se entreolham)

René – Boa-tarde, meninas!

Marlene – René!

Tereza *(Visivelmente constrangida)* – Oi, René.

Marlene – Que novidade é essa?

René – Eu fiquei preocupado. Faz duas semanas que a Tereza não aparece nas aulas.

150

Tereza – Desculpe... Eu...

Marlene *(Para Tereza, entre surpresa e furiosa)* – O quê? Você não tem ido mais às aulas de pintura?

Tereza – Eu esqueci de avisar.

René – Você não sabia?

Marlene – Ela sai todas as terças e quintas às duas horas e diz que vai pra aula, René. Como é que eu ia imaginar que ela tava me enganando?

Tereza – Ele me proibiu.

René – Ele quem?

Marlene (*Para René*) – É uma história meio complicada... (*Para Tereza*) E daí você acabou desistindo? Era a única coisa que eu te pedi pra não abandonar.

Tereza – Desculpa, mãe.

Marlene – Devia ter saído pelo menos pra ganhar dinheiro.

Tereza – Mas não fui.

Marlene – O que é que você ficava fazendo então?

Tereza – Ficava passeando na 24 de Maio.

Marlene – Por que não foi?

Tereza – Por que eu precisava pensar. Eu não sou uma máquina de dinheiro, Marlene.

Marlene – Você tem que aprender que a nossa profissão é máquina de dinheiro, sim. Mercadoria, comércio, *business*, como dizem os americanos. *Body business*. A vida hoje é no dólar e no euro.

Tereza – Aí é que você se engana. Eu ofereço uma terapia mística para as pessoas que me procuram. Terapia mística, entendeu? No fundo, Marlene, os homens sempre viveram da nossa caridade...

Marlene – Bem que a Phedra me dizia: *Cuidado com quem você põe pra dentro de casa*. Eu sempre tomei o maior cuidado, sempre. Agora vou dividir o teto com uma traveca socialista, utópica e ainda esotérica. Ah, Phedra, Phedra... Ela sempre tem razão!

René – Mas quem vem a ser Phedra?

Marlene – Você não conhece Phedra D. Córdoba? A grande diva do Medieval... Eu trabalhava de maquiador exclusivo pra ela. Ela tinha tudo em cima. Era linda. Foi ela que viu a mulher que existia dentro de mim. Ela me olhava com aqueles olhos penetrantes, eu ficava até com um pouco de medo, e ela sempre me dizia: *Dentro de você, querido, existe uma mulher. Uma mulher*. E ela estava certa. Foi ela que fez a Marlene brotar de dentro de mim.

152

(Burburinhos lá fora)

Marlene – É a voz dela. Vocês estão ouvindo? Ela está aí, ela está aí. **(Sai)**

(Silêncio)

René – Ainda não entendi por que você deixou de ir às aulas de pintura.

Tereza – Ele me proibiu.

René – Ele? Ele quem?

Tereza – É uma história tão complicada. Ele é tão difícil, eu diria quase impossível. Você tem certeza de que quer mesmo saber?

(Entra Phedra, exuberante, pela porta. Atrás dela, as meninas todas e Marlene. Phedra está vestida de bailaora flamenca)

Marlene – Que tal? Ela é linda, não é, René?

René *(Após breve susto)* – Ela tem um vestido bastante chamativo.

153

Phedra *(Para as outras meninas)* – Meu pai sempre me dizia: *Querida, se você gosta de usar salto alto, batom e saia, se é disso que você gosta, usa, então! Mas nunca percas a dignidade. Ah, paizinho, paizinho...*

Meninas *(Num suspiro)* – Horácio ele se chamava...

Phedra – Horácio ele se chamava... Ele tinha razão. E no ramo em que a gente trabalha, a coisa é pior ainda. O mais importante é a elegância e a discrição.

Meninas *(Num suspiro)* – Eu sou uma mulher discreta!

Phedra – Eu sou uma mulher discreta, isso pra mim é ponto de honra...

Meninas (*Num suspiro*) – O mundo que se foda!

Phedra – O mundo que se foda. Se eles querem ser hipócritas, se eles preferem assim, vou ficar eu botando a boca no trombone? Prostituição exige a mais alta discricção. Baixaria fica pra gente rica e famosa quando aparece no jornal... Deu pra entender?

(*Meninas concordam, deslumbradas*)

154

Marlene – Phedra, mostra uma parte do teu show pra gente. (*Para Tereza*) Elas vão ficar loucas de inveja. Ninguém toca uma castanhola como a Phedra.

(*Phedra começa a fazer um número, com a música, dublando e tocando castanhola. René e Tereza se olham, constrangidos. Phedra congela enquanto a música continua. Começa a tremer, olhando para as castanholas*)

Phedra – Eu não posso fazer isso. Eu não posso...

Marlene (*Em desespero*) – Phedra, o que foi?

Phedra – Que dia é hoje, Marlene?

Marlene – Sete de agosto.

Phedra (*Agitada, visivelmente abalada*) – Hoje faz dez anos que meu pai morreu e eu não vi ele ser enterrado. Eu saí de Cuba, ele foi até o aeroporto comigo e disse *Adiós, Fofo*. Ele disse com lágrimas nos olhos, eu nunca tinha visto meu pai chorar. Ele era um homem de muita fibra. Ele tinha me dado dois pares de castanholas... Olha, aqui, tá arranhada, desde a época do Medieval...

Tereza – Você quer um copo d'água?

René – Água com açúcar?

155

Phedra (*Chorando*) – Se eu soubesse que era a última vez, eu tinha dado tantos beijos no meu pai. Eu nunca mais pude beijar meu pai.

Marlene – Mas como você ia saber?

Phedra (*Se recuperando do abalo emocional, demonstrando força*) – Bom, mas passado é passado. Eu sou forte. (*Para René*) Eu tenho que ser forte. Perguntem pra Marlene! Se eu não fosse assim, não tava viva até hoje. Muita gente quando me encontra no Brasil, me fala que pensava que eu já tinha morrido! Eu preciso ir. Tenho que pegar o avião.

(Phedra sai acompanhada das meninas, que a seguem em alvoroço)

Marlene – Que vida a dela, meu Deus! *(Visivelmente emocionada)* Tereza, você viu como ela desabou? Ela chora como ninguém. Que força, que drama! É nessas horas que se reconhece uma diva de verdade! Mesmo que ela tivesse uma conta de telefone atrasada pra pagar, ela ia saber se comportar com elegância. *(Baixinho, evitando que o René ouça)* Você precisa aprender com ela, Tereza e parar com essas histórias de ET.

156

Tereza *(Respondendo baixo)* – Eu já disse que ele não é ET.

Marlene – Ah, se o mundo tivesse pelo menos uma Phedra D. Córdoba a cada esquina, a vida podia continuar sem solução, mas pelo menos não ia ser tão chata. *(O telefone toca. Ela vai atender)* Alô... Márcia, que foi querida?... Não... Não pode ser... E, então?... Mas... Mas Marcinha, meu amor... Ahn???... Tô indo.

Tereza – O que foi?

Marlene – Que loucura!

Tereza – O que aconteceu?

Marlene – Eu tenho que ir correndo pra lá.

Tereza – Mas, Marlene...

Cena 7

(René e Tereza ficam sozinhos, em silêncio)

Tereza – Elas são muito loucas... Mas tão animadinhas... E a Phedra é tudo!

René – Acredito em você. Mas ainda não entendi por que é que ele, essa pessoa quase impossível, te proibiu de me ver...

Tereza – Ele me disse que você podia ser uma influência negativa na minha vida.

157

René – Eu ou a arte?

Tereza – Você.

René – Acho que uma pintura de Van Gogh é muito mais *perigosa* do que eu.

Tereza – Eu concordo com você, mas acho que ele não entende muito de pintura.

René – Mas você confiou nele...

Tereza – Eu tinha minhas razões pra confiar. Se bem que agora... Eu já não sei mais nada.

René – A pintura pode mudar a vida de alguém, sabia?

Tereza – Não duvido.

René – Você sabe como eu resolvi me castrar?

Tereza – Não.

René – Uns vinte anos atrás, eu já não aguentava mais a minha vida. Meu marido era diretor de um banco, eu era professora doutora na Universidade, na área de História Medieval. Tinha aquela vida tranquila que todo mundo sonha em ter um dia... Eu era uma boa esposa, uma boa mãe. Mas aquilo tudo começou a me incomodar. Meus filhos já estavam crescidos e eu fiquei sozinha e entediada. Na Universidade, eu me sentia vazia. Nos debates eu não conseguia enxergar mais nada além das vaidades intelectuais. Mergulhada nos livros, eu comecei a dedicar mais do meu tempo à história da arte. Foi então que me veio o desejo de rever *O Nascimento de Vênus*, de Botticelli. Muita gente diz que Botticelli não era tão fiel ao mito quanto Ticiano, mas eu nunca concordei muito com isso. Eu tinha, como explicar isso, uma cisma com o quadro. Então, meu marido teve que ir pra Florença, nuns negócios do banco, e eu aproveitei a oportunidade e fui junto para ver *O Nascimento*

de *Vênus* novamente. Toda vez que eu visito Florença, fico maravilhada com aquela cidade que é mais um museu a céu aberto... Mas aquela vez era diferente, eu sentia isso. Fiquei louca, desci do avião, passei correndo pelo hotel, deixei as malas e fui voando para as Galerias Uffizzi. Eu estava numa excitação que nunca tinha vivido e não entendia muito bem por quê. Eu precisava desesperadamente ver o quadro. Chegando lá, tive a visão mais deslumbrante da minha vida. Era como se uma porta tivesse me aberto o caminho da iluminação. De um lado, os Zéfiro soprando para aquela imagem magnífica. De outro, Hera, trazendo um manto florido, cheio de adornos. Entre eles, Afrodite, saindo de uma concha à beira-mar. Afrodite, a deusa do Amor... **(Pausa. Calmamente)** Foi quando percebi que eu precisava ter um pênis, um pau, meu, só meu, no meio das minhas pernas.

159

Tereza *(Refletindo, após uma longa pausa)* – Não entendi muito bem a conexão.

René – Afrodite nasceu da espuma do mar, Tereza, uma espuma formada pelo sangue e pelos testículos de Urano, que tinha sido castrado por seu filho Cronos. A deusa do Amor nasceu de uma castração, percebeu?

Tereza – É bem complexo, né?

René – Eu senti que tinha que me castrar também, para poder amar. Aí eu pensei. E como se castra uma mulher?

Tereza – Como?

René – Colocando um pênis no lugar da vagina. Foi a grande revelação da minha vida, o momento em que tudo se esclareceu. Meses depois, eu já estava operada. Eu tinha um pênis. E aprendi a respeitar e amar o homem que surgiu ao redor dele.

(Silêncio)

Tereza – E eu querendo cortar o meu. *(Pausa)*
Mas e a tua família?

160

René – Foi muito difícil no começo. A gente precisou fazer muita terapia pra eles conseguirem superar o trauma. Começamos com um junguiano. Eram três sessões por semana de terapia familiar, duas vezes por semana de terapia de casal. Depois eu, sozinha, ainda fui fazer com um francês freudiano ortodoxo, que mora em Nova York e vem uma vez por mês pro Brasil.

Tereza – O que um penduricalho no meio das pernas pode afetar a vida das pessoas, não?

René – Foram três anos de muita luta. Mas, no final, deu tudo certo. Meu marido aceitou a

homossexualidade dele e meus filhos são superliberais. Ela é física nuclear, tá morando em Michigan. Ele faz cinema experimental no Rio e é casado. Já tenho três netinhos, sabia?

Tereza – Eu fico super emocionada quando vejo uma família assim, unida. A minha, depois que eu comecei a me montar, se espatifou. Me expulsaram de casa e meu pai abandonou minha mãe dizendo que a culpa era dela... Mas, então? Depois da operação, o que aconteceu?

René – Vivi coisas incríveis.

Tereza – Incríveis como?

René – Bem, eu comecei a procurar o amor através do sexo. Passei anos buscando o sexo nas suas mais diversas manifestações. Frequentei clubes de *swing* em Paris, casas de sadomasoquismo em Nova York e Berlim, casas de orgia em Bangcoc. Às vezes, meu marido me sugeria coisas também, como quando ele contratou duas gueixas em Tóquio para uma noite de fantasias... Fiz sexo com pedreiros em terreno de obras, transei com duas mulheres de uma vez, no banheiro de um bar. Cheguei a transar a céu aberto no Parque do Ibirapuera, com dois michês e uma amiga. Eu busquei quase todos os limites. Até que, dois meses atrás, eu acordei de manhã, fui até o espelho

e percebi uma ruga aqui, na minha testa, que eu nunca tinha visto. Aquilo me assustou. Não que eu não tivesse consciência das minhas rugas... Mas aquela ruga nova, especificamente, me fez reparar que o tempo estava tomando conta do meu rosto, que todas as rugas se acumulavam na minha cara. Eu até podia tentar disfarçar, mas elas já tinham se espalhado por todos os lados. E eu não tinha conseguido amar. *(Pausa)* Eu não queria mais aquele sentimento de vazio que eu via em mim, no meu marido, e em todo mundo à minha volta. A única coisa que pode justificar a nossa vida nesse mundo é o amor, Tereza. Afrodite... E eu não queria um amor qualquer, banal, como esse que eu sinto pelo meu marido.

Tereza – Eu só tenho conseguido viver porque tenho alguém que amo. Foi isso que me salvou, me salvou de mim mesma, René. Mas essa fragilidade do amor só me deixa ainda mais desesperada...

René – Era exatamente isso que eu procurava, um amor que não fosse frágil, entende? Que não pudesse ser abalado por nada. Teria que esquecer da libertinagem, da vaidade intelectual, da etiqueta social, tudo. Então, resolvi escrever um código de honra do amor. Desse amor inabalável.

Tereza – Código de honra do amor?

René – Isso, um código de honra. Como aqueles códigos medievais, mas não precisava ser tão complicado. Hoje a vida exige coisas mais rápidas, mais instantâneas. Tem apenas cinco itens.

Tereza – Cinco só?

René – É o suficiente. Cinco é um número cabalístico. O primeiro item diz: *Não chamarás de amor qualquer sentimento que possa levar à destruição tua ou do outro.*

Tereza (*Após pensar um pouco*) – Mas, então, Romeu e Julieta?

163

René – Isso mesmo, não era amor...

Tereza – Tristão e Isolda?

René – Também não.

Tereza – Bonnie e Clyde?

René – Muito menos.

Tereza – Abelardo e Heloísa?

René (*Cortante*) – Não era amor... Não era amor... Quer dizer, nesse caso eu teria que pensar melhor.

Tereza – Incrível! E o segundo item?

René – O segundo item é: *Não chamarás de amor aquilo que não te faça um ser humano melhor.* O amor tem que ter essa função: fazer de mim alguém melhor. O amor, assim, é uma experiência única de iluminação. Eu te amo porque em você me vejo e me aperfeiçoo. Você faz de mim alguém melhor. O terceiro é inspirado no item vinte e nove do código de amor cortês medieval, e tem a ver com aquela história toda minha, e diz: *O hábito muito excessivo dos prazeres impede o nascimento do amor.*

164

Tereza – Eu concordo totalmente e tenho praticado esse item ultimamente. Mas ele tem um custo altíssimo, no meu caso. A Marlene todo mês reclama que eu não pago a conta do telefone. E os outros dois itens?

René – O quarto item é: *Não amarás a quem possa retribuir o teu amor.*

Tereza (*Começa a rir.*) – Desculpe, René... Mas isso é muito engraçado.

René – Não vou esperar nada da pessoa amada em troca. Absolutamente nada.

Tereza – Mas isso é impossível.

René – Eu quero e vou amar a pessoa impossível.

Tereza – Mas... Mas quem vai aceitar uma coisa dessas?

René – É por isso que eu estou aqui.

Tereza – Quê?

René – Eu vim aqui... Pra dizer... Que resolvi aprender a amar assim... Quero ser um rebelde e ser rebelde pra mim significa te amar. Sem limites, sem medos, sem troca.

Tereza – Mas René? O que é isso? Que ideia é essa, homem de Deus?

165

René – Já fazia algum tempo que você era a minha escolhida. Mas você nunca mais apareceu nas aulas.

Tereza – Você está se sentindo bem?

René (*Ajoelhando-se aos pés de Tereza.*) – Vim dizer que te amo, que quero tua felicidade e vou lutar por ela. Não me importa mais nada. Quero aprender a amar, e dedicar minha vida a esse amor. E assim, vou ser alguém melhor.

(*Silêncio embaraçado*)

Tereza – Levanta daí, homem de Deus. *(Pequena pausa)* Mas eu amo outra pessoa.

René – Melhor ainda. Essa tal pessoa impossível? E eu conheço?

Tereza – Não. Ele não chega a ser impossível do jeito que você diz, mas você nunca vai poder conhecer.

René – Você não entende o que eu vim te dizer?

Tereza – Eu... Eu não sei o que dizer... Não é todos os dias que a gente recebe uma proposta dessas, né?

166

René – Eu quero amar como um guerreiro ama, e o destino de todo amor guerreiro é o fracasso, porque ele não pode sobreviver num mundo como esse. O fracasso do meu amor por você vai me fazer melhor. Assim, é melhor que você ame outra pessoa, alguém com quem eu não possa competir.

(Pausa)

Tereza – Mas... Mas, então, o que você quer que eu faça?

René – Nada. Você não precisa fazer nada.

Tereza – Mas, nada mesmo?

René – Exatamente.

Tereza – Mas, nem um abracinho?

René – Não.

Tereza – Nem um beijinho?

René – Não.

Tereza – Um apertinho de mão?

René – Nada.

Tereza – Mas e o teu marido?

René – O que tem o meu marido?

Tereza – Como você vai fazer pra abandonar ele?

René – E quem disse que vou largar o meu marido? Um dos principais motivos da infelicidade ocidental é confundir casamento com amor... Continuo casada... como sempre. A vida continua absolutamente igual. Em setembro, a gente vai pra Índia.

(Pausa)

Tereza (*Tentando mudar o rumo da conversa*) – Eu sempre sonhei viajar para fora. O problema é que tenho tanta vergonha de imaginar alguém na alfândega vendo a minha foto com aquele nome...

René – Está com medo da minha proposta, não é?

Tereza – É tão constrangedor... É meio vergonhoso aceitar o amor de alguém sem ter que dar nada em troca... Dá uma culpa horrível...

René – Diz. Aceita?

168 Tereza (*Após longa reflexão*) – Então, eu aceito...

(*Longa pausa. Os dois se entreolham. René apaixonado. Tereza encabulada*)

Tereza – Mas eu não sei o que fazer...

René – Nada. Que tal um cafezinho pra nós duas?

Tereza – Deixa que eu faço.

René – Você tem que ficar confortável. Eu faço pra você. Com açúcar ou adoçante?

Tereza – Três gotas de adoçante, por favor. (*Pausa*) Eu posso te contar uma coisa?

René – Claro. Diz!

Tereza – Eu... Eu tô muito sensível desde ontem...
Descobri que estou grávida.

René – Tereza! Eu entendo perfeitamente o que
você está sentindo. A gravidez abala muito o es-
tado emocional de uma mulher. Eu sofri muito,
as duas vezes que engravidei.

Tereza – Então, pensei... Posso dar a vida a al-
guém que nunca vai saber quando o fim das coi-
sas chega? Eu não posso fazer isso com ninguém!

René – Como assim? Eu não entendo o que você
está querendo dizer, Tereza...

169

Tereza – Eu não sei... Quando a gente se sente
abandonado, a gente perde um pouco o senso
crítico. Ele, essa pessoa especial e quase impos-
sível que eu amo, me disse que era muito triste
isso da humanidade não saber quando o fim das
coisas chega. Eu pensei: O fim do quê? Do amor?
Da vida? Eu acho que ele quis dizer qualquer
fim, entende? A gente não sabe quando o fim
das coisas chega e isso destrói a gente. Porque
é o fim que dá sentido a tudo. Só com a lem-
brança de um belo final, as coisas se justificam.
E eu sinto... Eu acho... Que o fim que ele estava
querendo dizer... Era o fim da nossa... Do nos-

so... (*Recuperando-se*) Esquece, esquece. Que bobagem a minha! Talvez o teu amor tenha me feito ficar assim, assustadinha... Mas, diz, ficou faltando um item.

René – Que item?

Tereza – O quinto item do teu código.

Cena 8

(*Um homem escancara a porta*)

René (*Surpreso*) – Quem é você?

Tereza (*Com espanto*) – O que você está fazendo aqui?

(*Homem atira em Tereza, que cai e começa a sangrar. René fica estagnado. Homem se aproxima de Tereza*)

Homem (*Para o público*) – Sempre quis fazer isso, pelo simples prazer de matar. Como um escritor de livros policiais baratos, um *serial killer*, que nem o cara que escreveu esse texto, um terrorista muçulmano ou um soldado americano louco no Iraque... Como Deus, como o destino... Eles todos brincam com a vida e a morte como um joguinho de dados, não brincam? Tiram a vida de qualquer um de forma sempre estúpida,

brutal, e ainda ficam dando risada. Minha mãe dizia. Só uma coisa pode ser mais estúpida do que a morte. O dia que a gente nasce. Como não posso parir, eu precisava sentir a outra sensação estúpida. Mas também não sou escritor, não sou *serial killer*, não carrego explosivos, nem estou no exército americano, então resolvi ser bruto com esse revólver. Entrei aqui por acaso. Não quero ficar famoso, por favor. Só vim aqui pra fazer isso de forma discreta. Anonimamente. Sem ser notado. Sem ter meu nome nos jornais, por isso nem perguntem o meu nome que não vou querer deixar nenhuma pista. Simplesmente queria ver o sangue jorrando de um corpo estatelado, ver aquele sangue escorrendo com um fiapo de vida. E saber que fui eu quem fez isso. **(Olha para o corpo caído)** Deus é o cara mais sádico que já existiu... Eu não queria mais assistir a esse espetáculo sentado. Eu quis participar, eu quis ser como Ele.

171

Tereza – Por que é que teu rosto sempre fica em chamas? Eu sempre quis saber isso...

Homem (*Vira-se pra René*) – Com você não faço nada. Ela tá morrendo. O outro então fica livre. Essa é a peça, essa é a vida. O acaso, não é mesmo? A vida não é isso, o destino? Hein? Não é assim que o escritor escolhe?... Por acaso, você vai ficar vivo. Por acaso, ela levou um tiro e vai

morrer daqui a pouco... E eu vou poder dizer que fui Deus, nesse apartamento, durante pelo menos dois minutos. *(Sai)*

(Silêncio. Aos poucos, ouvem-se os últimos gemidos de Tereza. René se aproxima de Tereza)

Tereza – Ele veio com a espada de ouro... Ele veio de outra dimensão pra me levar...

René – Eu tenho que chamar uma ambulância...

Tereza – Você não viu meu anjo? Ele veio com a espada de ouro, o rosto em labaredas imensas...
172 Você viu? Eu entendo agora o que é o amor, René. Quando a morte se encontra com o amor, uma luz aparece... Só assim dá pra entender o sentido de tudo... Quantas pessoas tiveram esse privilégio, René?

René – Mas não posso te deixar aqui sozinha. Vou ligar pra Marlene. Eu vou chamar uma ambulância.

Tereza – Não. Fica aqui comigo... A espada dele atravessou minhas entranhas, eu ainda sinto, dentro de mim... Divide esse momento comigo, René. O começo e o fim se encontram, fechamos o círculo... Esse é o momento mais feliz da minha vida, René.

(René, em estado de choque, confere o pulso de Tereza. Toca o telefone)

René – Marlene, você precisa vir pra cá... Não, Marlene, eu não quero comprar nenhum vestido da Jussara... Marlene, pelo amor de Deus, me ouve... Aconteceu uma coisa... O cara que queria matar a Márcia passou aqui... Como não, ele passou aqui... O quê? Ele tá aí? Ele chegou e quando viu a Márcia o quê?... Marlene, ele matou a Tereza... Impossível... Eles estão no quarto transando?... Marlene, eu não tô entendendo... Passou esse cara aqui, disse sei lá o que, e atirou na Tereza... Corre, chama alguém. A gente tem que levar a Tereza pro hospital. *(Desliga o telefone.)*

173

Tereza – Vem aqui, René... *(René se aproxima.)* Ainda falta você... Por favor, me conta... O último... Item...

(René sussura no ouvido de Tereza a quinta regra. Tereza olha com espanto, no fundo dos olhos de René. Um sorriso no rosto de ambos)

Tereza – Era isso... O fim mais sagrado...

(René se aproxima do cadáver, abraça o corpo desfalecido e chora. Ouvem-se sirenes de polícia e Nick Cave ao fundo)

Fim

**Kaspar ou a Triste História do
Pequeno Rei do Infinito Arrancado
de sua Casca de Noz**



Kaspar ou a Triste História do Pequeno Rei do Infinito Arrancado de sua Casca de Noz

Peça teatral em um ato, de Rodolfo García Vázquez

Kaspar ou a Triste História do Pequeno Rei do Infinito Arrancado de sua Casca de Noz contou com duas montagens. A primeira estreou em Curitiba/PR no dia 31 de maio de 2003. A ficha técnica era a seguinte:

Elenco: Olga Nenevê, Dimas Bueno, Leandro Daniel, Eduardo Giacomini, Rômulo Zanotto e Robson Rosseto

Direção, cenário e iluminação: Rodolfo García Vázquez

Figurino: Silvanah Santos

Trilha sonora: Ivam Cabral

Direção de produção: Dimi Cabral

Realização: Cia. de Teatro Os Satyros

Em março de 2004, *Kaspar ou a Triste História...* estreou no Teatro Ópera de Arame, em Curitiba, dentro da Mostra Contemporânea, do Festival de Teatro de Curitiba. Em abril do mesmo ano a peça estreia no Espaço dos Satyros Um, em São Paulo/SP, e se apresenta em julho do mesmo ano no Festival Internacional de São José do Rio Preto, com a seguinte ficha técnica:

Elenco: Ivam Cabral, Alberto Guzik, Antonio Januzelli, Irene Stefânia, Waterloo Gregório, Marcelo Jacob, Adriano Araújo, Ailton Rosa, Alessandro Gogliano, Alexandre Mendes, Angela Ribeiro, Danielle Farias, Eduardo Castanho, Fabiano Machado, Fabíola Junqueira, Fábio Guará, Felipe Lopes, Marcela Randolph, Marco Moreira, Nora Toledo, Phedra D. Cordoba, Ronaldo Dias, Soraya Aguillera, Tatiana Pacor e as crianças: Isadora Aguillera e Kauê Aguillera

Direção e iluminação: Rodolfo García Vázquez

Cenário e figurinos: Fabiano Machado

Trilha sonora: Ivam Cabral

Música original e canção tema: Hermelino Neder e Luiz Pinheiro

Arranjos musicais: Hermelino Neder

Produção musical: Ricardo Veras

Direção musical: Luiz Pinheiro

Preparação vocal: Sula Máster

Preparação corporal: Eré

Visagismo: Wander Panhoça e Paulo Alves, Les Ciseaux Cabeleireiros

Fotografias: Lenise Pinheiro

Projeto gráfico: Rogério Trajano

Assistência de direção: Marcello Serra

Desenho de produção: Ivam Cabral

Produção executiva: Eduardo Castanho

Produção de material gráfico: Fabiola Junqueira e Felipe Lopes

Captação e edição de Imagens: Zens Video
Cenotécnico: Jorge Jacques
Costureiras: Adelaide Gomes de Farias e Teresa Stocco
Operação de luz: Emerson Fernandes
Operação de som: Marcello Serra
Operação de vídeo: Ronaldo Dias
Patrocínio: Programa Fomento ao Teatro, Prefeitura do Município de São Paulo e Secretaria Municipal de Cultura.

Fortuna Crítica:

Kaspar pode não cair no gosto de todo mundo, mas revela mais uma faceta de um trabalho sério.

179

Humberto Slowik,

Gazeta do Povo, junho de 2003

Essa criação do grupo Os Satyros é um voo alto, tem a ambição generosa de teatralizar uma experiência humana fundamental e experimentar meios de expressão de impacto, dirigidos ao mesmo tempo à compreensão e à emotividade do público.

Mariangela Alves de Lima,

O Estado de S.Paulo, junho de 2004

O que o público vê não é a reprodução de uma aldeia do século 19, mas jovens com bonés e an-

dando em skate, uma feliz solução para demonstrar que o enigma de Kaspar Hauser (...) não se limita a si mesmo mas como figura exemplar da raça humana.

Ubiratan Brasil,

Aplauso Brasil, junho de 2004

A peça é de uma sensibilidade ímpar ao demonstrar que todos nós, sem exceção, lutamos, mesmo contra a nossa vontade, para sermos medianos e nos encaixar na grande máquina que se tornou o mundo.

prutruscina.com, junho de 2004

180

A despretensão e o aberto entusiasmo da montagem oferecem uma imperdível oportunidade de repensar o mundo a partir da Praça Roosevelt.

Sérgio Sálvia Coelho,

Folha de S.Paulo, junho de 2004

Kaspar é a metáfora do momento.

Sérgio Sálvia Coelho,

Folha de S.Paulo, julho de 2004

Texto, sonoplastia, trilha sonora e direção – brilhantes! – de Rodolfo García Vázquez, um dos fundadores do grupo, ganham a contemporaneidade.

neidade que necessitam para mostrar valores (ou desvalores?) infelizmente atemporais.

Adriana Marques,
Coluna Em Cartaz, maio de 2004

Oferece momentos intensos e absorventes.

Jefferson Del Rios,
Bravo!, maio de 2004

Os Satyros vem se firmando como uma das melhores [companhias] entre aquelas do chamado teatro não convencional no País.

Afonso Gentil,
Aplauso Brasil, maio de 2004

Kaspar ou a Triste História do Pequeno Rei do Infinito Arrancado de sua Casca de Noz

Poderia estar preso numa casca de noz e considerar-me-ia rei do infinito não fossem os maus sonhos que tenho. Sonhos são ambição porque a própria ambição é meramente a sombra de um sonho.

(William Shakespeare, in *Hamlet*)

Dramatis Personae:

Kaspar

182 Homem

Narrador

Skatista

Mário

Transeunte

Médico Forense

Auxiliar Um

Auxiliar Dois

Pai Hittel

Mãe Hittel

Menino Hittel

Menina Hittel

Feuerbach

Daumer

Mãe

Assistente Um
Assistente Dois
Meyer
Religioso Um – Religioso Dois – Lorde Stanhope
Drag Queen – Madame Ruby
Mulher Bêbada
Gogo Boy
Gogo Girl
Chefe de Seção
Pessoas no salão
Funcionária
Atores

Cena 1 – O ventre

(Kaspar está só. Não consegue ficar de pé. Gesticula, não tenta fazer nenhum som. Vê uma tigela com água. Bebe, deixando escorrer água pelo seu corpo. Lambe os dedos com água. Alcança o pão. Põe o pão na boca. Brinca com o cavalo de madeira. Adormece. Black-out)

183

Cena 2 – Todos temos um algoz

(Um homem todo vestido de preto entra no cubículo)

Homem *(Apontando para Kaspar)* – Você!

Kaspar – Você!

(Aproxima-se de Kaspar e começa a levantá-lo)

Homem (*Pegando na sua mão e escrevendo lentamente.*) – Kaspar Hauser! (*Lendo o que foi escrito.*) Kaspar Hauser! Fala!

Kaspar (*Como copiando*) – Kaspar Hauser.

Homem – Isso. Fala! Fala! Eu (*Aponta para Kaspar*) sou Kaspar Hauser.

Kaspar – Ueu sô Kaspar Auser.

Homem – Eu quero ser um cavaleiro tão bom quanto o meu pai.

Kaspar (*De forma esquisita, repete as palavras*) –
184 Eu quiria sê um cafaheiro tu bom como meo pae!

(*Homem carrega-o para fora do cubículo. Kaspar segura o cavalo de madeira entre as mãos. Homem arranca o cavalo de madeira. Kaspar grita. Homem joga o cavalo fora. Kaspar está estático*)

Cena 3 – Visões

(*Homem carrega-o e abandona-o no meio de uma praça*)

Homem (*Olhando em volta, respirando fundo*)
– Vê, Kaspar!

Narrador – Este é o mundo. Este é o teu admirável mundo novo, Kaspar! Estradas que cruzam os

continentes, carros, veículos velozes que nos conduzem a todos os lugares. Seres artificiais vivendo em programas virtuais. Tudo o que a civilização humana conquistou, agora, é teu, Kaspar.

(Homem tira um pedaço de pão e oferece-o com um pouco de água de um cantil a Kaspar)

Homem – Agora você tem que voltar a viver com os outros homens. Aqui, esse livro fica contigo.

Narrador – E o livro tem o seguinte título: *A Arte de Recuperar o Tempo Perdido e os Anos Desperdiçados*. Esse vai ser o seu guia para essa nova realidade, Kaspar. O tempo não se perde. Ele está aqui, agora, vivo, passando por você. *(Respira fundo)* Respira fundo e sente o ar dos novos tempos!

185

(Homem põe um livro de orações e uma carta nas mãos de Kaspar. Olha em volta. Sente a aproximação de alguém. Foge esbaforido)

Cena 4 – Solidão

(Aproxima-se o Narrador)

Narrador – Parado, num canto qualquer deste planeta, segurando um guia espiritual em uma mão e uma carta em outra, ele surgiu aos olhos do mundo. Passara tanto tempo preso, escondido, na escuridão das trevas, no ventre de uma

mãe artificial. E, por mais incrível que possa parecer, esta história não deixa de ser absolutamente real, tão real quanto o dia e a noite, a água e a terra, você ou eu...

Cena 5 – Os contatos de primeiro grau

(Aproxima-se um grupo de jovens. O Narrador se esconde)

Skatista *(Para Kaspar)* – E aí, mano veio!?

(Kaspar permanece imóvel)

Skatista – Tá surdo, hein? Tô falando com você!

186 *(Kaspar olha de rabo de olho)*

Skatista – O que é que você tem aí na mão, hein?

(Kaspar apenas mantém a carta na mão)

Skatista *(Chamando um amigo que se aproxima)* – Mário, vem aqui! Vê só!

Mário – O que foi?

Skatista – Que cara mais engraçado! E não fala nada! Tá parado feito pedra. *(Para Kaspar)* Se liga, mano, senão alguém vai acabar te roubando.

Mário – Vai ver que é mudo.

Transeunte – Mas não mexe nada também.

Skatista – Dá um tapa nele prá ver se acorda.
(*Para Kaspar*) Qual é o teu nome?

Kaspar – Eu quiria sê um cafaleiro tu bom como meo pae!

(*A ação central se congela. O Narrador se aproxima*)

Narrador – Muitos anos de calabouço, só bebendo água e comendo pão. Um vegetal com um coração batendo dentro de uma forma humana durante muitos anos. E só lhe ensinaram algumas frases...

187

(*A ação se descongela*)

Mário – O teu nome?

Kaspar – Eu quiria sê um cafaleiro tu bom como meo pae!

Narrador – Que neste caso significava: *Quem são vocês?*

(*Skatista olha para Mário com espanto*)

Skatista (*Gritando*) – O que é que você está fazendo aqui?

Kaspar (*Sente dores por causa do grito, depois de uma pausa*) – Eu quiria sê um cafaleiro tu bom como meo pae!

Narrador – Neste caso, a frase significava: *Por que está gritando?*

Mário – Procura no bolso dele. Deve ter algum documento.

Kaspar (*Depois de uma pausa*) – Eu quiria sê um cafaleiro tu bom como meo pae!

Skatista – Que merda!

188

(*O Skatista e Mário se olham furiosos*)

Narrador – E esta frase significou: *Por favor, eu estou com fome, com sede e com vontade de ficar sozinho, sem essa luz toda na minha cara... Me deixem em paz até eu poder entender tudo o que está acontecendo.*

Skatista – Já sei! A carta, veio! Vamos ler a carta.

(*Skatista tenta tirar a carta da mão de Kaspar, mas não consegue. Ele resiste*)

Skatista – Segura ele por trás que agora eu vou conseguir.

*(Mário segura Kaspar pelas costas. Skatista ar-
ranca a carta da sua mão)*

Skatista (Lendo a carta) – Envio ao nobre senhor um jovem que deseja servir lealmente ao rei, com seus soldados... Não o deixe dar um passo sequer fora de casa. Ninguém sabe da sua existência, ele mesmo ignora seu nome, a minha casa ou o meu lugar. Pode perguntar-lhe o que quiser, pois ele não saberá responder a nenhuma pergunta... Ele não carrega dinheiro algum consigo e se não quiser ficar com ele, terá que matá-lo e pendurá-lo na chaminé.

Mário – Bagulho sinistro!

189

Skatista – E aí, o que é que a gente vai fazer?

Cena 6 – As curiosidades da vida

(Neste momento ouve-se um grande burburinho. Os atores começam a perguntar simultaneamente ao público)

Quem é ele?

Por que foram deixar esse desgraçado aqui?

Ele deve estar caçoando de nós.

E se foi ele quem escreveu essa carta?

E dá pra acreditar nessa história?

Eu não confio nele.

Que crueldade fizeram com o coitado?

*Será que ele é retardado?
E se ele for um gênio?*

Cena 7 – De onde vêm as respostas

Narrador (*Pedindo silêncio aos atores*) – As perguntas não calavam. Todos se perguntavam o tempo todo sem obter resposta. Alguém mais sábio deveria analisar a situação. Afinal, os sábios e os cientistas foram feitos para explicar aquilo que foge da nossa banalidade. Se não fossem os sábios e os cientistas, não seríamos conscientes, plenos, seres humanos. Eles podem nos ensinar o que é e o que não é. E se Kaspar não é, deixaríamos de ser o que somos? É tempo de visitar o médico.

190

(Os atores carregam Kaspar)

Cena 8 – Viva a ciência

Médico Forense (*Com um ar empertigado, fala a um auxiliar que vem carregando uma prancheta com papéis e anota seus comentários*) – A ciência deve sempre se isentar de pequenas histórias melodramáticas. Um jovem excepcional encontrado em uma rua, sem falar, sem saber se comunicar... Um jovem abusado, um misterioso jovem cheio de segredos... Isso tudo é muito curioso, mas não significa que estejamos fazendo ciência. Um

fato é um fato. Isso é o que importa. O resto é melodrama barato. Nós nos atemos aos fatos, ao que é, ao que se apresenta diante de nós como verdade inabalável. *(Pausa)* Aos fatos, portanto. *(Analisando Kaspar)* Pés sangrando, de pele muito fina, parecendo a pele de um recém-nascido, não consegue suportar a luminosidade do sol, músculos fortes.

(O Médico Forense tenta abrir a boca de Kaspar, que o morde. Ele geme de dor)

Médico Forense – Reflexos rápidos. Anotou?

Auxiliar – Sim, senhor.

191

Médico Forense – Muito bem, jovem. Vamos tentar mais uma vez e ver se você colabora e acabamos com isso o mais rápido possível. Por favor, preste atenção... Nome?

Kaspar *(Após um silêncio)* – Eu quiria sê um ca-faleiro tu bom como meo pae!

Médico Forense *(Olhando para um auxiliar com raiva, volta-se para ele com calma)* – Jovem, para preencher a sua ficha, eu preciso saber o seu nome.

Auxiliar – Todos nós temos que ter um nome. Não existe ninguém que não tenha nome.

Médico Forense – Sem o seu nome não podemos fazer nada, você nem consegue começar a existir. Qual é o seu nome?

Kaspar – Eu quiria sê um cafaleiro tu bom como meo pae!

Médico Forense (*Interrompendo-o*) – Já sei, já sei bem o que você quer ser...

Auxiliar – Senhor, talvez um papel...

Kaspar – Eu quiria sê um cafaleiro tu bom como meo pae!

192 Médico Forense – Boa ideia. Vamos, meu jovem... (*Estica a mão ao auxiliar que lhe entrega uma folha de papel e uma caneta*) Aqui, aqui. Pode escrever o que você quiser.

(*Kaspar pega a caneta e começa a escrever lentamente. Ao final, o Médico Forense pega o papel de sua mão ávido*)

Médico Forense (*Começa lendo com dificuldade*) – Kaspar Hauser... (*Olha para o auxiliar com espanto*)

Um ator – Ele se chama Kaspar Hauser. Kaspar Hauser. Eis o seu nome.

(Outros atores comemoram o fato)

Ele tem um nome.

Esse é Kaspar.

Kaspar Hauser... Que nome!

Eu sabia que algum nome ele deveria ter.

Mas eu nunca ouvi falar na família Hauser.

Esse nome não me é estranho.

Cena 9 – Todos temos que ter um nome, um cpf, uma identidade, uma conta bancária

Narrador – Grande alívio para a humanidade. Agora ele tinha um nome... Podia ser chamado de algo. Poderia até ser etiquetado, como os produtos de supermercado e os CDs, como os carros e as contas de casa. Kaspar Hauser. Esse era o seu nome. Então ele pode ter um documento de identidade (*Projeção do número de sua identidade: 3x.7x7.190-X*), um CPF (*Projeção do número de seu CPF: 0x3.078.528-5x*), uma conta no banco (*Projeção do número de conta do banco: 312.4x4-8*). Agora ele podia ser alguém. (*Projeção da imagem de Kaspar e sobre ela passam muitos números variados*)

Cena 10 – Almoço em família

(Cena na casa da família Hiltel. Todos jantam)

Pai Hiltel – Essa é a última vez que alguém te

ajuda a tomar sopa. A partir de agora, você vai tomar sopa sozinho. Você deve se comportar à mesa, Kaspar.

Kaspar – Comportar.

Pai Hirtel (*Ensinando*) – Pega a colher assim pra tomar sopa. Assim, daí põe na boca... Isso.

Mãe Hirtel – Aos poucos, pai, aos poucos.

Kaspar – Pai.

Pai Hirtel – Um dia ele vai ser um de nós...

194 Mãe Hirtel – Mas ele é bom. Ele carrega bondade no coração.

Pai Hirtel – Andam dizendo por aí que ele não passa de um vigarista, isso sim.

Mãe Hirtel – Não diga bobagem. Olha fundo nos olhos dele e vê se alguém com uma mancha no coração ia manter o olhar limpo como ele.

(Pai Hirtel olha fundo. Kaspar não desvia o olhar)

Pai Hirtel – É... Você pode ter razão... Mas ele tem algo de estranho nos olhos, mulher. Um vazio, alguma coisa oca, parece um buraco...

Menino Hirtel – Podemos levar o Kaspar pra brincar lá fora, mãe?

Menina Hirtel – Deixa, mãe?

Menino Hirtel – Ele tem uma cara de bonzinho, mãe!

Kaspar – Mãe, mãe!

Mãe Hirtel – Falem com o pai de vocês!

Pai Hirtel – Vá, vá, mas toma cuidado com ele.

(Crianças saem com Kaspar. Pai e Mãe sozinhos)

Kaspar *(Saindo, olha para a Mãe Hirtel)* – Mãe!

195

(Pai e Mãe Hirtel ficam sós. Pai se aproxima da porta)

Pai Hirtel – Esse vazio nos olhos dele...

Cena 11 – O aprendizado do jovem que nunca aprendeu

(Crianças com Kaspar, brincando de pique)

Crianças Hirtel – Uni duni tê... Salamê mingué...
Um sorvete colorê... O escolhido foi você...

Kaspar *(Repetindo as palavras lentamente)* –
Colorê...

Menina Hirtel (*Para o Menino Hirtel*) – Agora é você... Agora é você...

Menino Hirtel – Então vou contar só até 20. (*Conta rápido*) Um, dois, três, quatro, cinco... (*Enquanto ele conta a menina Hirtel corre para se esconder. Kaspar está imóvel*)

Menina Hirtel – Você tem que se esconder, Kaspar. (*Empurra Kaspar. Este dá alguns passos e para novamente*)

Menino Hirtel – Dezoito, dezenove, vinte. Lá vou eu...

196

Menina Hirtel – Ainda não. (*Empurrando Kaspar*)

Menino Hirtel – Ah, não vou esperar mais.

Menina Hirtel – Espera. (*Baixinho, para Kaspar*) Você tem que se esconder. (*Empurrando Kaspar, que dá alguns passos*)

Menino Hirtel – Não vou esperar mais. Lá vou eu.

(*Menino Hirtel sai do pique. Olha em volta. A menina Hirtel se escondeu. Kaspar está no meio do palco, parado, olhando para ele*)

Menino Hirtel – Peguei, Kaspar... (*Bate no pique*)

Menina Hirtel – Mas esse jogo não tem graça.

Menino Hirtel – Nenhuma.

Menina Hirtel – O Kaspar não sabe nada.

(Kaspar olha para os dois)

Menino Hirtel – Levanta a mão direita, Kaspar!

(Kaspar fica estático)

Menino Hirtel – Mão direita, Kaspar!

(Kaspar continua estático. Pausa)

197

Menina Hirtel – Acho que ele nem sabe o que é uma mão.

Menino Hirtel – Só pode ser bobo. *(Menina Hirtel se aproxima de Kaspar)*

Menino Hirtel – Mão. *(Erguendo a mão de Kaspar)*

Kaspar – Mão.

Menina Hirtel – Nariz. *(Prendendo o nariz de Kaspar)*

Kaspar – Nariz.

Menino Hiltel – Boca. *(Passando a mão na boca de Kaspar)*

Kaspar – Boca.

Outro Ator – Orelha. *(Puxando a orelha de Kaspar)*

Kaspar – Orelha. *(Incomodado)*

(Outro ator, com um olhar maroto, se aproxima com uma vela. Kaspar olha para a vela e tenta pegar a chama. Kaspar queima a mão. Atores e crianças riem)

198

Ator – Fogo!

(Kaspar começa a chorar)

Ator – Vamos, Kaspar, fogo!

Outro Ator – Você tem que aprender as coisas difíceis também. Fogo! Repete!

Kaspar *(Chorando)* – Fogo!

Ator – Kaspar, agora você deve andar rápido.

Ator – Anda direito, Kaspar, anda!

Ator – Anda rápido! Todo mundo sabe andar.

Ator – Parece um macaco. Você também tem que andar rápido.

(Kaspar olha angustiado para os lados. Um dos atores começa a empurrá-lo e ele começa a andar de forma engraçada. Atores riem)

Ator – Kaspar, agora vamos tomar cerveja.

Outro Ator – Vamos, Kaspar, um homem de verdade toma cerveja!

(Ator traz uma cerveja para Kaspar. Este olha para o copo, sente o cheiro, fica tonto e desmaia)

Cena 12 – Decisões

199

Narrador – E Kaspar tornou-se uma atração na cidade. Era mais do que uma simples atração de circo. Todos queriam conhecer o homem que não sabia nada do hoje nem do amanhã. Momentos difíceis para alguém que não sabia o sentido das palavras. Afinal, o senhor Feuerbach, juiz e homem sábio, decidiu.

Feuerbach – (Só) Um crime foi cometido contra a infância do senhor Kaspar Hauser, um indivíduo indefeso, despreparado para a vida em sociedade. Eu, como juiz superior desta região, decido que a comunidade deve prestar toda a assistên-

cia a ele. Ele deve receber uma educação especial e ser recuperado para a vida em sociedade. Para tanto, ele necessita dos cuidados de um tutor adequado à alta especificidade desta situação... Alguém que tenha cuidado e atenção, prazer de ensinar e espírito superior. E a pessoa indicada para tanto, não poderia ser ninguém além do senhor Daumer (*Todos olham para Daumer*), tutor dos filhos do nosso grande filósofo Hegel e homem de bem.

200

Narrador – Mas ele era mais do que um simples tutor. Corria em seu sangue uma paixão desmedida pelas grandes questões humanas. Ele queria provar algo.

Daumer (*Lendo um livro. As frases são parcialmente projetadas em vídeo*) – Enquanto os homens se contentaram com suas cabanas rústicas... Enquanto só se dedicaram a obras que um único homem podia criar, viveram tão livres, sadios, bons e felizes quanto o poderiam ser por sua natureza... Mas, desde o instante em que um homem sentiu necessidade do socorro de outro, desapareceu a igualdade, introduziu-se a propriedade, o trabalho tornou-se necessário e as vastas florestas transformaram-se em campos regados com o suor dos homens e nos quais logo se viu a escravidão e a miséria germinarem e cres-

*cerem com as colheitas.*¹ (Com entusiasmo, para o público) Hei de provar que o homem, mesmo nos dias terríveis que vivemos, ainda possui alma, e que ela é originalmente boa quando não é corrompida pela sociedade. Kaspar Hauser tem a alma preservada em seu estado primitivo, seu rosto irradia paz e pureza, Kaspar é o homem em seu estado puro.

Feuerbach – Sua função será fundamental para o desenvolvimento de Kaspar, e sua transformação para a plenitude da condição humana dependerá do seu esforço e dedicação, senhor Daumer. Contamos todos com a sua seriedade nesta tarefa. Uma falha poderá destruir com a vida excepcional deste jovem.

201

Daumer – Se falhar, estarei destruindo a mim mesmo, as minhas convicções, a única coisa que me faz encontrar algum sentido nas coisas. Não consigo viver sem essa crença de que o homem seja bom... Que o mundo, a história e o tempo corrompem a pureza que existe em nós. Kaspar é a inspiração de minha caminhada, a luta pela elevação da humanidade.

¹ *Discurso sobre a Desigualdade*, Rousseau, tradução de Lourdes Santos Machado.

Feuerbach – Sua esperança no homem é admirável, senhor Daumer. Nos dias de hoje, a ciência se esforça em provar diariamente que o bem não existe e que o homem seria apenas mais uma parte da Grande Máquina. Acreditar na Bondade humana é algo ultrapassado e *démodé*, senhor Daumer... Mas ainda tem um encanto pálido.

Cena 13 – Os ensinamentos de um sábio

202

Narrador – E assim, o idealista Daumer foi ensinando a Kaspar tudo sobre a vida. O Bem, o Amor, a Virtude, a Beleza... Kaspar foi assimilando tudo com a rapidez dos pássaros. O mais simples passeio se transformava em um acontecimento especial em sua vida. O vento, o ar, o sol, o caminho, as pedras no chão, os outros seres humanos, tudo era motivo de descoberta e espanto.

Cena 14 – Aprendendo a vida

(Sequência de flashes. Para cada flash, deve haver uma projeção em vídeo ou retroprojektor, com o título do flash)

Lição nº 1 – A dialética

(Kaspar olhando para sua sombra. Kaspar assusta-se)

Daumer – A tua sombra, Kaspar.

Kaspar – Sombra?

Daumer – É sempre assim. Toda vez que existe luz, existe sombra.

Kaspar – Então o sol faz a sombra. *(Olha para o sol)* Deus é o sol, senhor Daumer?

Daumer – Tudo é Deus. O sol, a sombra, os pássaros, as plantas, o mar e o céu... Tudo é a expressão de Deus.

Kaspar – Então Kaspar ama o Sol e a Sombra.

(Kaspar olha para o Sol)

203

Lição nº 2 – Tempo e luz

Kaspar – E isto?

Daumer – Um relógio.

Kaspar *(Repetindo, como para memorizar)* – Um relógio.

Daumer – Ele marca o passar das horas.

Kaspar – Tem muita coisa pra fazer o relógio. Deve ficar cansado. Queria ser relojoeiro e poder parar as horas.

Daumer – Um relógio não para o tempo. Ele só pode medir o tempo. Todos os relógios são iguais.

Kaspar – Então todos os relógios andam na mesma velocidade?

Daumer – Na verdade, Kaspar, um relógio que desse a volta ao redor do mundo para Leste seria mais rápido do que um relógio que desse a volta ao mundo para Oeste. Quando eles se encontrassem, um deles seria mais velho do que o outro. O tempo depende do ponto de referência, da velocidade...

Kaspar – Não entendo.

204

Daumer – À velocidade da luz, Kaspar, o homem poderia até mesmo chegar ao futuro e conhecer o amanhã.

Kaspar – Então, esse relógio pode ter vindo de ontem?

Daumer – Este não... Mas outro poderia, sim... Em determinadas condições.

(Kaspar olha desconfiado para o relógio)

Lição nº 3 – Quem decide pela maçã?

Kaspar *(Ao ver uma criança)* – Homem pequeno!

Daumer – Não é um homem. É uma criança. Ela ainda vai crescer e ficar como nós. Você já foi uma criança...

Kaspar (*Rindo*) – Eu nunca fui criança.

Daumer – É, sim. Veja, Kaspar. Esta maçã é verde, depois vai ficar madura e vermelha.

Kaspar (*Assustado*) – Não pode ser...

Daumer – É a natureza. A natureza transforma as coisas.

Kaspar – A maçã muda de cor porque quer.

205

Daumer – Não, Kaspar. A maçã não tem escolha. Alguns até podem dizer que nós humanos somos como as maçãs, também não temos escolha. Somos o que devemos ser, simplesmente.

(Kaspar olha desconfiado)

Daumer – Veja, eu vou jogar a maçã no chão.

(Daumer joga a maçã)

Kaspar – Essa maçã corre rápido.

Daumer – Kaspar, a maçã não corre, a maçã não faz nada. Eu joguei a maçã.

(Kaspar duvida da afirmação de Daumer)

Daumer – Olha! Põe teu pé assim. *(Indica uma posição para o pé de Kaspar)*. Eu vou jogar a maçã daqui *(Distanciando-se)* e a maçã vai parar no teu pé. *(Daumer joga a maçã, mas imprime muita velocidade e ela passa por cima do pé de Kaspar)*

Kaspar – Maçã esperta! Maçã esperta!

Lição nº 4 – As improbabilidades da verdade

Daumer – Os nossos corpos são feitos da poeira dos céus, Kaspar... Somos feitos de um pó inesperado.

206

Kaspar – Inesperado?

Daumer – Teu corpo, olhado ao microscópio, seria uma nuvem de probabilidades de existência.

Kaspar – Nuvem de probabilidades de existência.

Daumer – Nós nunca poderíamos conhecer o corpo de forma definitiva... Ele se transforma a todo milésimo de segundo. Ele nunca tem uma posição fixa ou um momento claro. Tudo não passa de incerteza, Kaspar. Podemos supor algo, nunca estaremos certos de nada.

Kaspar – Então, a verdade não existe?

Lição nº 5 – As virtualidades

Kaspar – O que é o amor, senhor Daumer?

Daumer – É um sentimento nobre, que alimentamos em relação a outra pessoa ou algo fora de nós. Ele pode assumir várias formas.

Kaspar – Por exemplo?

Daumer – Amor pelo outro, pelos pais, pelos amigos, amor dos amantes, amor pelos ideais... E também é possível pensar em amor virtual.

Kaspar – Virtual? Eu também posso ser virtual?

207

Daumer – Todos nós. O mundo virtual é o mundo que as máquinas nos permitem viver, é um espelho tecnológico do mundo real.

Kaspar – Mas o amor nunca pode ser virtual.

Daumer – Muita gente só sabe amar através das máquinas, Kaspar. Chegamos a um tempo em que não precisamos de ninguém diante de nós para poder amar, precisamos apenas de uma máquina. Podemos também odiar, fazer sexo e trair apenas através de computadores, Kaspar. A tecnologia está tornando o homem obsoleto. Estamos muito próximos de um tempo onde os

homens vão se tornar dispensáveis e as máquinas vão manter a ordem do mundo.

Kaspar – Então os seres humanos são inúteis?

Daumer – Felizmente, ainda não.

Cena 15 – Poesia para uma alma nova

Narrador – Kaspar aprendia tão rápido. Todos admiravam como ele se tornara rapidamente humano e vivia em sociedade. Ele aprendeu a falar e a escrever, e também a ler. E a compreensão da poesia começou a inundar sua alma.

208 Kaspar – *De novo me invade.*

Quem? – A Eternidade.

É o mar que se vai

Com o sol que cai.

Alma sentinela,

Ensina-me o jogo

Da noite que gela

E do dia em fogo.

Das lides humanas,

Das palmas e vaías,

Já te desenganas

E no ar te espraias.

De outra nenhuma,

Brasas de cetim,

O Dever se esfuma

*Sem dizer: enfim.
Lá não há esperança
E não há futuro.
Ciência e paciência,
Suplício seguro.
De novo me invade.
Quem? – A Eternidade.
É o mar que se vai
Com o sol que cai.²*

*Kaspar (Fecha o livro e pensa, abre-o novamente) – De novo me invade. Quem? A Eternidade.
É o mar que se vai com o sol que cai.*

Cena 16 – Sonhos para uma alma errante

209

(Kaspar está deitado)

*Narrador – Mas então Kaspar começou a sonhar.
Estranha essa vida dos sonhos. Afinal o que é o
real, senão as imagens que eu penso viver?*

*(Kaspar adormece. Surge uma mulher imensa
sem rosto por trás de uma névoa. Sua voz é
elegante e suave)*

² *A Eternidade*, poema de Rimbaud, tradução de Augusto de Campos.

Mãe – Kaspar... Eu te esperei por tanto tempo. Vem comigo até o alto da montanha, coberta de flores e onde tudo cheira a frescor e paz. Poderemos enxergar o vale onde mora toda a humanidade, poderemos ver as montanhas mais distantes nos chamando com os ecos... Nossos olhos vão poder chegar até o fim do mundo. Vem comigo! Não tem medo!

(Kaspar acorda assustado, gemendo)

Kaspar *(Chamando a sombra)* – Mãe! Eu estou aqui! Mãe... Sou eu. Sou eu.

210

Mãe – Fala, Kaspar! Eu te ouço.

Kaspar – Mãe! Fica comigo! Fica! Não vai embora. Eu não quero ficar sozinho! *(Desata a chorar enquanto a sombra desaparece)*

Cena 17 – As estrelas são um milagre

(Kaspar e Daumer passeiam. A lua e a escuridão da noite vão se instalando. As estrelas surgem no céu. Kaspar olha admirado para o céu)

Daumer – Você não tem que se assustar quando vê um tigre num sonho, Kaspar. Enquanto você sonha, tudo parece muito real, parece acontecer... Mas quando você acorda, é como se nada tivesse existido.

Kaspar – Então eu posso acordar agora, e voltar para minha cela escura, e dizer que o senhor Daumer estava num sonho?

Daumer – Não, Kaspar, porque aqui é a realidade. O real é aquilo que eu e você acreditamos viver juntos. Mas, na tua solidão, enquanto o teu corpo adormece, Kaspar, a alma vive através dos sonhos.

Kaspar – Corpo e alma, duas coisas que eu não consigo entender.

Daumer – São como a água e o vinho, quando misturadas não se separam mais.

Kaspar – Mas a água misturada com vinho estraga.

211

Daumer – Era só uma metáfora, Kaspar.

(Kaspar olha para o céu, que agora está cheio de estrelas. Murmura extasiado)

Daumer *(Tentando dar nome ao deslumbramento.)* – São estrelas, Kaspar.

Kaspar – Estrelas... *(Pausa)* Estrelas...

(Kaspar olha com encanto ao firmamento)

Kaspar – Luzes pequenas, luzes grandes, muitas luzes... Posso chegar nessas luzes lá em cima?

Daumer – Nós só podemos ver a luz das estrelas. É impossível chegarmos até elas.

Kaspar – Mas quem acende e apaga tantas luzes todos os dias?

Daumer – Alguns dizem que foi a mão de Deus.

Kaspar (*Pensando*) – Deus!

Daumer (*Após uma pausa*) – Muitas estrelas já estão mortas, Kaspar. Morreram milhões de anos atrás. O que vemos é só a luz delas, chegando do passado.

212 Kaspar (*Extremamente feliz*) – A luz do passado é linda. Nunca vi coisa mais linda.

(Pausa. A felicidade de Kaspar em alguns segundos se transforma em profunda melancolia. Começa a chorar em silêncio, olhando as estrelas no céu)

Daumer – E você chora por ver uma coisa tão linda, Kaspar? A beleza do mundo te faz chorar?

Kaspar – Sinto uma coisa aqui dentro... Aperta...

Daumer – Ver o céu tão cheio de estrelas dói?

(Pausa)

Narrador – Kaspar permaneceu ali parado, admirando as estrelas, ainda muito tempo. Daumer, a seu lado, sentia-se inútil. O céu estava aberto, limpo, a lua era minguante, o que fazia as estrelas ainda mais iluminadas. Elas dançavam diante de seus olhos. Então, depois de mais de uma hora em silêncio, conseguiu dizer.

Kaspar – Kaspar é muito pequeno para tantas estrelas...

Daumer – Dentro de você também vive um universo imenso, cheio de outras estrelas...

Kaspar – O livro que ele me deu... *A Arte de Recuperar o Tempo Perdido e os Anos Desperdiçados*... Por que aquele homem não me deixava ver as estrelas? Senhor Daumer, não consigo entender... Por que o homem foi mau?

213

Daumer (*Constrangido*) – Vem, Kaspar...Vem. Vamos para casa.

Cena 18 – Boatos tão reais quanto fumaça

Narrador – Enquanto aprendia a entender o mundo e as mil faces do homem, Kaspar ia se transformando em celebridade.

Ator – Só pode ser filho da família real.

Ator – É o legítimo herdeiro do trono.

Ator – Mentira. Ele é um mentiroso. Está trapaceando a todos nós.

Ator – O filho da Europa.

Ator – Dizem que já está escrevendo suas memórias.

Ator – Como é que pode aprender tão rápido a falar? E a escrever?

Ator – Só pode ser um blefe. Não passa de um enganador.

214

Ator – Nobres da Europa inteira já comentam sobre Kaspar.

Ator – O senhor Feuerbach tem provas concretas. Ele ainda será o nosso rei.

Narrador – É verdade. Os comentários vinham de todas as partes. Como diria o senhor Feuerbach.

Feuerbach – As datas coincidem. O filho do rei de Baden, herdeiro legítimo do trono, morreu em circunstâncias misteriosas... Ele teria hoje exatamente a idade de Kaspar. E vejam os seus traços nobres, sua atitude gentil e superior. Ele, com certeza, é o Príncipe Desaparecido. Vítima

da inveja e da cobiça, a pureza de sua alma permaneceu intacta, apesar do que sofreu.

Narrador – Como em todos os mistérios, os comentários foram se transformando em verdades para quem os ouvia e Kaspar tornou-se mais famoso ainda... E algo acabaria por tornar sua breve passagem pelo nosso mundo ainda mais fantástica.

Cena 19 – Nem sempre se morre depois de um ataque

(Kaspar sai para passear. Alguém o reconhece.)

Criança – Kaspar Hauser! Kaspar Hauser! É ele.

(Outra pessoa se aproxima.)

215

Outra Criança – É o filho da Europa. Mãe, vem ver!

(Uma multidão começa a se aproximar. Burburinho de todas as partes. Uma figura sombria, com luvas amarelas se aproxima. A figura dá um tiro no meio da multidão, que grita desesperada, e foge. Kaspar cambaleia, só. Surge a mãe de Kaspar como num delírio)

Mãe – Kaspar! Outra vez, não! Não! Respira! Volta! Ainda não é a tua hora!

(Ele tomba. Ela grita em desespero)

Kaspar – Mãe!!!

(Kaspar tomba. A figura dá um último tiro)

Cena 20 – Recuperação

(Kaspar na cama. Daumer se aproxima)

Daumer – Como é que você se sente? Já parece um pouco melhor, em alguns dias vamos começar a passear de novo...

Kaspar – Não consigo entender o homem, senhor Daumer. Por que alguém precisa fazer isso comigo?

216 Daumer – Teu coração é bom e não consegue enxergar algumas coisas que a vida entre os homens nos ensina. O homem aprende a maldade com muita facilidade, meu amigo. A inveja, a vaidade, o ódio... São coisas que não fazem parte de nós, mas que aprendemos das formas mais variadas. Os olhos mudam e o rosto fica terrível quando estamos tomados pelo lado obscuro. **(Pausa)** Eu também tenho que lutar quando o mal se aproxima dos meus pensamentos, Kaspar.

Kaspar – Ainda não entendo. Por que o homem quis a minha morte, senhor Daumer?

(Daumer olha para ele e nada responde. Kaspar olha pela janela. O silêncio se impõe)

Kaspar – Minha chegada no seu mundo foi uma queda muito dura. Senhor Daumer, quero voltar para o meu quarto escuro.

Daumer – Talvez lá você fosse mais feliz. Afinal, o mundo do lado de cá também é uma prisão, mas a céu aberto.

Cena 21 – Conchavos

Narrador – Daumer nunca soube responder exatamente os motivos do atentado. A única certeza que se conhecia era de que o país vivia cercado de boatos. Boatos de que ele seria o herdeiro do trono. E a fama, nesses casos, sempre desperta duas irmãs: a admiração e a inveja.

217

Lorde Stanhope – Essa história toda é muito impressionante.

Meyer – Não se fala de outro assunto. Essa histeria tomou conta de todo o país.

Lorde Stanhope – Por isso todo cuidado é pouco. Espero que o senhor possa acompanhar Kaspar como ele merece.

Meyer – Pode ficar tranquilo. Os preparativos já foram todos concluídos, como combinado. O senhor não vai se decepcionar.

Lorde Stanhope – Devemos estar atentos a todos os seus passos.

Meyer – Mas... E quanto ao senhor Daumer?

Lorde Stanhope – Estou cuidando disso... Não se preocupe. Uma coisa por vez. E quando for o momento adequado, ele vai poder me conhecer.

Cena 22 – Novas decisões

(Feuerbach, Assistente Um e Assistente Dois conversam.)

218

Assistente Um – A segurança do jovem Kaspar está em perigo, meritíssimo.

Assistente Dois – Toda essa história é muito estranha. Surgiu de repente, do nada. E agora essa tentativa de assassinato.

Feuerbach – O que temos que pensar agora é em sua segurança, por isso gostaria de pedir a colaboração de alguém. O senhor Daumer já não pode mais.

Assistente Um – Pelos princípios rígidos, o senhor Meyer é a pessoa indicada. E, com certeza, em Ansbach, ele vai estar mais protegido.

Feuerbach – Ele me parece sempre tão indefeso, é incapaz de entender o significado da palavra perigo.

Assistente Dois – Em casa do senhor Meyer, ele estará seguro, meritíssimo.

(Chega Daumer)

Feuerbach – Senhor Daumer, temos notícias.

Daumer – Meritíssimo.

Feuerbach – Considero que, para a segurança de Kaspar, a fim de que ele consiga viver em condições mínimas de tranquilidade, ele deve ser imediatamente transferido para Ansbach, em casa do senhor Meyer.

219

Daumer – Espero que na casa do senhor Meyer ele possa ser tão feliz quanto era na cela escura em que morava...

Feuerbach – O quê?

Daumer – O que for decidido, deve ser aceito. O atentado só prova o que sempre defendi: a maldade habita o coração dos homens civilizados, senhor.

(Feuerbach e assistentes saem. Daumer sozinho)

Daumer – Alívio para minha consciência, peso em meu coração.

Cena 23 – As regras contra uma alma ainda selvagem

Meyer – Em minha casa, Kaspar, existem regras. E as regras são feitas para ser obedecidas. O homem só pode tornar-se melhor quando ele controla seus impulsos e domina seus desejos.

Kaspar (*Arredio*) – Eu quero voltar pra cela escura.

220 Meyer (*Após uma pausa*) – Quero que fique bem claro, Kaspar, que eu não acredito muito nas suas histórias. No mínimo, são invenções, imaginação, loucuras da sua cabeça. Há quem diga que você não passa de um impostor.

Kaspar (*Alterado*) – Eu não sou o que as pessoas dizem que eu sou. Não passo de um brinquedo na mão de todo mundo. Ninguém me explica nada. Por que me puseram aqui?

Meyer – Kaspar, aqui, nesta casa, uma nova vida começa para você. Violino, pintura, religião e filosofia. Novas coisas devem ser aprendidas. O teu afinco e a tua dedicação vão determinar o tipo de homem em que você vai se transformar. Sei que as coisas podem parecer fáceis. Mas, por

baixo dessas aparências, você só pode viver em sociedade através da austeridade, do controle e da superação. Você tem que entender todos estes códigos e superar teus medos. Um novo mundo te espera.

Kaspar (*Irritado*) – Mas eu não quero ficar aqui.

Meyer (*Quase perdendo o controle*) – Mas quem disse que você tem que querer?

Kaspar – Eu não quero saber de nada disso, não quero aprender nada...

Meyer (*Recuperando o controle*) – Kaspar Hauser, me desculpe. Não quero ouvir mais nenhuma palavra sua. Você ainda é uma criança, não tem condições de saber o que é bom ou mau para você. É para seu bem.

221

Cena 24 – Como se pode começar a amar a Deus

Narrador – Novos tempos começam para o jovem. Os olhos gelados de Meyer não deixavam dúvidas. Kaspar aprendeu então que, para ser um homem inteiro, deveria esquecer uma parte de si. Mas as aulas de violino mostravam que a disciplina também tem os seus encantos.

(*Kaspar toca violino e desafina*)

Professora – Espera, espera um pouquinho. Você está aprendendo rápido, rápido mesmo, só não entendo por que você não consegue tocar essa.

Kaspar – Eu não gosto dessa música.

Professora – A música exige muito tempo de aprendizado. São etapas. Nós temos que treinar os nossos ouvidos para perceber a beleza de uma melodia. Entendeu? Preste atenção na sequência: *lá, si, lá, si, mi...*

(Kaspar tenta tocar, não consegue. Erra novamente)

222 Kaspar – Não vou tocar nunca. Eu não consigo...

Professora – Vai, sim. Você só precisa ter tempo, paciência e dedicação. A arte só pode ser alcançada assim, Kaspar. Então, finalmente, um dia, você vai conseguir reconhecer a emoção que a música pode trazer ao seu coração. Nesse momento, você vai entender um pouco mais sobre a alma humana... É como se você ficasse iluminado.

Kaspar – Iluminado como o Sol... *(Após uma reflexão)*

Professora – Ouve. Vou tocar a melodia para você, novamente. Fecha teus olhos, abre teus ouvidos,

Kaspar, teu coração, e deixa as notas mergulharem em você. Duvido que você não se emocione.

(Professora começa a tocar. Kaspar se emociona. Surgem dois religiosos, acompanhados de Meyer. Professora para)

Meyer – Kaspar, tenho aqui dois amigos para te apresentar.

Kaspar – A aula ainda não acabou, senhor.

Meyer *(Após fazer sinal para que a professora fosse embora.)* – Por favor, Kaspar. São homens de fé que têm algo a falar contigo.

223

Kaspar – Fé?

Meyer – Você e tua teimosia... Você tem que aprender a acreditar em Deus, ter uma religião.

Kaspar – Estou com sono. Quero ir para o meu quarto.

Meyer – *Aquele que bem emprega seu tempo ama a Deus. O indolente castiga-se a si mesmo.* Nós temos que entender que estamos neste mundo para aprender a honrar ao Senhor, Kaspar.

Kaspar – Eu não gosto da igreja, eles ficam gritando muito alto.

Meyer – Eles não gritam, estão cantando, Kaspar.

Kaspar – Eles gritam muito alto, sim. E o pastor grita mais ainda.

Religioso Um – Kaspar, o senhor Meyer me disse da tua dificuldade em aceitar a presença de Deus.

Kaspar – Senhor, não consigo entender alguém que não existe.

224 Religioso Um – Ele existe, sim, Kaspar. Está aqui, entre nós. Ele nos traz a sua Verdade, e cabe a nós aceitá-la. Somente através Dele conseguimos nos livrar dos demônios.

Religioso Dois – E os demônios estão sempre à nossa volta. Sempre nos tentando.

Kaspar – Nunca vi um demônio também.

Religioso Um – O homem que te isolou do mundo, por exemplo, estava possuído pelo demônio.

Religioso Dois – Só o Senhor pode nos libertar deles e trazer a felicidade.

Kaspar – Mas senhor, Ele criou tudo, todo o Universo?

Religioso Dois – Ele criou tudo. O céu, os pássaros, a tua alma e tudo o que está a tua volta. Em sua bondade suprema, Ele nos criou.

Kaspar – E na Sua bondade suprema, Ele criou o homem que me atacou também?

Religioso Dois (*Hesitante*) – Também.

Religioso Um – Ele criou o homem e seu livre-arbítrio.

Kaspar – E também o demônio foi criado por Deus?

Religioso Dois (*Mais hesitante*) – Claro.

225

Religioso Um (*Após repreender o Religioso Dois*) – Existem razões que a nossa razão desconhece, Kaspar. O Mistério de Deus não é acessível ao homem.

Religioso Dois (*Feliz*) – Por isso é um Mistério.

Religioso Um – Deus tem Seus objetivos e nós devemos simplesmente aceitá-los. Em seus objetivos, somos livres para decidir o nosso caminho.

Kaspar – Mas para quê?

Religioso Um – Para que nós pudéssemos amá-lo, Kaspar.

Religioso Dois – Tua vida está amarrada.

Religioso Um – O demônio controla teu coração.

Os dois religiosos (*Juntos*) – Você tem que se libertar. (*Os religiosos erguem as mãos na direção de Kaspar*)

Kaspar (*Para Meyer*) – Eles vão começar a gritar, senhor Meyer!

Meyer – Mas eles têm razão. Você não quer aceitar Deus em seu coração, você resiste. Você precisa de Deus no coração, na sua vida, Kaspar.

226 Kaspar – Se Deus é tão poderoso, por que Ele vai precisar do amor de Kaspar? Deus é egoísta. (*Sai*)

Cena 25 – A missão humana

Narrador – Finalmente chega ao pequeno vilarejo o lorde inglês. Era um homem refinado, que conhecia todos os prazeres do mundo, dos mais sutis aos mais perversos. Surgiu do nada, e buscava apenas uma coisa.

Lorde Stanhope (*Com alegria*) – Kaspar Hauser!

Kaspar – Olá, senhor.

Lorde Stanhope – Finalmente, tenho o privilégio de conhecer o filho da Europa. Sua fama está se espalhando por todos os cantos do continente.

Kaspar – Vim só porque o senhor Meyer me disse para falar com o senhor...

Lorde Stanhope – Estou nesta cidade apenas para conhecê-lo. Veja, um presente, um anel cravejado de joias preciosas que trouxe especialmente da Itália para te oferecer.

Kaspar (*Visivelmente emocionado*) – Obrigado, senhor.

Lorde Stanhope – Você não pertence a este lugar, Kaspar.

227

Kaspar – Eu não tenho lugar.

Lorde Stanhope – Certamente tem. Sua origem está muito além da mediocridade dessa gente, Kaspar. (*Olha profundamente nos olhos de Kaspar*) Posso ver nos teus olhos a tua origem, tua família, e sei onde ela está.

Kaspar – Conhece minha família, senhor?

Lorde Stanhope (*Sussurrando*) – Eu conheço muito bem a sua mãe. No momento oportuno, levo-te para conhecê-la. Ela não consegue mais

esperar de ansiedade. Independente disso, hei de te ajudar em tudo o que você precisar. Você merece todo o respeito de um nobre. Por que não põe o anel no dedo?

(Kaspar põe o anel no dedo. Fica encantado com o brilho. Stanhope percebendo o fascínio)

Lorde Stanhope – Esse anel te cai muito bem.

Kaspar – É lindo.

Lorde Stanhope – A vida seria tão monótona sem o brilho de uma joia como essa. Não acha?

228 *(Depois de uma pausa, Kaspar concorda com a cabeça)*

Lorde Stanhope – Tua mãe sabe muito bem disso. É um presente dela, pra você.

Kaspar *(Após o espanto)* – Preciso ver a minha mãe. Onde é que ela está, senhor?

Lorde Stanhope – Ela está em um lugar seguro, posso te garantir.

Kaspar – O senhor me leva até ela?

Lorde Stanhope – A hora certa vai chegar. Agora, a única coisa que importa é que você confie em mim. A nossa amizade vai depender disso.

Narrador – E a amizade entre eles encheu a vida de Kaspar de esperança. Esperança de conhecer de onde veio, esperança de não ser um homem só.

Cena 26 – Nem todas as festas acabam com alegria

(Sons de festa. Pessoas espalhadas por um salão. Vídeos eróticos projetados. Striptease de um gogo boy e uma gogo girl. Convidados e drogas. Entra a drag queen)

Drag Queen – *Frágeis e agrilhoadas criaturas destinadas exclusivamente a nossos prazeres, creio que não vos iludistes supondo que a ascendência igualmente absoluta e ridícula que vos é dada no mundo exterior vos seria concedida nesse lugar; mil vezes mais subjugados do que os possíveis escravos, só deveis esperar humilhação, e a obediência é a única virtude cujo uso vos recomendo: ela e nenhuma outra serve ao vosso estado presente. Acima de tudo, não vos entre na cabeça depender do mínimo de vossos encantos; somos completamente indiferentes a essas armadilhas e, podeis acreditar, tais engodos não dão resultado conosco. Tende incessantemente em mente que faremos uso de vós todos, mas que nem um único de vós necessita de se iludir imaginando que é capaz de nos inspirar qualquer sentimento de piedade. Vosso serviço será árduo, será doloroso e rigoroso, e as menores*

delinquências serão imediatamente retribuídas com punições corporais e angustiantes; por isso, devo recomendar-vos uma pronta obediência, submissão, e uma total autoabnegação que vos permita satisfazer apenas nossos desejos. Em resumo: arrepiai-vos, estremecei, antecipai, obedecei – e com tudo isso, se não fordes muito afortunados, talvez não sejais completamente miseráveis. Daqui a pouco todos os presentes estarão nus, tudo será uma confusão, todos se deitarão no chão, e seguindo os exemplos dos animais, se tocarão, misturarão, abraçarão, copularão incestuosamente, adulterosamente, sodomiticamente.³ Mas antes, vamos receber com muito calor, aquela que é linda, aquela que é rica, aquela que brilha, aquela que paga meu salário: Madame Ruby, a dona desse inferno!

Madame Ruby (Entra cantando) – Do profundo abismo

*Vai brotar minha flor
No mais negro escuro
Vou buscar minha luz*

*Qual o útero vazio
Quem será que me pariu*

³ Trecho de *Os 120 Dias de Sodoma*, do Marquês de Sade, tradução de Rodolfo García Vázquez.

*Sem perceber?
Qual humano não hostil
Qual pássaro no cio
Vem me socorrer?
Quem será que traz consigo
A dor pra dividir
Ai, esse antro me refaz
É o que me traz o gás
Pra prosseguir⁴*

(Aplausos dos convidados. Madame Ruby abraça o Gogo boy e a Gogo girl)

Madame Ruby – Eles são uma delícia, não acham? Eu disse que esta festa ia ser inesquecível. Ainda vamos ter o bolo gigante, bebidas à vontade, tudo... Aproveitem! Cada um tem direito a um dos nossos jovens bailarinos, para se divertir à vontade. *(Pega na bunda do Gogo boy)* Boa, durinha! Divirtam-se! O som ao máximo, o movimento rápido, os corpos se misturando! É tempo de esquecer de tudo. Bebida à vontade e muita disposição... Lorde Stanhope deve estar a caminho, trazendo o *fenômeno da Europa*, Kaspar Hauser. *(Burburinho)* Calma! Calma! Sei que todos estão muito curiosos. Vão poder matar a curiosidade vendo de perto esta maravilha

231

⁴ *Antro*, canção de Hermelino Neder e Luiz Pinheiro.

humana. (*Burburinho. Beija o pescoço do Gogo boy. Ele morde seu pescoço. Ela ri*) Vai ser uma festa inesquecível. Bem-vindos e fodam muito! (*Abraça a Gogo girl beijando-a. Ri e sai com ela.*)

(*Lorde Stanhope e Kaspar se aproximam. Forma-se uma roda ao redor deles. O som abaixa. Eles silenciam e fixam o olhar em Lorde Stanhope. Kaspar em um canto. Uma mulher se aproxima dele*)

Lorde Stanhope – Amigos, antes de começarmos a beber este vinho excepcional, gostaria de usar belas palavras que não são minhas mas que são absolutamente perfeitas para este momento.

232

Mulher Bêbada – Você então é o filho da Europa, Kaspar Hauser?

Kaspar – Sou.

Lorde Stanhope – O notável Barbereau, teórico musical e professor do Conservatório Musical de Paris disse: *Não entendo por que o homem racional e espiritual usa meios artificiais para chegar à pureza poética, já que o entusiasmo e a força de vontade bastam para elevá-lo a uma existência supranatural...*

Mulher Bêbada – Eu já experimentei muitos homens na minha vida, sabia? Homens altos, baixos,

loiros, negros, orientais... Alguns foram doces comigo, outros foram violentos... Mas nunca fiz sexo com um homem virgem antes.

Kaspar – O que é um homem virgem antes?

Lorde Stanhope – *Os grandes poetas, os filósofos, os profetas são seres que, pelo simples exercício da vontade, atingem o estado que desejarem, onde são ao mesmo tempo causa e efeito, sujeito e objeto, hipnotizador e sonâmbulo. (Bebe.)* Como podem ver, eu penso exatamente como ele.

(Risos)

233

Mulher Bêbada (*Pega a mão de Kaspar e a coloca em seu peito.*) – Tá sentindo o quê?

Kaspar – O peito.

Pessoa no salão – Diga-nos, Stanhope, como foi a sua última viagem à Grécia?

Lorde Stanhope – O Parthenon continua inigualável. Todas as vezes que vou para lá, sinto que o homem pode ser algo melhor do que é. O sol quente, o ar mediterrâneo e o povo simples e acolhedor são ideais para a reflexão.

Mulher Bêbada (*Pegando no pau de Kaspar.*) –
Teu jeito de olhar me deixa pegando fogo, Kaspar Hauser... E agora?

Kaspar – Engraçado. (*Ri*)

Lorde Stanhope – Quando me visitarem, poderão ver algumas das belas estátuas que comprei por lá.

Mulher Bêbada – Vem! Vem aqui! (*Puxando Kaspar pelo pau. Ele sente dor*)

Kaspar – Ai, ai, não! Larga! (*Kaspar se solta da Mulher Bêbada*)

234

Lorde Stanhope – Mas agora o meu interesse vai além da Grécia, estou orgulhoso de conviver com o grande fenômeno. E ele está bem aqui, entre vocês. Kaspar Hauser, o filho da Europa.

(*Todos olham para Kaspar, que se recupera do assédio. A Mulher Bêbada se afasta*)

Lorde Stanhope – Kaspar, conte a nossos amigos da sua experiência antes de conhecer o mundo.

(*Kaspar permanece mudo*)

Pessoa do salão – É verdade que o senhor enxerga na escuridão?

Outra pessoa do salão – E só vivia à base de pão e água?

Pessoa do salão – Chega a ser engraçado. *(Ri)*

Pessoa do salão – E vivia nu ou usava algum tipo de túnica ou algo assim?

Outra pessoa do salão – Então esse é o legítimo herdeiro do trono? *(Riem)*

Lorde Stanhope – Por favor, senhores, com calma. Kaspar é extremamente afetuoso e pode responder a todas essas perguntas, mas uma de cada vez. *(Para Kaspar)* Então?

235

(Kaspar olha para todos angustiado)

Pessoa do salão – Qual será a sua primeira decisão, ao assumir o reino de Baden?

(Risos das pessoas do salão. Pausa)

Lorde Stanhope – Vamos, Kaspar, o que tem a dizer?

Kaspar – Kaspar quer o cavalo de madeira.

(Mais risos)

Lorde Stanhope – Como?

Kaspar – Kaspar quer o cavalo de madeira.

Lorde Stanhope – Kaspar, não seja mimado.

Kaspar (*Gritando*) – O cavalo de madeira é bom.

(Pessoas se aproximam de Kaspar, começam a rir e rodeá-lo. Carregam Kaspar, fazendo comentários jocosos e o abandonam em um canto. Saem da festa, rindo)

Mãe – (*Olhando para Kaspar, que chora*) Meu filho... Meu amado, Kaspar! Eu te pergunto: existe culpa, injustiça, sofrimento nesse mundo novo que te apresentam? Pode existir prazer onde não existe dor? Mesmo assim, eu choro com as tuas lágrimas. Elas escorrem dentro de mim, água salgada de dor. Nada pode ser mais humano do que a tua nova condição. Pra teu consolo, te digo: *Viver como homem é conhecer tudo isso: mergulhar nesse rio de mistérios, aventuras, prazeres e dores terríveis. Joga com esse mundo, brinca com a dor como uma criança brinca com os castelos de areia na praia... Essa é a beleza desse mundo*⁵.

236

⁵ Adaptação de *A Filosofia na Época Trágica dos Gregos*, de Nietzsche, a partir da tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho.

Cena 27 – A experiência do egoísmo

(Pessoas se entediam. Começam a sair. Lorde Stanhope fica a sós com Kaspar)

Lorde Stanhope – Você foi grosseiro. Grosseiro. Pessoas gentis, curiosas em querer te conhecer melhor... Pessoas que querem o teu bem... Você não precisava ter falado dessa maneira.

Kaspar – Eu não conheço essas pessoas. Não gosto de estar aqui.

Lorde Stanhope – Mas você tem que conhecê-las. Algumas são pessoas importantes e que poderiam te trazer coisas boas, Kaspar. Você não é um nobre, você não é um homem excepcional. Você não é ninguém.

237

Kaspar – Kaspar gosta do cavalo de madeira.

Lorde Stanhope – E ainda só sabe falar absurdos... Mas mais do que isso, você é um traidor. Um traidor. E um traidor não merece nada além do desprezo.

Kaspar – Eu quiria sê um cafaleiro tu bom como meo pae!

Lorde Stanhope – Espero que você consiga refletir mais profundamente sobre o teu egoísmo.

Cena 28 – Aposta com o Sol

(Kaspar sozinho, olha em volta e começa a chorar. Olha então em direção ao sol. Narrador entra)

Narrador – Assim como Stanhope aparecera, do nada, envolto em uma névoa de mistério, ele agora estava desaparecendo envolto em dúvidas e mentiras... E Kaspar se desesperou. Ele ainda teria de se acostumar com o fato de que a vida sempre nos parece despropositada, inconsequente e incerta, voando ao sabor dos ventos. Tantas esperanças e agora parecia tudo desmoronar... Ele queria conhecer de onde veio e quem seria sua mãe. No desespero da sua solidão, Kaspar resolveu fazer uma aposta com o Sol.

238

Kaspar – Sol, sei do teu poder, da tua luz e da tua força. Sol, se você quer que eu te ame, faça minha mãe aparecer aqui agora. *(Pausa)* Sol! Sol!

Narrador – Durante três dias ele apostou com o Sol, que simplesmente se negava a responder o chamado.

(Moradores se aproximam para comentar a aposta com o Sol. Enquanto isso, Kaspar continua seu diálogo ensolarado)

Ator – Que papo de maluco!

Outro Ator – Faz sentido ele pedir ao Sol.

Ator – Devia desistir do Sol e perguntar pra Lua.

Outro Ator – Ele, pelo menos, tem fé. E a fé move montanhas.

Outro Ator – Ah, é? E quem paga para ele ficar o dia inteiro conversando com o Sol?

Outro Ator – Com o meu dinheiro, do meu imposto!

Outro Ator – Mas dá pra entender o coitado... Imagina o desespero de alguém que não conhece a própria mãe...

239

Outro Ator – Tá chapadão, com certeza!

Meyer (*Se aproximando e vendo a cena, com desdém*) – Desculpe te desapontar, Kaspar, mas o Sol nunca vai poder atender a um pedido teu. O Sol não tem nenhuma preocupação contigo ou com tuas apostas. Você tem que ser mais realista, Kaspar.

Kaspar – Eu sei que o Sol pode me entender.

Meyer – Tua ignorância me dá pena, às vezes. Você não pode passar o resto da vida fazendo apostas com o Sol. Não vai resolver nada.

Kaspar – Sol...

Meyer – Chega de Sol, Kaspar Hauser. Você deve aprender a se comportar como um homem. Vamos entrar.

Kaspar – Sol...

Cena 29 – A mentira nos mantém a todos vivos
(Kaspar começa a escrever um e-mail em resposta a Lorde Stanhope. Entra Daumer)

240

Daumer – O senhor Meyer me pediu para falar com você. Lorde Stanhope já te avisou que ele simplesmente não quer mais ter nenhum tipo de contato contigo?

Kaspar – Mas ele me prometeu...

Daumer – Prometeu o que, Kaspar?

Kaspar – A minha mãe. Como posso pensar em ter um futuro, senhor Daumer, se não conheço meu passado? Eu nem sei de onde eu vim. O Lorde Stanhope sabe da minha mãe.

Daumer – Ele simplesmente mentiu. Tua mãe nunca vai aparecer, Kaspar. Ele mentiu.

Kaspar – Mentiu?

Daumer – Isso, ele mentiu... Ninguém, nem mesmo ele, sabe de onde você vem.

Narrador – E durante dois dias Kaspar ficou estático, pensando no rosto de Stanhope ao dizer aquela frase: *No momento oportuno, levo-te para conhecê-la*. Ao final desses dois dias, resolveu investigar a essência da mentira. Foi até o espelho e começou a encarar-se. Fazia várias caretas e tentava enxergar o rosto da mentira através delas. Não encontrava nada.

(Kaspar faz caretas diante do espelho)

Narrador – Então, apesar de estar sofrendo, desejou mentir e ver se a sua expressão se modificava. Foi até a janela, e o sol brilhava como sempre brilha numa tarde de verão, mesmo assim ele resolveu mentir.

241

Kaspar – Está nevando!

Narrador – Corria até o espelho e tentava ver a face da mentira.

(Kaspar corre até o espelho. Analisa-se. Volta à janela)

Kaspar (*Sussurrando*) – Está nevando!

(Kaspar repete o movimento até o espelho. Analisa-se)

Kaspar *(Em frente ao espelho)* – Está nevando! Está nevando! Está nevando! *(Esta última frase em desespero)*

Narrador – Chegou a visitar o antigo amigo, que não pode evitar mais uma lição terrível.

Daumer – A vida com o outro homem nos ensina a mentir. A mentira, Kaspar, é fundamental para a existência da civilização.

242 Kaspar *(Com um sorriso diabólico)* – Palavras são apenas palavras.

Um ator – Kaspar tem dito coisas estranhas ultimamente.

Outro Ator – Como assim?

Um ator – Você ouviu o que Kaspar disse à senhorita Anne ontem?

Outro Ator – Não. O quê?

Kaspar *(Fala a um ator)* – Ontem Kaspar almoçou com o rei!

(Atores riem. Kaspar dirige-se a outra pessoa)

Kaspar (*Fala a um espectador*) – Kaspar vai casar domingo! (*Ri*)

Outro Ator – Com quem, Kaspar?

Kaspar – Kaspar vai casar com uma linda princesa.

(Kaspar move-se para outro ponto da sala e parece muito assustado)

Outro Ator – O que aconteceu, Kaspar? Por que essa cara de desespero?

Kaspar – Kaspar viu um fantasma!

(Os atores riem)

243

Um ator – Não é possível, ele está cada dia pior.

Outro Ator – O senhor Meyer é muito condescendente. Ele deveria castigá-lo com severidade.

Kaspar – Minha mãe me visitou ontem à noite.

(Kaspar se dirige para outro ponto da sala)

Kaspar (*Para outro espectador*) – Linda a sua casa.

(Surge Meyer)

Meyer – Todo mundo está reclamando das tuas mentiras, Kaspar. Alguns riem de você.

Kaspar – Por que, senhor?

Meyer – Mentir é uma das coisas mais vergonhosas, um dos piores erros que se pode cometer. Já não bastava tua teimosia, agora ainda um mentiroso.

Kaspar – Desculpe, senhor. Vou me esforçar para fazer o que me pede.

Meyer (*Olha desconfiado para Kaspar*) – Você está me provocando?

244 Kaspar – Não. O senhor sempre foi tão generoso comigo e eu sempre tão ingrato. Aprendi bem a lição.

(*Meyer sai irritado*)

Kaspar (*Para outro ator*) – Sou muito agradecido por poder viver entre as pessoas agora.

(*Pausa*)

Kaspar (*Para um ator*) – Prazer em revê-lo.

Ator – Mas nós nunca nos vimos antes, senhor Kaspar!

(*Dois atores riem*)

Kaspar (*Olha novamente para fora*) – Estou no meu quarto escuro! (*Ri e depois se cala. A tristeza se instala*)

Cena 30 – A decadência do circo

Meyer – Senhor Feuerbach, a situação do jovem Kaspar está se tornando absolutamente insuportável. Ele é incapaz de falar a verdade, de se comunicar com as pessoas de forma sociável. Isso quando não acaba por confundir os delírios de seus sonhos com a realidade...

Assistente Dois – Muita gente acha que Kaspar não passa de um farsante.

245

Assistente Um – Já não sabemos mais o que fazer com ele.

Assistente Dois – O Estado não precisa deste tipo de marketing...

Assistente Um – O Tribunal de Contas vai exigir uma justificativa. Por que gastar tanto com um mentiroso?

Feuerbach – Tenho minhas dúvidas... Desde que o conheci, ele sempre me pareceu um jovem tão bom. Por que ele haveria de mentir? O que poderia ter levado Kaspar a chegar a um estado desses?

Meyer – Não estamos falando de bondade ou maldade, senhor Feuerbach. Eu sempre disse que a situação de Kaspar exigia correção e disciplina. E principalmente trabalho. Somente uma vida regrada com trabalho pode fazer dele um homem sério e ajustado ao mundo em sociedade.

Feuerbach – Mas o que podemos fazer?

Meyer – A minha sugestão, se me permite, é de que, durante o dia, ele deve ter um emprego, como qualquer pessoa comum. À noite, vamos manter as aulas de violino e poderá ler os clássicos. Só assim ele vai poder sair do estado em que se encontra.

246

Feuerbach (*Após certa hesitação*) – Estamos de acordo. Ele precisa trabalhar. Chega de ócio.

Cena 31 – Mediana

Narrador – Meyer proporcionou então ao jovem Kaspar uma vida nova, ensinando-lhe o que é viver socialmente, ser útil e responsável. E Kaspar acabou por se adaptar a essa engrenagem chamada sociedade, enquanto seus olhos iam ficando cada vez mais foscas. Foi contratado pelo cartório e trabalhava como um funcionário comum, remunerado de forma mediana, execu-

tando funções medianas, esforçando-se por ser mediano, medianamente mediano.

Ator – Kaspar agora tem um trabalho.

Um ator – Talvez pare de mentir e comece a criar juízo.

Outro Ator – E se começar a mentir também no escritório?

Kaspar – Agora Kaspar tem um trabalho.

Chefe de Seção – Veja bem Kaspar. (*Apontando para o armário*) Estes fichários devem ser mantidos em ordem. Diariamente você deve tomar conta para que eles sejam mantidos em ordem alfabética, de A a Z. (*Apontando para outro fichário*) Este fichário, por outro lado, deve ser organizado por ordem de data, da mais antiga à mais recente. Após isso, você deve carimbar todos estes documentos na sequência. O carimbo é fundamental.

247

Kaspar – O carimbo é fundamental, sim senhor.

Chefe de Seção – Este procedimento deve ser realizado entre nove e dez horas da manhã, antes da chegada da senhora Baum. Você deve, no período da tarde, organizar os papéis recebidos

e carimbar a data do dia em todas as solicitações recebidas, para que os devidos procedimentos sejam realizados. Entendido?

Kaspar – Entendido. Sim, senhor.

Chefe de Seção – Ao final da semana, você deve me apresentar um relatório com todas as solicitações recebidas, por ordem de recebimento e data, da mais antiga à mais recente, em papel ofício, sem rasuras. Isto é fundamental. Nunca devemos ter nenhuma rasura. Tudo aqui é controlado por hierarquias superiores e pelas auditorias externas, que são extremamente rigorosas. A necessidade de transparência e probidade no exercício das nossas funções é fundamental.

248

Kaspar – Fundamental. Sim, senhor.

Chefe de Seção – E nada de ligações pessoais. Tua vida particular é tua vida particular. Teu trabalho é teu trabalho. São mundos distintos, Kaspar. Nunca devem ser misturados. Aqui você é simplesmente um funcionário, não quero saber destas histórias de *filho da Europa*. Isso é apenas circo. Em primeiro lugar, porque já ninguém aguenta mais essa história. Além do que, isso não ajuda em nada o desenvolvimento da nossa sociedade.

Kaspar – Sim, senhor.

Chefe de Seção – Qualquer dúvida volte a falar comigo.

Kaspar – Obrigado, senhor.

Chefe de Seção – Até logo.

Kaspar – Até mais, senhor.

(Chefe de Seção começa a sair. Volta e repara em Kaspar)

Chefe de Seção – Ia me esquecendo de uma coisa. Você deve sempre sorrir. *(Kaspar dá um sorriso amarelo)* Assim está melhor. Nossa atitude é fundamental para o bom ambiente de trabalho e, portanto, para o desempenho. Sempre pró-ativo. Sempre pró-ativo, Kaspar.

249

Kaspar *(Sorrindo)* – Sempre.

Cena 32 – No mundo dos carimbos

(Cartório. Kaspar está sentado à sua mesa. Kaspar trabalhando entre os outros funcionários. Daumer se aproxima. Vê-se Kaspar trabalhando quase mecanicamente. Carimba papéis)

Kaspar – Senhor Daumer...

Daumer – Olá, Kaspar...

Kaspar – Quanto tempo!

Daumer – Estava tão curioso por conhecer o seu local de trabalho. (*Muito constrangido e visivelmente perturbado*) Você agora tem um belo trabalho. Seu chefe me disse que você anda se desenvolvendo bastante.

Kaspar (*Inexpressivo*) – Aprendi muitas coisas, senhor Daumer. Estes fichários devem ser sempre organizados de A a Z, em ordem alfabética. E estes fichários são por ordem de data, da mais antiga à mais recente. E depois todos devem receber este carimbo aqui.

250

Daumer – Que bom! Ninguém agora pode dizer que Kaspar é um inútil.

Kaspar – Não, senhor.

Daumer – Algumas pessoas ainda dizem coisas ruins a seu respeito. Ontem mesmo o senhor Meyer comentou que você continua mentindo. Quase ninguém consegue acreditar em uma palavra do que você diz. Muita gente pensa que você é uma mentira.

Kaspar – Eu já não sou mais uma atração de circo, senhor Daumer. Não interessa a mais ninguém saber de onde eu vim, senhor.

Daumer – Mas o prefeito parece feliz de saber do seu trabalho

Kaspar – Eu devia ficar feliz dele ficar feliz por mim.

(Pausa)

Daumer *(Constrangido)* – Seus olhos voltaram a parecer vazios... Ocos... *(Encabulado)* Eu queria poder olhar nos seus olhos, e ver... Diz a verdade, por favor, Kaspar, eu posso confiar em você? Você é um homem honesto? *(Daumer olha profundamente para Kaspar, que nada responde)*

Kaspar *(Após pausa)* – Senhor, eu preciso pedir uma coisa.

251

Daumer – O quê?

Kaspar – Eu quero voltar...

Daumer – Como assim?

Kaspar – Quero o caminho de casa.

Daumer – Você quer voltar?

Kaspar – À cela escura.

Daumer – Kaspar, você não pode voltar. Não se pode voltar ao que já não existe. O passado

não existe. Não se pode passar pelo mesmo rio duas vezes.

Kaspar (*Angustiado*) – Quero o cavalo de madeira.

Daumer – O cavalo de madeira não existe mais... Talvez nunca tenha existido...

(*Pausa*)

252 Kaspar – Eu deixo todos os fichários em ordem antes da senhora Baum chegar. Estes em ordem alfabética, aqueles em ordem de data. Eu chego sempre no horário. E sempre tenho um sorriso no rosto. Tento ser igual a todo mundo... Mas não consigo. Eu não pertencço a este mundo.

Daumer (*Tentando animá-lo*) – Você vai conseguir se encaixar, eu tenho certeza. Só precisa de um pouco de paciência. Prometa que ainda vai tentar.

Kaspar – Sim, senhor. (*Pausa*) Eu sinto a morte à minha volta, senhor.

(*Pausa*)

Daumer (*Olha para o rosto vazio de Kaspar. Constrangido*) – Bom, eu não quero atrapalhar mais. Tenha um bom dia de trabalho, Kaspar.

(*Damer vai saindo*)

Kaspar – Senhor Daumer.

Daumer – Sim.

Kaspar – Obrigado.

Daumer – Obrigado por quê?

Kaspar – As mentiras da sua visita aliviaram um pouco o meu dia hoje.

(Daumer fica constrangido. Sai)

Cena 33 – Eficiência da infelicidade

(Kaspar está entre todos os funcionários, mas parece só. Carimba documentos em série)

253

Narrador – Ele tentou ser mais rápido, mais eficiente, um homem melhor... Enfim, ele tentou ser o que todos nós devemos ser: mediano. Aprendeu a melhor forma de organizar os arquivos. A melhor forma de ordená-los, em ordem alfabética, de A a Z. A maneira mais eficiente de carimbar os documentos. *(Pausa. Olha para Kaspar)* A forma mais eficaz de ser infeliz.

(Kaspar acelera os movimentos em um gestual desesperado. Todos os outros funcionários também aceleram seus movimentos. De repente, Kaspar exausto para)

Kaspar – Kaspar é um carimbo! Kaspar é um carimbo!

Cena 34 – E se fosse o oposto?

(São quatro horas, bate o relógio. Todos os funcionários recolhem seus materiais e saem ordenadamente. Kaspar recolhe os papéis sobre a mesa. A funcionária acaba de recolher seus materiais, mas fica atenta à movimentação de Kaspar. Ele carimba um último documento)

Kaspar – Em ordem... Do mais antigo ao mais recente... *(Vai deixando seus papéis organizados e sai)*

254

Funcionária – Você não parece muito contente com o seu trabalho aqui, Kaspar.

Kaspar – Kaspar é igual a todo mundo. Ninguém é contente aqui.

Funcionária – Eu sei o que você está dizendo.

Kaspar *(Olhando profundamente nos olhos dela, se enxerga como em um espelho)* – Os olhos vazios como os meus. *(Funcionária desvia o olhar)* Você não precisa desses olhos.

Funcionária – E se todo mundo for igual a você, Kaspar?

Kaspar – Nunca tinha pensado nisso. É estranho. Vocês fizeram o mundo do jeito que queriam e agora ninguém cabe dentro dele.

(Funcionária e Kaspar ficam em silêncio. Constrangimento de ambos. Um leve sorriso dos dois)

Funcionária – Tenho que ir embora.

Kaspar – Podemos fazer um passeio no parque, outro dia.

Funcionária – Podemos. Até amanhã. *(Funcionária sai)*

Kaspar – Até amanhã.

255

Cena 35 – Visitando a Mãe – *(Kaspar recolhe seu último papel. Toca o telefone. Kaspar atende)*

Homem Misterioso – Kaspar?

Kaspar – Sim? Quem fala?

Homem Misterioso – Eu tenho uma mensagem da tua mãe.

Kaspar *(Com esperança)* – Minha mãe!?

Homem Misterioso – Sim, Kaspar.

Kaspar – Onde está a minha mãe? Onde está a minha mãe?

Homem Misterioso – Te espero. Em uma hora. No parque.

(Kaspar desliga o telefone. Sai. Caminha até o parque. Passa por crianças que brincam. Num banco está sentado um homem. Kaspar se aproxima. Homem Misterioso tira o capuz)

Homem Misterioso – Você pode me reconhecer agora?

256 *(Kaspar olha desesperado. Grita. Kaspar sozinho olha para os lados, procura ajuda, e finalmente olha para o sol. Surge a mãe envolta em névoa)*

Mãe – Chegou o teu tempo, Kaspar.

(Homem Misterioso atira em Kaspar, que cambaleia e geme)

Kaspar – Por quê?

(Kaspar começa a se arrastar em direção à mãe)

Kaspar *(Aproximando-se da mãe)* – Por quê?

Mãe – O caos se desmancha e tudo agora volta ao lugar. O mundo sem você se tranquiliza. E

você, longe dele, descansa... E finalmente (*Abre os braços*) juntos!

(Kaspar se joga nos braços da mãe)

Cena 36 – Perguntas

Narrador – Por quê? A última pergunta de Kaspar manteve-se na imaginação dos habitantes daquela cidade durante vários meses após a sua morte. E esta pergunta adotou várias cores e possibilidades. Por que fizeram isso? Por que me tiraram de lá? Por que tudo tem que ter um começo ou um fim? Por que viver e por que morrer? Simplesmente: por quê?

257

Cena 37 – A ciência continua sua marcha

(Consultório médico. Médico Forense e Auxiliar)

Auxiliar – Incrível, senhor, o cérebro deste jovem. O lado direito hiperatrofiado, enquanto o lado esquerdo possui a dimensão de apenas 50% do cérebro de um adulto normal.

Médico Forense – Fascinante. Um caso a ser aproveitado na neurobiologia. Pode nos ajudar no desenvolvimento desta ciência, com certeza.

Auxiliar – Afinal, para alguma coisa ele vai servir.

Médico Forense – Você deve tomar nota: eis um caso a ser estudado. Kaspar Hauser.

Cena 38 – Lápide

(Projeção de imagem do rosto de Kaspar Hauser e depois de seu crânio)

258

Narrador – Era uma vez uma casca de noz. Dentro dela, vivia o rei do infinito. Um dia, chegou do nada um homem e o arrancou de lá. Ele veio viver entre nós, e viveu tão bem quanto sua condição especial lhe permitia. Aprendeu que tinha um nome, que se chamava Kaspar. Conheceu a maldade humana, a beleza de um violino, as várias faces da mentira e as incertezas da nossa existência. Teve o prazer único de ver as luzes das estrelas do passado. Aprendeu também a ser um homem mediano. E, assim como surgiu, desapareceu... Era uma vez, um homem mediano que foi assassinado. Hoje, o que nos resta dele é a sua lápide em um cemitério perdido. Nela, o texto que o define: *Kaspar Hauser, enigma do seu tempo, vida oculta, morte misteriosa.*

Fim

O Vento nas Janelas



O Vento nas Janelas

Roteiro para um teleteatro, de Rodolfo García Vázquez

O Vento nas Janelas foi escrito especialmente para o programa *Direções – Por um Novo Caminho na Teledramaturgia*, coproduzido pela TV Cultura de São Paulo e SescTV, com orientação artística de Antunes Filho. Estreou no dia 6 de maio de 2007, na TV Cultura de São Paulo, com a seguinte ficha técnica:

Elenco: Ivam Cabral, Cléo De Páris, Tiago Moraes, Alberto Guzik, Juliana Galdino, Isadora Aguilera, Silvanah Santos, Gustavo Haddad, Jorge Cerruti, Phedra D. Córdoba, Savana Meirelles, entre outros.

261

Fortuna Crítica:

O Vento nas Janelas dirigido por Rodolfo Garcia Vázquez, artista fundador da companhia Teatro dos Satyros, abre a programação que começa bem no que diz respeito à ousadia temática e de linguagem (...) A delicadeza no tratamento do tema está em trazer à tona o que une dois personagens tão diferentes: a solidão existencial, metaforizada pelo vento do título, que chega à janela de ambos, e toca sonhos, desejos e medos.

O tempo subjetivo, expandido pela falta de perspectiva comum aos personagens, é muito bem explorado. Vázquez e sua equipe de criação têm a inteligência de não temer silêncios. Por isso mesmo, eles acabam tão expressivos quanto as palavras nessa curta e densa ficção.

Beth Néspoli,

O Estado de S.Paulo, 5 de maio de 2007

O Vento nas Janelas, um teleteatro que lembra em muito os formatos dos teleteatros italianos e chilenos, mas com uma diferença: um novo perfil de narrativa, com a perspectiva crítica e ousada característica dos Satyros, perspectiva essa que me encantou desde o primeiro espetáculo que assisti.

262

Rido,

desesperadonocaos.blogspot.com, maio de 2007

O Vento nas Janelas

Dramatis Personae:

Homem da Pasta – Mulher – A Menina

O Avô

Veruska – Homem Tatuado – Tatuador – Narradora – Travestis

Transeuntes

Cena Um

(Sequência de imagens, narradas por uma voz *off* intensa e grave, feminina.)

Ambientes

Interna: Escritório, uma mesa, um computador, uma foto da família

Interna: Quarto de Veruska, uma penteadeira

Interna: Sala da casa da família, um sofá, uma poltrona, uma TV

Interna: Uma cozinha, fogão, painéis

Interna: Quarto do Homem Tatuado, uma cama

Interna: Quarto da menina, cama, tapete

Externa: Rua sem carros, só movimento de pessoas

(Música deve ter um clima cíclico e alucinador. Esta cena ocorre no final da tarde, começo da noite.)

<i>Voz off</i>	Sucessão de imagens:
<p>Narradora – 20 milhões de pessoas vivem aqui, assim como ele.</p>	<p>Interna: escritório</p> <p>Homem da pasta olha em seu relógio de pulso. Congela imagem. Legenda: <i>o homem da pasta.</i></p>
<p>A grande maioria são anônimos que imaginam estar sozinhos. Vivem isolados nos seus pequenos mundos e dramas.</p> <p>Esse impressionante formigueiro humano circula pelas ruas sem se olhar, sem perceber o outro, sem ter consciência do seu lugar na complexa trama de relações que se estabelece a cada esquina.</p>	<p>Externa: calçada</p> <p>Homem da pasta anda pelas ruas. Olhares dos transeuntes que passam por ele (uma secretária de óculos e cabeça baixa, duas meninas adolescentes, um <i>office boy</i>, um velho).</p> <p>Um pedinte estica a mão:</p> <p><i>Por favor, uma esmola.</i></p>

<p>Por mais que esses seres pareçam solitários em seus universos próprios, algo se estabelece entre eles...</p>	<p>Interna: quarto da travesti Veruska, com um vestido vermelho, se arruma diante do espelho. Congela imagem. Legenda: <i>Veruska Vendaval</i></p>
<p>Existe um certo tipo de conexão, de vínculo, de interconectividade que torna todos esses rostos anônimos íntimos entre si.</p>	<p>Interna: cozinha Mulher mexe a comida no fogo. Congela imagem. Legenda: <i>a mãe</i></p>
<p>Essa intimidade incômoda e desconhecida se impõe de forma caótica e inesperada, mesmo quando não se faz nada por isso.</p>	<p>Interna: sala de tv Velho assiste tv. Congela imagem. Legenda: <i>o velho</i></p>

<p>Mesmo quando elas soam totalmente improváveis...</p>	<p>Interna: quarto da menina</p> <p>Menina brinca com uma boneca. O vestido da menina é do mesmo modelo da boneca que é igual ao da Veruska. Congela imagem. Legenda: <i>Mariana, a menina.</i></p>
<p>Cada um pensa viver a sua angústia de forma solitária. E nem imagina que ela se deve ao outro, ao desconhecido.</p>	<p>Interna: quarto do Homem Tatuado</p> <p>– Homem tatuado enfia <i>piercing</i> no nariz. Congela imagem. Legenda: <i>homem tatuado</i></p>
<p>Como testemunha calada, posso dizer que um pequeno universo de encontros e acasos faz desse mundo algo maravilhosamente inesperado.</p>	<p>Interna: cozinha</p> <p>Mulher suando à beira do fogão. Limpa o suor do rosto. <i>Close</i> no olhar. Congela.</p>

<p>E o abismo aparente entre eles se dissipa rapidamente, acaba sendo menor do que a distância entre os dois olhos desse rosto...</p>	<p>Interna: quarto da travesti</p> <p>Veruska na janela, o vento bate em seu rosto. Se vê a tatuagem da rosa em seu ombro. <i>Close</i> no olhar. Congela</p>
<p>Ou desse rosto...</p>	<p>Externa: calçada</p> <p>Homem tatuado organiza sua carteira, dentro dela, um papelote. Olha para a rua, passa por um homem-sanduíche. Na placa, lê-se claramente: <i>ofertas de emprego</i>. <i>Close</i> no olhar. Congela.</p> <p>Homem da pasta passa pelo homem-sanduíche. <i>Close</i> no olhar. Congela</p>

<p>E é somente através dessa rede fantástica de ligações inadvertidamente desconhecidas, que se torna possível a liberdade anônima.</p>	<p>Externa: quarto da menina</p> <p>A filha (como se fosse a boneca) diz logo, o que você quer?</p> <p>(Como a voz de um homem, criando o personagem do homem com o dedo) quanto custa?</p> <p>A boneca fica jogada no chão. <i>Close</i></p>
---	--

Cena Dois –

Sequência de imagens (Início da noite):

EXTERNA – RUA

(Homem da pasta surge andando apressado. Olha para o relógio.)

Narradora – Esse homem banal, com sua gravata banal e seu olhar banal, corre nesse dia banal em direção a algo que ele simplesmente...

EXTERNA – PAREDE DAS TRAVESTIS

(Plano sequência. Câmara se desloca lentamente diante da parede de travestis onde se revela uma série delas. Algumas encostadas, outras

sentadas, outras na beira da calçada esperando a chegada de clientes. Todas entediadas. Sentada sob uma árvore, o rosto de Veruska. Close no rosto que revela uma sensação de dor.)

Narradora – Preferia que não fosse real.

(Plano geral. Um punhado de travestis encostadas no muro, algumas na beira da calçada, esperando a passagem de carros. Close nos olhos de Veruska.)

EXTERNA – RUA

(Homem tatuado para no semáforo.)

Narradora – Como ele pretende fazer algo com seu corpo, mas não sabe exatamente o quê.

269

INTERNA – COZINHA DA Mulher – *(Mulher mexe com uma colher a mistura da panela.)*

Narradora – Ela também não sabe o que fazer com suas mãos, que já se cansaram de fazer o que fazem há anos.

INTERNA – QUARTO DA MENINA

(Menina brinca com a boneca. Close nas mãos da menina.)

Narradora – Enquanto ela ainda aprende a brincar com as suas...

EXTERNA – PAREDE DAS TRAVESTIS

(Homem da Pasta percebe a presença de Veruska. Aproxima-se, senta-se ao seu lado. Homem da Pasta se aproxima. Silêncio entre ambos. Um sentado ao lado do outro. Mais silêncio.)

270 Narradora – Ele passou dias imaginando como começar esse diálogo. Pensou em falar da beleza dos olhos dela ou ainda das suas mãos. Pensou até em começar falando sobre desejo, mas ele não teria coragem de falar disso. Então, decidiu-se: ia dizer a primeira coisa que lhe passasse pela cabeça. Algo que fugisse do seu controle racional exagerado, de que tantas vezes os amigos de escritório zombavam. Fechou os olhos, abriu a sua boca vacilante e disse:

Homem da Pasta – Bonito relógio o seu!

Veruska – Gostou?

Homem da Pasta – Gostei. Marca boa. Eu trabalhei como relojoeiro. Ali na Barão. Trabalhei cinco anos. Depois fui aprovado prum concurso federal e larguei. Estabilidade é melhor, sabe como é? Difícil trabalhar com relojoaria hoje, ainda mais com o relógio digital. Ninguém quer saber mais de ouvir tique-taque, ter que dar corda...

Veruska – Sei.

Homem da Pasta – Eu adorava trabalhar com isso. O relógio tem uma coisa especial. Adorava aquele barulhinho. Tique-taque, tique-taque, tique-taque. É uma maravilha de Deus.

Veruska – Mas quando a gente esquece de dar corda, atrapalha tudo.

Homem da Pasta – Mas com o contrabando todo do Paraguai, tem um monte de gente comprando relógio digital baratinho falsificado. Isso é um crime. Não se pode brincar com uma coisa dessas. Depois de uma semana, o relógio já está quebrado. Mas as pessoas precisam saber as horas. O mundo é controlado pelas horas. O dia, a noite, o trabalho, tudo. Eu tenho hora pra tudo... Tá aí uma coisa que eu aprendi na relojoaria. Relógio é uma coisa muito séria. Sabia que dá pra saber se o relógio é de qualidade de longe?

271

Veruska – É?

Homem da Pasta – Engraçado, né? A experiência faz a gente distinguir as coisas. Reconheço só de olhar o legítimo e o falsificado na hora.

Veruska – É. (Ajeita o peito de silicone) Depende do que você entende por falsificado.

(Pausa longa. Olhares entre ambos.)

Narradora – Ele observa os peitos dela por um segundo, são como dois ponteiros. (*Close nos seios dela*) Então, ele se desligou daquele lugar. Como todos os relógios ali eram digitais, ele ficou imaginando o som do relógio de corda em sua cabeça... E se lembrou daquele tempo em que era bom ouvir o som de muitos relógios de corda na loja. Em sua cabeça, voltou o tique-taque perfeito de um relógio bom e antigo.

(Ouve-se o som do tique-taque. É o mesmo som do tique-taque do relógio da sala de jantar.)

Homem da Pasta – Onde você comprou o teu?

272

Veruska – Diz logo. O que você quer?

(Pausa assustada do homem da pasta.)

Homem da Pasta (*Subitamente sério e objetivo, com desejo*) – Quanto custa?

Veruska – Depende.

Homem da Pasta – Tudo.

Veruska – 100.

Homem da Pasta – Eu tenho 50.

Veruska – Serve.

Homem da Pasta – Onde?

Veruska – No meu apartamento. Fica aqui mesmo, na praça.

Homem da Pasta – Mas é seguro?

Veruska – Claro.

Cena Três

EXTERNA – ENTRADA DA LOJA DE TATUAGENS
(Homem tatuado chega na loja de tatuagens. Olha a vitrine.)

Narradora – Ele está ansioso pela rosa. Prometeu a si mesmo que ia ter a rosa tatuada, ia carregar no corpo a marca eterna da flor vermelha. Mesmo que tudo acabasse amanhã, o ombro dele ia carregar essa lembrança até quando a pele ficasse flácida e finalmente se deteriorasse.

273

(O tatuador, com o rosto todo tatuado, vem até a porta. Abre.)

Tatuador – Chegou cedo.

(O homem tatuado entra.)

Interna – Sala de jantar com um imenso relógio na parede. Tique-taque é ouvido.

(Mãe começa a servir a mesa. Avô sentado jogando palavras cruzadas. Close nas palavras cruzadas. Close na mãe.)

Narradora – Ela odeia ter que fazer isso todas as noites, como se fosse um ritual obrigatório de infelicidade. Sua voz suave disfarça a tristeza dessa existência.

Mãe – Mariana! Papai!

(O velho desliga a TV e se levanta da cadeira. A menina se levanta carregando a boneca.)

274

Cena Quatro

Interna. Quarto da Veruska.

(Homem da pasta entra no quarto com Veruska. O quarto é todo rosa. Paredes, cama, chão. Incrivelmente rosa. Ele fica inseguro diante de tanta radicalidade rosa. Segura a pasta debaixo do braço com violência.)

Narradora – Ele quase se arrepende, ele ameaça se arrepender... Mas o silêncio do quarto o invade e cancela o medo.

Veruska – Fica à vontade!

(Homem da pasta olha em volta, com receio.)

Tem medo. Ela sorri para ele.)

Homem da Pasta – Aqui é seguro, né?

Veruska – O meu quarto é mais seguro do que uma igreja.

Homem da Pasta – Sabe... Eu gosto de privacidade, sou cuidadoso, eu tenho família

Veruska – Eu também tenho família.

Homem da Pasta – Mas é diferente... É que faz tempo que eu não... Eu não... Faço...

(Pausa.)

275

Veruska – Deve fazer muito tempo mesmo. Tira a camisa, amor.

(Homem da pasta tira a camisa confusa e lentamente.)

Veruska – Eu acredito em você. Por que você ia precisar mentir para alguém como eu?

(Silêncio entre ambos. Ela começa a tirar a blusa.)

Homem da Pasta – Eu tinha um amigo que a gente... Um vizinho, era uma pessoa da minha igreja...

(Pausa.)

Veruska – Todo mundo tem um vizinho.

Homem da Pasta – É... Todo mundo tem um vizinho. Ele era *motoboy*. Já estava pra largar o negócio. Não tinha mais idade pra ser *motoboy*. Ia ser promovido. Morreu antes da promoção chegar. Faz dez anos, vai fazer dez anos em agosto. Num acidente de moto. Estava sem capacete, 120 ou 140 na Marginal, atrasado para fazer uma entrega. O corpo ficou irreconhecível, metade da tampa do cérebro caiu pra fora. O miolo dele ficou esparramado no asfalto da Marginal e os carros nem perceberam, foram passando por cima. Caixaão lacrado. Faz dez anos que eu não me lembro o que estou fazendo por aqui. *(Pausa)* E eu também estou morto. Faz dez anos. Sou daqueles mortos que podem ir a pé pro cemitério.

276

(Pausa.)

Homem da Pasta – Por que é que eu to falando isso? Sei lá... *(Pausa. Longo silêncio repleto de olhares entre eles.)*

(Close em Veruska. Ela olha para a tatuagem da rosa em seu ombro. Acaricia a tatuagem.)

Homem da Pasta – Você tem alguém?

Veruska – Todo mundo tem alguém. De um jeito ou de outro, todo mundo tem alguém.

Homem da Pasta – É.

Veruska (*Insinuando-se, doce mas extremamente profissional*) – Então? Por onde é que a gente começa?

(Toca um celular. Ela pega o aparelho, olha no visor e desliga. Ele olha para ela com espanto. Close no seu olhar perdido. Tomada de Veruska, angústia em seu olhar, uma angústia de bancário.)

277

Cena Cinco

Interior. Sala de jantar da família.

(Mãe desliga o telefone. Close da boneca. A Boneca está sentada diante do prato vazio. Mãe senta-se e começa a jantar com a menina e o avô. Silêncio. Ouve-se o som do tique-taque do relógio da parede.)

Narradora – O tique-taque passa despercebido pelos três. Afinal, eles não sabem, mas nenhum deles está sentado ali com a sua mente.

A Filha (*Brincando com a boneca, dublando sua voz*) – Por onde a gente começa?

Mulher – Vamos começar pela comida, filha.

(A família come em silêncio. Uma cadeira vazia. Close nos olhos da mãe. Angústia.)

INTERIOR. LOJA DE TATUAGENS.

(Close nos olhos do homem tatuado. Dor. Homem tatuado começa a sentir as picadas da tatuagem. Close no esboço de uma tatuagem imensa de flor no ombro. Idêntica à de Veruska. Um grito abafado de dor do homem tatuado.)

Homem Tatuado – Já acabou?

278 Tatuador – Se você quiser que fique bom, vai ter que aguentar a dor. Tatuagem boa é aquela que dói.

(Close no rosto do homem tatuado.)

Narradora – E ele pensou, nela, na flor, na dor da flor.

Homem Tatuado *(Para si mesmo)* – Um amor bom também tem que doer.

Cena Seis

INTERNA – QUARTO ROSA DA VERUSKA

(Close na tatuagem de flor no seu ombro.)

INTERNA – LOJA DE TATUAGEM

(Close na nota de cinquenta reais saindo da mão do homem tatuado para a mão do tatuador.)

INTERNA – QUARTO ROSA DA VERUSKA

(Close na nota de cinquenta reais saindo da mão do homem da pasta para Veruska. Homem da pasta está só de cueca. Começa a vestir a camisa. Veruska começa a colocar a sua meia fina. De repente, ele para de se vestir e vê a boneca sentada em uma cadeira. Close na boneca, que parece derramar uma lágrima.)

Narradora *(Enquanto a câmera se fixa no olhar da boneca.)* – E essa sou eu. Uma legítima boneca globalizada, *made in China*, importada via Paraguai. Ele tinha se esquecido de que tinha sido ele mesmo quem me trouxe até aquele quarto. Mas ao olhar para mim, ele se lembrou de todas as outras bonecas que já tinha comprado, dado, abraçado. E um arrependimento colossal tomou conta do seu corpo.

(Ele olha para o outro lado e vê, caindo de sua maleta, a Bíblia aberta. Ele se desespera.)

Homem da Pasta – Por que eu fiz isso? Por quê? Eu não mereço essa vida. Perdão, senhor! Perdão, meu Deus! O meu lugar é no inferno. No

inferno. Eu devia morrer queimado no inferno faz tempo. Por quê?

Veruska (*Calmamente, acabando de arrumar a sua meia fina, que apresenta um buraco*) – Calma, querido, calma. Por que esse desespero?

Homem da Pasta – Eu não sou nada! Sou um pecador. Não sou digno. Eu quero ir pro inferno! Me levem pro inferno! Eu quero ir pro inferno!

Veruska – Não existe inferno fora daqui, meu amor. Não existe. O inferno é aqui mesmo, você não sabia? Vai dizer que nunca percebeu isso? Na rua, busque nos olhos das pessoas, quando elas passam assim, meio distraídas, meio ausentes, no vazio dos olhos delas, você nunca percebeu que eles pegavam fogo?

Homem da Pasta (*Chorando*) – Eu queria desaparecer, apagar tudo... Eu queria desaparecer, num raio, num ataque de coração, num assalto, num acidente qualquer, tropeçando numa escada, sei lá. Tanta gente morre de maneiras tão estúpidas, de repente. Por que os que não querem mais viver têm que ficar vagando como zumbis?... Eu queria morrer de repente, de uma forma estúpida! (Pausa) Na Marginal. Como ele. Queria morrer num caixão lacrado. Lacrado, escuro, escuro, muito escuro... Ninguém ia ter que

ficar constrangido pra chorar tendo que olhar pra minha cara azul.

Veruska (*Olhando para a sua tatuagem, passa os dedos suavemente sobre ela. Passa a mão na cabeça dele, que vai se acalmado*) – Às vezes, eu não consigo dormir. De madrugada, eu também fico pensando na morte. Então me levanto, tiro toda a minha roupa, fico nua, me olho no espelho durante alguns minutos. Imagino que meu corpo seria perfeito, o corpo da mulher que eu nunca fui, que eu nunca vou ser. Então vou até a janela do quarto. Fico olhando o sino da igreja e sentindo o vento que bate na minha cara. O vento... O vento fresco me alivia essa dor do que eu não sou. E me vem um prazer do vento que bate na minha cara e me seduz. É um sedutor cheio de vida. Olho de novo para a igreja e olho lá pra baixo, para a calçada. Então penso que eu podia voar com o vento. Daí, fico de novo em paz ao sentir a vida do vento. E eu me esqueço de mim mesma. Só então eu consigo dormir.

281

(Homem da pasta arruma sua maleta, angustiado.)

Narradora – Ele foi tomado por uma vontade louca de fugir. Fugir dela, do quarto rosa da cama rosa, da parede rosa. Fugir dele mesmo. Fugir até mesmo da sua voz, que quase nem saiu...

Homem da Pasta – Eu já te paguei, né? *(Ela acena com a cabeça)* Obrigado. *(Sai correndo)*

Veruska *(Depois da porta fechar-se)* – Apareça quando quiser.

(Veruska vai até a janela. A brisa fresca bate no seu rosto. Câmera passa por ela e vai até a boneca na cadeira.)

Cena Sete

NOITE

INTERNA – QUARTO DA MENINA

282 *(Menina na janela sente o vento.)*

Cena Oito

EXTERNA – RUA NOITE

(Homem andando pelas ruas, ansioso esbarrando em pessoas. Esbarra no homem-sanduíche.)

INTERNA – QUARTO DE VERUSKA NOITE

(Veruska na janela sente o vento.)

Cena Nove

INTERNA – SALA DE TV

(Avô assiste a um filme antigo. Chega homem da pasta.)

Homem da Pasta – Boa-noite!

(Avô não responde.)

INTERNA – SALA DE JANTAR DA FAMÍLIA.

(A mãe está sentada, olhar perdido, pratos vazios. O tique-taque do relógio soa pela sala. Homem da pasta entra.)

Homem da Pasta – Oi.

Mulher – Oi.

(Senta-se. Serve-se. Tudo isso em silêncio.)

Narradora – Os olhos fogem uns dos outros. E se não fosse o silêncio, eles estariam indefesos, um diante do outro. Até que a primeira mentira chegou para proteger a ambos.

283

(Comem em silêncio.)

Homem da Pasta *(Olhando para o prato, se justificando)* – Tive um problema. O meu chefe marcou uma reunião que não acabava nunca.

Mulher – Tentei te ligar no escritório. Depois no celular. Mas você não atendeu.

Homem da Pasta – Desculpe, querida. Eu tava no meio da reunião. E a Mariana?

Mulher – Já foi se deitar. Esqueceu a boneca aqui.

(Homem da pasta olha para a boneca. Close na boneca. Desvia o olhar.)

Mulher – Vou levar para ela.

(Mulher pega a boneca e sai.)

Cena Dez

INTERNA – QUARTO DA TRAVESTI

(Veruska, na janela, sente o vento bater em seu rosto. Homem tatuado entra. Ela finge ignorar sua chegada. Ele vem por trás e a abraça. Os dois se beijam.)

284

Homem Tatuado – Olha a surpresa.

(Mostra o braço, com a tatuagem no ombro, ainda coberto de plástico.)

Veruska – Você não devia ter feito.

Homem Tatuado – Agora você é minha. E eu sou teu. Essa é nossa aliança.

Veruska – E se eu tiver vontade de desenhar um dragão por cima da minha rosa?

Homem Tatuado (*Irritado*) – Eu faço um São Jorge na minha. (*Pausa*) Estou com uma fome. Alguma coisa na geladeira?

Veruska – Dá uma olhada lá.

Homem Tatuado (*Inseguro, indo até a geladeira e abrindo*) – Fez algum hoje?

Veruska – Fiz. O cara da pasta.

Homem Tatuado – De novo?

(Ele se afasta, vai até a geladeira. Ela fica na janela, olhar perdido e melancólico.)

285

Cena Onze

INTERNA – QUARTO DA MENINA

(Close na menina na janela. O vento bate no seu rosto. A boneca está na cama. Pai abre a porta e vê a menina.)

Homem da Pasta – Ainda de pé?

Mariana – Perdi o sono. Por que demorou, pai?

Homem da Pasta – Trabalho. Trabalho. Agora é hora de deitar! Vamos.

(Ela vai para a cama. O pai a beija e a cobre. Fecha a porta. Close na boneca à medida que a porta se fecha, a luz vai embora. Black-out.)

Cena Doze

INTERNA – QUARTO DA VERUSKA

(Veruska na janela, sente a brisa. Homem tatuado pega a boneca que estava sobre a cadeira, se aproxima da janela, deixa a boneca sobre o parapeito, abraça Veruska.)

Narradora – O vento batia no rosto dela e carregava pra longe um a um todos os seus medos e as suas dores. O vento trouxe o esquecimento. E as rosas puderam se encontrar.

(Close nos ombros dos dois, veem-se as duas rosas, que agora estão próximas.)

Cena Treze

INTERNA – QUARTO DO CASAL

(Ela, deitada. Ele, sentado na cama. Olhar perdido. Vai até a janela. Sente a brisa.)

Mulher – Fecha a janela, querido. Com esse vento, eu vou acabar pegando um resfriado.

(Homem da pasta olha para a mulher deitada, volta o olhar para fora.)

SUCCESSÃO DE IMAGENS:

INTERNA – QUARTO DE VERUSKA

(Close na boneca no parapeito da janela, o vento bate nela. Sons da transa entre Veruska e o Homem tatuado.)

INTERNA – QUARTO DA MENINA

(Close na boneca e na menina deitadas na cama. A janela se abre. Vento muito forte.)

INTERNA – QUARTO DO CASAL

Mulher – O vento! Eu estou sentindo frio!

(Homem da pasta fecha a janela. Com a cara no vidro e uma mão escorrendo pela janela.)

287

INTERNA – QUARTO DE VERUSKA

(Close no parapeito da janela. Vento. Boneca cai.)

INTERNA – SALA DE TV

(O avô dorme diante da TV. Vê-se a imagem do filme em 3 segundos. Ouve-se o tique-taque de um relógio. Do lado, vê-se um aparador com um relógio e cheio de porta-retratos. Câmera se aproxima, passa pelos porta-retratos. Num deles, a foto de todas as personagens juntas, numa tradicional foto de família.)

Fim

Índice

No Passado Está a História do Futuro – Alberto Goldman	5
Coleção Aplauso – Hubert Alquéres	7
Do Cosmo ao Quarto – Silvana Garcia	11
Cosmogonia – Experimento nº 1	25
Sobre Ventos na Fronteira	49
Transex	115
Kaspar ou a Triste História do Pequeno Rei do Infinito Arrancado de sua Casca de Noz	175
O Vento nas Janelas	259

Crédito das Fotografias

Edu Castanho 26

Guilherme C. 50

André Stefano 116

Hélio Dusk 176

Jair Bertolucci 260

A despeito dos esforços de pesquisa empreendidos pela Editora para identificar a autoria das fotos expostas nesta obra, parte delas não é de autoria conhecida de seus organizadores.

Agradecemos o envio ou comunicação de toda informação relativa à autoria e/ou a outros dados que porventura estejam incompletos, para que sejam devidamente creditados.

Coleção Aplauso

Série Cinema Brasil

Alain Fresnot – Um Cineasta sem Alma

Alain Fresnot

Agostinho Martins Pereira – Um Idealista

Máximo Barro

Alfredo Sternheim – Um Insólito Destino

Alfredo Sternheim

O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias

Roteiro de Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muylaert e Cao Hamburger

Anselmo Duarte – O Homem da Palma de Ouro

Luiz Carlos Merten

Antonio Carlos da Fontoura – Espelho da Alma

Rodrigo Murat

Ary Fernandes – Sua Fascinante História

Antônio Leão da Silva Neto

O Bandido da Luz Vermelha

Roteiro de Rogério Sganzerla

Batismo de Sangue

Roteiro de Dani Patarra e Helvécio Ratton

Bens Confiscados

Roteiro comentado pelos seus autores Daniel Chaia e Carlos Reichenbach

Braz Chediak – Fragmentos de uma Vida

Sérgio Rodrigo Reis

Cabra-Cega

Roteiro de Di Moretti, comentado por Toni Venturi e Ricardo Kauffman

O Caçador de Diamantes

Roteiro de Vittorio Capellaro, comentado por Máximo Barro

Carlos Coimbra – Um Homem Raro

Luiz Carlos Merten

Carlos Reichenbach – O Cinema Como Razão de Viver

Marcelo Lyra

A Cartomante

Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

Casa de Meninas

Romance original e roteiro de Inácio Araújo

O Caso dos Irmãos Naves

Roteiro de Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person

O Céu de Suely

Roteiro de Karim Aïnouz, Felipe Bragança e Maurício Zacharias

Chega de Saudade

Roteiro de Luiz Bolognesi

Cidade dos Homens

Roteiro de Elena Soárez

Como Fazer um Filme de Amor

Roteiro escrito e comentado por Luiz Moura e José Roberto Torero

O Contador de Histórias

Roteiro de Luiz Villaça, Mariana Veríssimo, Maurício Arruda e José Roberto Torero

Críticas de B.J. Duarte – Paixão, Polêmica e Generosidade

Luiz Antonio Souza Lima de Macedo

Críticas de Edmar Pereira – Razão e Sensibilidade

Org. Luiz Carlos Merten

***Críticas de Jairo Ferreira – Críticas de invenção:
Os Anos do São Paulo Shimbun***

Org. Alessandro Gamo

***Críticas de Luiz Geraldo de Miranda Leão –
Analisando Cinema: Críticas de LG***

Org. Aurora Miranda Leão

Críticas de Ruben Biáfora – A Coragem de Ser

Org. Carlos M. Motta e José Júlio Spiewak

De Passagem

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

Desmundo

Roteiro de Alain Fresnot, Anna Muylaert e Sabina Anzuategui

Djalma Limongi Batista – Livre Pensador

Marcel Nadale

Dogma Feijoada: O Cinema Negro Brasileiro

Jeferson De

Dois Córregos

Roteiro de Carlos Reichenbach

A Dona da História

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

Os 12 Trabalhos

Roteiro de Cláudio Yosida e Ricardo Elias

Estômago

Roteiro de Lusa Silvestre, Marcos Jorge e Cláudia da Natividade

Feliz Natal

Roteiro de Selton Mello e Marcelo Vindicatto

Fernando Meirelles – Biografia Prematura

Maria do Rosário Caetano

Fim da Linha

Roteiro de Gustavo Steinberg e Guilherme Werneck; Storyboards de Fábio Moon e Gabriel Bá

Fome de Bola – Cinema e Futebol no Brasil

Luiz Zanin Oricchio

Francisco Ramalho Jr. – Éramos Apenas Paulistas

Celso Sabadin

Geraldo Moraes – O Cineasta do Interior

Klecius Henrique

Guilherme de Almeida Prado – Um Cineasta Cinéfilo

Luiz Zanin Oricchio

Helvécio Ratton – O Cinema Além das Montanhas

Pablo Villaça

O Homem que Virou Suco

Roteiro de João Batista de Andrade, organização de Ariane Abdallah e Newton Cannito

Ivan Cardoso – O Mestre do Terrir

Remier

João Batista de Andrade – Alguma Solidão e Muitas Histórias

Maria do Rosário Caetano

Jorge Bodanzky – O Homem com a Câmera

Carlos Alberto Mattos

José Antonio Garcia – Em Busca da Alma Feminina

Marcel Nadale

José Carlos Burle – Drama na Chanchada

Máximo Barro

Liberdade de Imprensa – O Cinema de Intervenção

Renata Fortes e João Batista de Andrade

Luiz Carlos Lacerda – Prazer & Cinema

Alfredo Sternheim

Maurice Capovilla – A Imagem Crítica

Carlos Alberto Mattos

Mauro Alice – Um Operário do Filme

Sheila Schwarzman

Máximo Barro – Talento e Altruísmo

Alfredo Sternheim

Miguel Borges – Um Lobisomem Sai da Sombra

Antônio Leão da Silva Neto

Não por Acaso

Roteiro de Philippe Barcinski, Fabiana Werneck Barcinski
e Eugênio Puppó

Narradores de Javé

Roteiro de Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

Olhos Azuis

Argumento de José Joffily e Jorge Duran
Roteiro de Jorge Duran e Melanie Dimantas

Onde Andará Dulce Veiga

Roteiro de Guilherme de Almeida Prado

Orlando Senna – O Homem da Montanha

Hermes Leal

Pedro Jorge de Castro – O Calor da Tela

Rogério Menezes

Quanto Vale ou É por Quilo

Roteiro de Eduardo Benaim, Newton Cannito e Sergio Bianchi

Ricardo Pinto e Silva – Rir ou Chorar

Rodrigo Capella

Rodolfo Nanni – Um Realizador Persistente

Neusa Barbosa

Salve Geral

Roteiro de Sergio Rezende e Patrícia Andrade

O Signo da Cidade

Roteiro de Bruna Lombardi

Ugo Giorgetti – O Sonho Intacto

Rosane Pavam

Viva-Voz

Roteiro de Márcio Alemão

Vladimir Carvalho – Pedras na Lua e Pelejas no Planalto

Carlos Alberto Mattos

Vlado – 30 Anos Depois

Roteiro de João Batista de Andrade

Zuzu Angel

Roteiro de Marcos Bernstein e Sergio Rezende

Série Cinema

Bastidores – Um Outro Lado do Cinema

Elaine Guerini

Série Ciência & Tecnologia

Cinema Digital – Um Novo Começo?

Luiz Gonzaga Assis de Luca

A Hora do Cinema Digital – Democratização e Globalização do Audiovisual

Luiz Gonzaga Assis De Luca

Série Crônicas

Crônicas de Maria Lúcia Dahl – O Quebra-cabeças

Maria Lúcia Dahl

Série Dança

Rodrigo Pederneiras e o Grupo Corpo – Dança Universal

Sérgio Rodrigo Reis

Série Música

Maestro Diogo Pacheco – Um Maestro para Todos

Alfredo Sternheim

Rogério Duprat – Ecletismo Musical

Máximo Barro

Sérgio Ricardo – Canto Vadio

Eliana Pace

Wagner Tiso – Som, Imagem, Ação

Beatriz Coelho Silva

Série Teatro Brasil

Alcides Nogueira – Alma de Cetim

Tuna Dwek

Antenor Pimenta – Circo e Poesia

Danielle Pimenta

Cia de Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral

Alberto Guzik

Críticas de Clóvis Garcia – A Crítica Como Ofício

Org. Carmelinda Guimarães

Críticas de Maria Lucia Candeias – Duas Tábuas e Uma Paixão

Org. José Simões de Almeida Júnior

Federico Garcia Lorca – Pequeno Poema Infinito

Antonio Gilberto e José Mauro Brant

Ilo Krugli – Poesia Rasgada

Ieda de Abreu

João Bethencourt – O Locatário da Comédia

Rodrigo Murat

José Renato – Energia Eterna

Hersch Basbaum

Leilah Assumpção – A Consciência da Mulher

Eliana Pace

Luís Alberto de Abreu – Até a Última Sílab

Adélia Nicolete

Maurice Vaneau – Artista Múltiplo

Leila Corrêa

Renata Palottini – Cumprimenta e Pede Passagem

Rita Ribeiro Guimarães

Teatro Brasileiro de Comédia – Eu Vivi o TBC

Nydia Licia

O Teatro de Abílio Pereira de Almeida

Abílio Pereira de Almeida

O Teatro de Aimar Labaki

Aimar Labaki

O Teatro de Alberto Guzik

Alberto Guzik

O Teatro de Antonio Rocco

Antonio Rocco

O Teatro de Cordel de Chico de Assis

Chico de Assis

O Teatro de Emílio Boechat

Emílio Boechat

***O Teatro de Germano Pereira – Reescrevendo
Clássicos***

Germano Pereira

O Teatro de José Saffioti Filho

José Saffioti Filho

***O Teatro de Alcides Nogueira – Trilogia: Ópera
Joyce – Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso –
Pólvora e Poesia***

Alcides Nogueira

***O Teatro de Ivam Cabral – Quatro textos para um tea-
tro veloz: Faz de Conta que tem Sol lá Fora – Os Cantos
de Maldoror – De Profundis – A Herança do Teatro***

Ivam Cabral

***O Teatro de Noemi Marinho: Fulaninha e Dona
Coisa, Homeless, Cor de Chá, Plantonista Vilma***

Noemi Marinho

Teatro de Revista em São Paulo – De Pernas para o Ar

Neyde Veneziano

***O Teatro de Samir Yazbek: A Entrevista –
O Fingidor – A Terra Prometida***

Samir Yazbek

O Teatro de Sérgio Roveri

Sérgio Roveri

***Teresa Aguiar e o Grupo Rotunda – Quatro Décadas
em Cena***

Ariane Porto

Série Perfil

Analy Alvarez – De Corpo e Alma

Nicolau Radamés Creti

Aracy Balabanian – Nunca Fui Anjo

Tania Carvalho

Arlete Montenegro – Fé, Amor e Emoção

Alfredo Sternheim

Ary Fontoura – Entre Rios e Janeiros

Rogério Menezes

Berta Zemel – A Alma das Pedras

Rodrigo Antunes Corrêa

Bete Mendes – O Cão e a Rosa

Rogério Menezes

Betty Faria – Rebelde por Natureza

Tania Carvalho

Carla Camurati – Luz Natural

Carlos Alberto Mattos

Cecil Thiré – Mestre do seu Ofício

Tania Carvalho

Celso Nunes – Sem Amarras

Eliana Rocha

Cleyde Yaconis – Dama Discreta

Vilmar Ledesma

David Cardoso – Persistência e Paixão

Alfredo Sternheim

Débora Duarte – Filha da Televisão

Laura Malin

Denise Del Vecchio – Memórias da Lua

Tuna Dwek

Elisabeth Hartmann – A Sarah dos Pampas

Reinaldo Braga

Emiliano Queiroz – Na Sobremesa da Vida

Maria Leticia

Emilio Di Biasi – O Tempo e a Vida de um Aprendiz

Erika Riedel

Etty Fraser – Virada Pra Lua

Vilmar Ledesma

***Ewerton de Castro – Minha Vida na Arte:
Memória e Poética***

Reni Cardoso

Fernanda Montenegro – A Defesa do Mistério

Neusa Barbosa

Fernando Peixoto – Em Cena Aberta

Marília Balbi

Geórgia Gomide – Uma Atriz Brasileira

Eliana Pace

Gianfrancesco Guarnieri – Um Grito Solto no Ar

Sérgio Roveri

Glauco Mirko Laurelli – Um Artesão do Cinema

Maria Angela de Jesus

Ilka Soares – A Bela da Tela

Wagner de Assis

Irene Ravache – Caçadora de Emoções

Tania Carvalho

Irene Stefania – Arte e Psicoterapia

Germano Pereira

Isabel Ribeiro – Iluminada

Luis Sergio Lima e Silva

Isolda Cresta – Zozô Vulcão

Luis Sérgio Lima e Silva

Joana Fomm – Momento de Decisão

Vilmar Ledesma

John Herbert – Um Gentleman no Palco e na Vida

Neusa Barbosa

Jonas Bloch – O Ofício de uma Paixão

Nilu Lebert

Jorge Loredo – O Perigote do Brasil

Cláudio Fragata

José Dumont – Do Cordel às Telas

Klecius Henrique

Leonardo Villar – Garra e Paixão

Nydia Licia

Lília Cabral – Descobrimo Lília Cabral

Analu Ribeiro

Lolita Rodrigues – De Carne e Osso

Eliana Castro

Louise Cardoso – A Mulher do Barbosa

Vilmar Ledesma

Marcos Caruso – Um Obstinado

Eliana Rocha

Maria Adelaide Amaral – A Emoção Libertária

Tuna Dwek

Marisa Prado – A Estrela, O Mistério

Luiz Carlos Lisboa

Mauro Mendonça – Em Busca da Perfeição

Renato Sérgio

Miriam Mehler – Sensibilidade e Paixão

Vilmar Ledesma

Naum Alves de Souza: Imagem, Cena, Palavra

Alberto Guzik

Nicette Bruno e Paulo Goulart – Tudo em Família

Elaine Guerrini

Nívea Maria – Uma Atriz Real

Mauro Alencar e Eliana Pace

Niza de Castro Tank – Niza, Apesar das Outras

Sara Lopes

Paulo Betti – Na Carreira de um Sonhador
Teté Ribeiro

Paulo José – Memórias Substantivas
Tania Carvalho

Paulo Hesse – A Vida Fez de Mim um Livro e Eu Não Sei Ler
Eliana Pace

Pedro Paulo Rangel – O Samba e o Fado
Tania Carvalho

Regina Braga – Talento é um Aprendizado
Marta Góes

Reginaldo Faria – O Solo de Um Inquieto
Wagner de Assis

Renata Fronzi – Chorar de Rir
Wagner de Assis

Renato Borghi – Borghi em Revista
Élcio Nogueira Seixas

Renato Consorte – Contestador por Índole
Eliana Pace

Rolando Boldrin – Palco Brasil
Ieda de Abreu

Rosamaria Murtinho – Simples Magia
Tania Carvalho

Rubens de Falco – Um Internacional Ator Brasileiro
Nydia Licia

Ruth de Souza – Estrela Negra
Maria Ângela de Jesus

Sérgio Hingst – Um Ator de Cinema
Máximo Barro

Sérgio Viotti – O Cavalheiro das Artes

Nilu Lebert

Silnei Siqueira – A Palavra em Cena

Ieda de Abreu

Silvio de Abreu – Um Homem de Sorte

Vilmar Ledesma

Sônia Guedes – Chá das Cinco

Adélia Nicolete

Sonia Maria Dorce – A Queridinha do meu Bairro

Sonia Maria Dorce Armonia

Sonia Oiticica – Uma Atriz Rodriguiana?

Maria Thereza Vargas

Stênio Garcia – Força da Natureza

Wagner Assis

Suely Franco – A Alegria de Representar

Alfredo Sternheim

Tatiana Belinky – ... E Quem Quiser Que Conte Outra

Sérgio Roveri

Theresa Amayo – Ficção e Realidade

Theresa Amayo

Tony Ramos – No Tempo da Delicadeza

Tania Carvalho

Umberto Magnani – Um Rio de Memórias

Adélia Nicolete

Vera Holtz – O Gosto da Vera

Analu Ribeiro

Vera Nunes – Raro Talento

Eliana Pace

Walderez de Barros – Voz e Silêncios

Rogério Menezes

Walter George Durst – Doce Guerreiro

Nilu Lebert

Zezé Motta – Muito Prazer

Rodrigo Murat

Especial

Agildo Ribeiro – O Capitão do Riso

Wagner de Assis

Av. Paulista, 900 – a História da TV Gazeta

Elmo Francfort

Beatriz Segall – Além das Aparências

Nilu Lebert

Carlos Zara – Paixão em Quatro Atos

Tania Carvalho

Célia Helena – Uma Atriz Visceral

Nydia Licia

Charles Möeller e Claudio Botelho – Os Reis dos Musicais

Tania Carvalho

Cinema da Boca – Dicionário de Diretores

Alfredo Sternheim

Dina Sfat – Retratos de uma Guerreira

Antonio Gilberto

Eva Todor – O Teatro de Minha Vida

Maria Angela de Jesus

Eva Wilma – Arte e Vida

Edla van Steen

Gloria in Excelsior – Ascensão, Apogeu e Queda do Maior Sucesso da Televisão Brasileira

Álvaro Moya

Lembranças de Hollywood

Dulce Damasceno de Britto, organizado por Alfredo Sternheim

Maria Della Costa – Seu Teatro, Sua Vida

Warde Marx

Mazzaropi – Uma Antologia de Risos

Paulo Duarte

Ney Latorraca – Uma Celebração

Tania Carvalho

***Odorico Paraguaçu: O Bem-amado de Dias
Gomes – História de um Personagem Larapista e
Maquiavelento***

José Dias

Raul Cortez – Sem Medo de se Expor

Nydia Licia

Rede Manchete – Aconteceu, Virou História

Elmo Francfort

Sérgio Cardoso – Imagens de Sua Arte

Nydia Licia

Tônia Carrero – Movida pela Paixão

Tania Carvalho

TV Tupi – Uma Linda História de Amor

Vida Alves

Victor Berbara – O Homem das Mil Faces

Tania Carvalho

***Walmor Chagas – Ensaio Aberto para Um Homem
Indignado***

Djalma Limongi Batista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**

García Vásquez, Rodolfo

Quatro textos e um roteiro / Rodolfo Garcia Vásquez –
São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

312p. il. – (Coleção aplauso. Série teatro Brasil /
coordenador geral Rubens Ewald Filho).

Conteúdo: Cosmogonia – Experimento n. 1; Sobre
ventos nas fronteiras; Transex; Kaspar ou a Triste história
do pequeno rei do infinito arrancado de sua casca de noz;
O vento nas janelas.

ISBN 978- 85-7060-854-3

1. Peças de teatro 3. Teatro brasileiro 3. Teatro –
História e crítica 4. Cinema – Roteiros I. Ewald Filho, Rubens
II. Título. III. Série.

CDD 792.081
809.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Dramaturgos brasileiros : Crítica e interpretação 792.081
2. Teatro : Literatura : História e crítica 809.2

Proibida reprodução total ou parcial sem autorização
prévia do autor ou dos editores
Lei nº 9.610 de 19/02/1998

Foi feito o depósito legal
Lei nº 10.994, de 14/12/2004

Impresso no Brasil / 2010

Todos os direitos reservados.

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Rua da Mooca, 1921 Mooca
03103-902 São Paulo SP
www.imprensaoficial.com.br/livraria
livros@imprensaoficial.com.br
SAC 0800 01234 01
sac@imprensaoficial.com.br

Coleção Aplauso Série Teatro Brasil

Coordenador Geral	Rubens Ewald Filho
Coordenador Operacional e Pesquisa Iconográfica	Marcelo Pestana
Projeto Gráfico	Carlos Cirne
Editor Assistente	Claudio Erlichman
Assistente	Karina Vernizzi
Editoração	Aline Navarro
	Sandra Regina Brazão
Tratamento de Imagens	José Carlos da Silva
Revisão	Wilson Ryoji Imoto

Formato: 12 x 18 cm

Tipologia: Frutiger

Papel miolo: Offset LD 90 g/m²

Papel capa: Triplex 250 g/m²

Número de páginas: 312

Editoração, CTP, impressão e acabamento:
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

*Nesta edição, respeitou-se o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*

Coleção *Aplauso* | em todas as livrarias e no site
www.imprensaoficial.com.br/livraria

Rodolfo García Vázquez é mais conhecido como um dos criadores do grupo Satyros e diretor de seus maiores sucessos. Mas este livro revela uma face igualmente importante, como autor teatral. Como sugere Silvana Garcia, "em seus textos evidencia-se um interesse não apenas de constituir a fábula, mas também de dizer algo sobre o homem, o ser humano". Têm ainda outra característica: suas personagens correspondem muitas vezes a criaturas reais com quem Rodolfo convive, e suas fábulas dramáticas reproduzem episódios vividos ou relatados por elas. Outra dominante de seu teatro é conter já no papel muito do grotesco que emergirá na cena sob a batuta de sua direção. Suas peças sempre contemplam os bastidores, o *bas-fonds*, o interior escuro, as margens, que são tema e cenário das tramas e dramas humanos que retrata. *Cosmogonia – Experimento n.º. 1* (2004) testemunha os instantes derradeiros de um homem em coma, a descrição de uma epifania. 49 minutos de agonia, antes do suspiro final. *Sobre Ventos na Fronteira* adere ao roteiro de *Casablanca* em seus traços essenciais: a fábula, as personagens e a ambientação bebem nessa fonte, mas escapam dela na sua configuração final. *Transex* é uma fantasia uma tragicomédia delirante e surpreendente fábula de um travesti apaixonado por um anjo. Em *Kaspar ou a Triste História do Pequeno Rei do Infinito Arrancado de sua Casca de Noz*, o motivo da inadequação e do ser humano marginalizado é, novamente, a própria essência da personagem e se opõe à sociedade "ajustada". A última parte desta Antologia não é uma peça de teatro, mas um roteiro de teledrama. *O Vento nas Janelas* foi um dos episódios escritos por um conjunto de novos dramaturgos, especialmente para o programa *Direções*, da TV Cultura de São Paulo. Este é mais um lançamento da **Coleção Aplauso da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**.

ISBN 978-85-7060-854-3



9 78 8570 608543